



Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade UnB Planaltina (FUP)
Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC)

LOURIENE FERREIRA DE CASTRO

**O PROJETO DE VIDA DOS JOVENS DA COMUNIDADE KALUNGA
EMA/SOLEDADE DO MUNICÍPIO DE TERESINA DE GOIÁS**

Planaltina-DF

2019

LOURIENE FERREIRA DE CASTRO

**O PROJETO DE VIDA DOS JOVENS DA COMUNIDADE KALUNGA
EMA/SOLEDADE DO MUNICÍPIO DE TERESINA DE GOIÁS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade UnB Planaltina, como requisito parcial
para a obtenção do grau de Licenciada em Educação
do Campo (LEdoC).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Clarice Aparecida dos
Santos.

Planaltina – DF

2019

LOURIENE FERREIRA DE CASTRO

**O PROJETO DE VIDA DOS JOVENS DA COMUNIDADE KALUNGA
EMA/SOLEDADE DO MUNICÍPIO DE TERESINA DE GOIÁS**

Projeto de pesquisa apresentado à Faculdade UnB Planaltina como parte dos requisitos parciais para a obtenção de qualificação à conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Clarice Aparecida dos Santos.

Aprovada em__05 /Agosto/2019.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Clarice Aparecida dos Santos (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Eliene Novaes Rocha

Prof.^o Dr.^o Rafael Litvin Villas Boas

AGRADECIMENTOS

Gratidão, gratidão é a palavra que sinto para agradecer a todas e todos nessa jornada que vivi.

Depois de um longo período, finalizo o meu TCC, depois das inseguranças, sorrir, chorar, conhecer novas pessoas, assuntos novos, novos lugares e me fortalecer cada vez mais como mulher, chego ao fim desta etapa da vida para começar outra.

Primeiramente, agradeço a meu Deus e Deusa e anjos da guarda que me deram forças e que alimentaram o meu espírito e através dos escritos bíblicos para praticar o bem e pensar em uma libertação mental e espiritual que deseja o bem ao próximo para sempre haver respeito recíproco. E, acreditar que o Jesus falado, era da classe trabalhadora e tentou revolucionar a realidade onde estava inserido, tentando fazer o bem para todos e todas, mas que devido ao sistema em que estava vivendo foi podado naquela época, mas não desistiu da luta.

Agradeço a minha linda Flor guerreira, à minha mãe Ester Fernandes de Castro, que sempre me induziu ao bom caminho da vida e que sempre me deu forças para continuar na jornada do curso.

Ao meu pai, Lourival Ferreira de Menezes, por várias vezes ele aprender a ser pai e eu filha e pelas várias coisas que aprendemos juntos.

A todas as pessoas que me inspiraram a continuar, ao dizer que não teve essa oportunidade de estudar. Obrigada, aos anciões da comunidade Ema, por sempre ter a paciência de conversar comigo sobre as suas histórias de vida e por várias vezes me ajudarem na pesquisa de campo. Agradeço em nome da senhora Efigenia, Evangelista, mãe Joana, Simplicio, Eugenio, Romão, Irene, Prima, Joaquim, Sila, Antonio (Tonhá) e Gregorio.

Aos meus avós, que hoje não se encontram entre nós, Augusto Fernandes de Castro, Ozilia Pereira das Virgens e Quirina Ferreira de Menezes que, através do modo de vida em que vivia e através das suas lutas, foram inspirações para que eu pudesse continuar a minha. Em especial, a minha avó Ozilia por cuidar tão bem de mim na ausência da minha mãe e pai, me dando carinho e toda a atenção do mundo, quando eu era criança.

A toda a família e parentes que de alguma forma me ajudaram. Agradeço em nome da minha Prima, Jociele.

Agradeço aos professores revolucionários da UnB, que acreditam que é possível outro modo da sociedade pensar, nos ensinando a real história de onde estamos inseridas(os) e que podemos transforma-lá. Obrigada aos professores e professoras Regina Coelly, Juliana Rocket, Jair Reck, Rafael Villas Boas, Djibi Mané, Rosineide Magalhães, Felipe Canova, Luiz Henrique (Zarref), Ana Cristina, Ana Cotrim, Nathan Pinheiro, Sissi de Almeida, Carol Gomide, Bernad Hermanss, Eliene Novaes e outros, na qual tive oportunidade de estudar e conhecer. Obrigada!

A todos os trabalhadores da Faculdade UnB Planaltina (FUP), faxineiras(os), secretárias(os), coordenadoras(es) a todos e todas que trabalham para o bom funcionamento do campus.

A coordenação, professoras(es), estudantes e auxiliares gerais da Escola Calunga III e Colegio Estadual Joaquim de Sousa Fagundes, por me receberem tão bem e por me proporcionar e vivenciar na prática o mundo escolar.

Agradeço, também, ao Movimento Pela Soberania Popular na Mineração (MAM), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e ao Programa de Educação Tutorial (PET). Por me fazer ir além das disciplinas exigidas na universidade e me mostrar na prática as contradições existentes no mundo capitalista em que vivemos. Através desses projetos, pude conhecer várias pessoas que me deram um grande suporte, do projeto da CAPES. Agradeço em nome da senhora Cylene France, Malu Martins e a professora Regina Coelly, MAM. Agradeço em nome da professora Carol Gomide, Jarbas Viera, e Gracinha Donato e o PET em nome do professor Jair Reck.

À minha querida e linda professora e orientadora, Clarice Aparecida dos Santos, que aceitou de primeira ser minha orientadora, me dando apoio, suporte e por acreditar em mim para escrever sobre o tema.

Aqueles jovens, que eu fiz o meu primeiro teste de entrevistas, e que na qual como eu disse foi o primeiro e não ficaram boas as perguntas da primeira tentativa, obrigada: Edvam, Ester Pereira, Ildeny e Reinam.

Aos jovens que pude contar logo após, para realizar a pesquisa: Jocenira, Jocimar, Ranyelle, Raquel, José Francisco, José Fernandes, Silma, Lucivam, Romario, e Antônia. Obrigada, galera! Por fazer parte dos jovens que pensa em um mundo melhor, só de tirar um pouquinho do tempo de vocês para responder as perguntas. Valeu! Continuaremos, ok? [Risos].

Através de muitos relatos de alguns estudantes que conheci no alojamento, antes mesmo de eu entrar, me motivou e incentivou a estudar na LEdoC me ajudando ter mais coragem e enfrentar os desafios do curso. Foram vários, mas agradeço em nome de alguns que recordo: Vilmar Sousa Costa, Aneli Soares e Maria Helena. E aquelas pessoas que vibraram boas energias, dizendo: - Continua, valerá à pena. Meu muito obrigada!

Não poderia esquecer do quarto 4 do alojamento, na qual as integrantes era: Jucilene (a Deusa dos egípcios [Risos]), Aghata Shopia, Ludmila, Jessica Bernades, Indiara Barbara, Janaina Mendes, Priscila Fernades, Ivia sem “L” e ao meu Colega Salvieno que não era do quarto, mas, que também fazia parte das pessoas na qual convivi mais e por várias vezes haver trocas de preocupações, tristezas e alegrias que vivenciamos durante os quatro anos de curso. Quase esqueço de vocês galera, já pensou? [Risos]. Brincadeira!

Aos meus colegas do curso pela troca de conhecimentos nas aulas, nos grupos de trabalho e outras atividades que surgiram ao longo do curso. Obrigada, a tão conflituosa, revolucionaria e querida turma “ Margarida Alves”.

Obrigada àquelas pessoas da turma que acreditaram em nós, jovens, pois, também não é fácil enfrentar alguns colegas que já têm mais experiência de vida do que nós e as responsabilidades que nos são passadas no curso.

Obrigada as pessoas mais de idade que estudavam juntos com nós e nos mostrando que nunca é tarde para aprender. Willian, minha mãe Ester, Fatima e Merci.

Obrigada aos lutadores e lutadoras da classe trabalhadora e aos revolucionários que defenderam e defendem essa classe.

Gratidão!

RESUMO

O presente trabalho foi realizado na comunidade Ema, uma comunidade Quilombola, situada no norte de Goiás, no município de Teresina de Goiás. É uma comunidade quilombola, pois foi formada por pessoas descendentes de africanos, que foram trazidas para serem escravizadas no Brasil, nas lavouras, mineração e demais trabalhos no país. Os tipos de trabalhos existente no local são a agricultura camponesa, artesanatos, e alguns trabalham para órgãos públicos: Prefeitura e Estado. O presente trabalho analisou os jovens, e as motivações para sair da comunidade e as perspectivas dos mesmos sobre a continuidade e perspectivas de futuro. A análise se deu através do método qualitativo e bibliográfico, pois permitiu estudar a realidade deles e entender de forma mais ampla sobre o que é ser jovem e jovem Quilombola. A Educação do Campo permitiu analisar a concretude do que é o Ser do campo, em específico o jovem Quilombola e as suas realidades. Promovendo assim, ações que estudam a juventude e o que perpassa ser do campo. Com isso, o presente estudo reconheceu a importância de trabalhar com esse público que serão os futuros instrutores de decisões sobre o território na qual pertencem.

Palavras-chave: Jovem. Jovem do Campo. Jovem Quilombola. Educação do Campo.

ABSTRACT

The present research was carried out in the Ema community, it is a Quilombola community, located in the north of Goiás, in the municipality of Teresina de Goiás. It is a quilombola community, because it was formed by people of African descent, who were brought to be enslaved in Brazil, in crops, mining and other jobs in the country. The type of income existing in the place is ancestral knowledge that depends a lot on living nature. The types of jobs are peasant agriculture, handicrafts, and some work for public agencies: City Hall and State. The present work analyzed young people, their motivations for leaving the community and their perspectives on continuity and future perspectives. The analysis took place through the qualitative and bibliographic method, because it allowed to study their reality and to understand more broadly what it is to be young and young Quilombola. The Education of the Field allowed us to analyze the concreteness of the Being of the field, specifically the young Quilombola and its realities. Thus promoting actions that study the youth and what pervades being from the countryside. Thus, the present study recognized the importance of working with this public who will be the future and instructors of decisions about the territory in which they belong.

Keywords: Young. Young from the field. Young Quilombola. Field Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa do Território Kalunga.	12
Figura 2 - Mapa da Comunidade Ema.	13
Figura 3 - Mapa da Comunidade Ema/Soledade e Limoeiro.	13
Figura 4 - Documento do imóvel Ema/Soledade.	34
Figura 5 - Terras Quilombolas tituladas e em processo de titulação.	42
Figura 6 - Faixa etária de 15 a 18 anos; de 19 a 23 anos; e de 24 a 29 anos.	46
Figura 7 - Quantidade de mulheres e de homens.	47
Figura 8 - Local de moradia.	47
Figura 9 - Gênero X Urbano.	48
Figura 10 - Gênero X Rural.	48
Figura 11 - Estado civil.	49
Figura 12 - Filhos.	49
Figura 13 - Tipo de participação.	50
Figura 14 - Participação nos aspectos culturais.	50
Figura 15 - Informação sobre as organizações sociais e comunitárias da comunidade.	51
Figura 16 - Lazer na comunidade.	51
Figura 17 - Jovens que pretendem voltar para a comunidade.	52
Figura 18 - Senhora Prima e Louriene.	120
Figura 19 - Análise das falas dos entrevistados.	121
Figura 20 - Entrevista com os jovens da Comunidade Ema.	1239
Figura 22 – Autorização dos entrevistados.	120

LISTA DE SIGLAS

AQK	Associação Quilombo Kalunga
CEF	Caixa Econômica Federal
FCP	Fundação Cultural Palmares
MCidades	Ministério das Cidades
SEPPIR	Secretária de Igualdade Racial

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1.1 A pesquisa	18
1.2 A metodologia	19
CAPÍTULO 1 – HISTÓRIAS SOBRE A JUVENTUDE DO PASSADO E DO PRESENTE DA COMUNIDADE PELA VOZ DE DONA EFIGÊNIA, SEU ROMÃO E DONA PRIMA, O/AS ANCIÃO/ÂS DA COMUNIDADE EMA	21
CAPÍTULO 2 – JUVENTUDE QUILOMBOLA: UM OLHAR UNIVERSAL AO PARTICULAR DE COMO FOI CLASSIFICADO O SER JOVEM EM GERAL E JOVENS QUILOMBOLAS, NOS ÂMBITOS SOCIAIS, ACADÊMICOS E INSTITUCIONAIS.....	36
CAPÍTULO 3 – A SITUAÇÃO DOS/AS JOVENS DA COMUNIDADE EMA E SEUS PROJETOS DE VIDA	45
3.2 Análise qualitativa	52
3.2.1 <i>Jovens que vivem na comunidade Ema e na cidade</i>	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICE A – ENTREVISTA APLICADA COM OS ANCIÕES	71
APÊNDICE B – ENTREVISTA APLICADA COM OS JOVENS.....	85
ANEXO A – FOTOS CONCERNENTES À DINÂMICA DA PESQUISA.....	120

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo dialogar com a juventude da comunidade Ema, do quilombo Kalunga, localizada no município de Teresina de Goiás, GO. Foram entrevistados, ao todo, 10 (dez) jovens: 6 (seis) que vivem na comunidade e 4 (quatro), que estão vivendo na cidade, para compreender as motivações para sair da comunidade e as perspectivas dos jovens sobre continuidade e as perspectivas de futuro. Além dos jovens, fizeram parte da pesquisa 3 (três) anciões da comunidade.

O território Quilombo Kalunga está situado no norte do estado de Goiás, nos municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás. Comunidades quilombolas são comunidades formadas por pessoas que foram trazidas da África para serem escravizadas no Brasil, que se refugiaram do trabalho escravo no período da colonização do país. Essas pessoas foram trazidas para serem escravizadas nas minerações, lavouras e demais trabalhos.

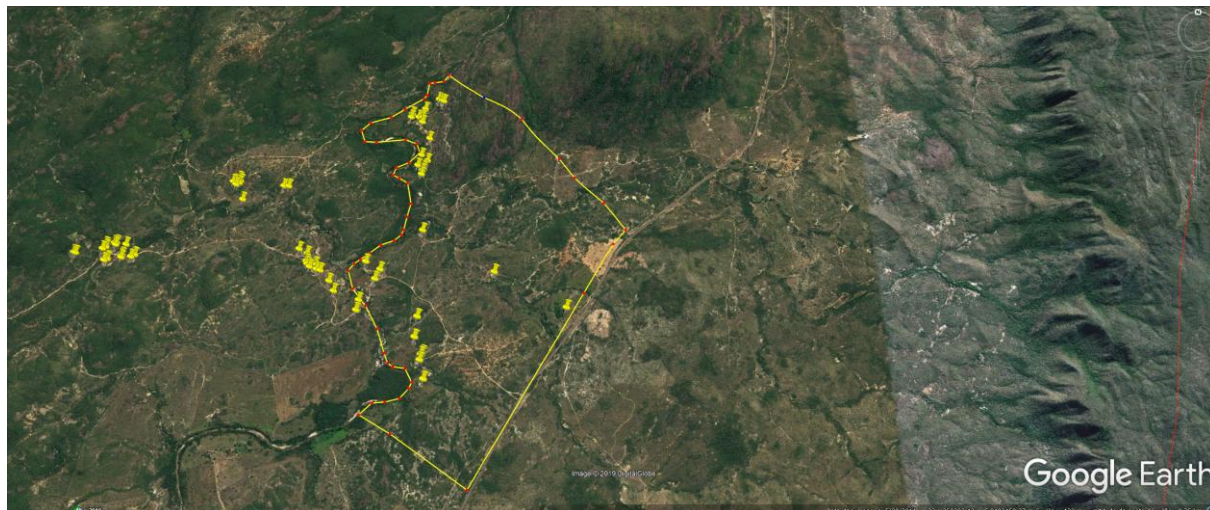
A história da comunidade Kalunga está enraizada no período de escravidão no Brasil, principalmente com o processo de mineração de ouro no estado de Goiás. No entanto, a história dessa comunidade não se restringe a essa região específica, mas envolve outras regiões do país, como Minas Gerais. Com isso, vieram muitos descendentes de povos africanos em condições de escravidão para trabalharem no ciclo minerador.

A entrada do africano e de seu descendente brasileiro no Estado inicia-se com as bandeiras colonizadoras e segue no movimento minerador, continuando, mais tarde, no século XIX, no movimento migratório dos mineiros, baianos e outros, em busca de terras para lavoura e pastagem para o gado. A migração inicia-se desordenadamente, provocada pela descoberta de ouro no centro do Brasil. Com ela nasce o Estado de Goiás, sob o símbolo do ouro e da garimpagem, sendo o africano o principal elemento, o motor dessa estrutura (BAIOCCHI, 2006, p. 27).

O Quilombo Kalunga surge, então, quando esses trabalhadores se revoltaram e decidiram se libertar, fugindo dos maus tratos que sofriam dos portugueses, se refugiando em lugares distantes, se escondendo nas chapadas, entremontes e vãos do cerrado, onde era impossível os colonizadores os encontrarem. “A partir do século XVIII, africanos e seus descendentes abrigaram-se nos platôs e vales serranos às margens do Rio Paranã, afluente do Tocantins que juntamente com o Rio Araguaia vai aumentar o volumoso Amazonas”. (BAIOCCHI, 2006, p. 21).

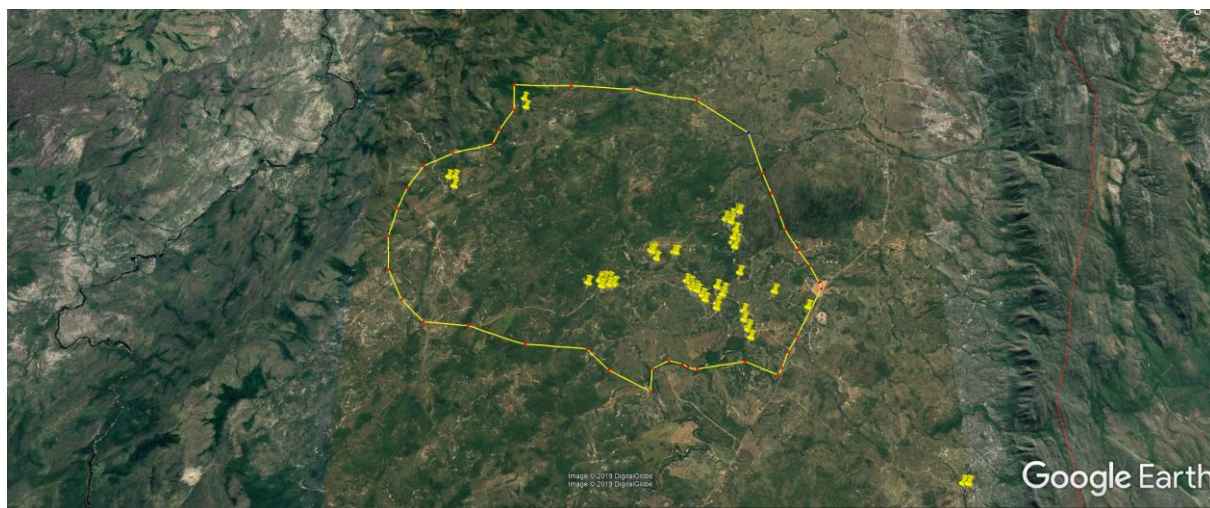
Toda a comunidade Kalunga (exceto a comunidade Ema, Ribeirão e Diadema, que são próximas ao município de Teresina), é bem distante da cidade, cercada por serras, e, para chegar

Figura 2 - Mapa da Comunidade Ema.



Fonte: Google Earth, 2019.

Figura 3 - Mapa da Comunidade Ema/Soledade e Limoeiro.



Fonte: Google Earth, 2019.

A comunidade Ema está situada no município de Teresina de Goiás. Foi formada por pessoas kalunga que vieram de comunidades mais distantes, como a do kalunga de Monte Alegre e Vão das Almas. Segundo dados da Secretaria de Saúde de Teresina (2015), na comunidade há aproximadamente 70 famílias, entre a comunidade Ema, Soledade e Limoeiro.

As famílias, em sua maioria, sobrevivem da agricultura familiar e alguns programas governamentais (*Bolsa Família*, *Renda Cidadã*, aposentadoria, crédito fomento e *Pronaf*) e artesanato.

As comunidades remanescentes quilombolas são organizadas em unidades político-administrativas através do movimento quilombola e passaram a ser reconhecidas oficialmente por meio da Constituição Federal de 1988, consubstanciada no Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), o qual assegura a propriedade de suas terras. A condição de remanescente de quilombo enfatiza os elementos de identidade e território, e indica a situação presente dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos designando um legado, uma herança cultural e material que lhe confere uma referência presencial no sentimento de ser e pertencer a um lugar específico (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002).

Nesta pesquisa, pretende-se realizar um estudo sobre os jovens desta comunidade, para entender quais os motivos que fazem com que eles saiam ou não da comunidade; o que fazem e qual a sua participação na comunidade; como são vistos esses jovens pelas famílias e pela comunidade. Nessa perspectiva, torna-se oportuno pesquisar sobre qual é o papel desenvolvido pelos jovens na comunidade. Se esses jovens venham a sair da comunidade para morar na cidade, deixam de lado ou não a sua identidade e a sua cultura, para viverem em um ambiente em que se encontram modos e costumes diferentes, em busca de algo que deveria ser básico, que é o emprego ou estudo.

De fato, as comunidades quilombolas compõem o pequeno campesinato, que sobrevive da produção descapitalizada e em pequena escala de insumos agrícolas que são consumidos pelo núcleo familiar e comercializados de forma esporádica quando há excedente e quando existe mercado de consumo. Neste sentido, a renda das famílias tende a ser muito baixa e a insegurança alimentar é elevada (BRANDÃO; JORGE; SANTOS, 2018, p. 150).

Mesmo que conste que a agricultura familiar, de acordo com o IBGE, é a responsável pela maior parte da produção de alimentos, produtos esses que vão para a mesa dos brasileiros, não é reconhecido pela população do país e órgãos públicos como importante. Muitos jovens tendem a sair desse tipo de atividade, porque percebem que não lhes garantem um futuro melhor, isso é dito até mesmo pelos próprios agricultores.

Falar dos jovens de uma comunidade rural, que é a quilombola, não é uma tarefa fácil, mas é necessária e urgente. Ao notar que pouco se fala dos jovens e os jovens pouco conhecem e falam sobre os seus direitos e deveres, me despertou o interesse de estudar essa temática. Ficar ou sair? É uma questão que muitas vezes não sabemos o que fazer. Na comunidade, hoje, se comparada ao meu tempo de infância, encontram-se mais crianças e adultos.

No presente estudo, abordaremos a situação dos jovens rurais quilombolas, filhos de agricultores, artesãos(os), parteiras, rezadeiras, benzendeiras(os), que carregam consigo

conhecimentos seculares, descendentes de africanos, que poderiam ter a sua comunidade como espaço de vida, mas que muitas vezes são obrigados a sair para constituírem sua vida em outros espaços. Vivem em uma comunidade em que tem os seus costumes, culturas, mas que, muitas vezes, têm que se readaptar a outro modo de vida para que estejam acompanhando a atualidade por um objetivo comum, que é o trabalho, para assim terem renda para se sustentar. Isso não quer dizer que devem viver só no seu mundo sem conhecer a atualidade e ou de não gostar de coisas diferentes, mas, sim, de como poderiam ser trabalhadas as duas coisas em um mundo tão globalizado e capitalista. Acima de tudo, pensar a vida de forma humanitária, viver com dignidade. Viver em um lugar onde não há emprego, lazer, entre outras coisas que nós jovens necessitamos não é fácil, não somente para os jovens, mas para qualquer cidadão.

O interesse em estudar sobre os jovens da comunidade (darei “minha” no sentido de pertencimento, pois, foi onde cresci) tem como motivação por minha influência por ser jovem do campo e de querer entender o motivo pelo qual estão saindo ou como estão vivendo na comunidade. Lendo e relendo alguns textos sobre cultura, tradição, danças, o que causa a influência de mídias elitistas nas nossas vidas, dentre outros textos, que nos dão a base teórica real sobre a vida da sociedade, fui me descobrindo porque havia algo dentro de mim que não estava encaixando. Após as muitas leituras, descobri que gostaria de estudar sobre os jovens da comunidade Ema. Sabia que faltavam políticas públicas na comunidade, mas não sabia como abordar esse tema, de acordo com as suas realidades. Nesse pequeno trecho, falo um pouco sobre a minha vida:

Como fui uma menina que sempre me dei bem como todos da comunidade, estava sempre envolvida nas festividades tradicionais, missas, reuniões, etc. Sempre tive uma boa relação com os homens e as mulheres deste local. Não só por convivência com os meninos, foi por gostar de brincar com os meus primos e primas, que também são Kalunga. Gostava de brincar com as primas, quando elas estavam brincando de bonecas, preparando comidinhas na mata. As nossas bonecas, muitas vezes, eram a imaginação, porque utilizamos da palha que pegávamos do pé de bananeira, dentre outras coisas que pegávamos da natureza para fazer dos nossos dias mais felizes. Quando acabavam as brincadeiras com as minhas primas, estava eu lá, com os meus primos. Eles gostavam de apostar corrida no rio, jogar bola, andar de bicicleta, pique esconde, roda-roda, enfim, diversas brincadeiras. Sempre fui uma menina que me divertia bastante com a família e com as crianças da comunidade devido à minha mãe ser uma figura política. Havia sempre reuniões, missa e eventos na nossa casa, pois não existiam estruturas centralizadas na comunidade. Além disso, a nossa casa era o único lugar, havendo, assim, um barracão de palha que dava para confortar a todos.

A minha mãe, Ester Fernandes de Castro, foi a primeira vereadora quilombola do Brasil e fez e faz muito pelo seu povo, defendendo-os diariamente. Ela conseguiu, juntamente com as outras lideranças, casas, banheiros, escolas, assistência básica, que todo cidadão necessita, sendo ela uma das primeiras professoras da região e, com isso, se candidatou para vereadora, reelegendo-se por quatro mandatos consecutivos, 3 (três) mandatos pelo Partido Brasileiro Democrático-PMD, 1 (um) mandato pelo Partido dos Trabalhadores-PT, nos períodos de 2017 até 2020 atuará como vice-presidente da Associação Quilombo Kalunga- AQK e atuante na docência na escola municipal da área rural do Quilombo Kalunga, sendo a mesma concursada pela prefeitura municipal. Candidatando em períodos bastante difíceis, onde o coronelismo, o racismo, a pobreza estruturais da população Kalunga eram bastante fortes. Para que pudesse conseguir votos, teria que trabalhar bastante para a população se reconhecer como classe, pois se identificava como lavradores, devido à roça ser uma das únicas fontes de autossustento, na qual plantava para o autoconsumo e, geralmente, produzia farinha de mandioca para comercializar. Lógico que o fator da pobreza e do racismo vem do enraizamento colonizador do nosso país até nos tempos atuais. Agora, as lideranças tiveram que trabalhar o termo *quilombo* e *Kalunga* para que a população pudesse aceitar, pois era o termo desconhecido e não entendia o porquê teria que ser reconhecido como Kalunga e, o território, como sítio histórico patrimonial Kalunga. Muitas vezes, diversas pessoas tinham o medo de se reconhecerem assim, devido ao preconceito sofrido na cidade, mas, com o trabalho das lideranças e entidades, foram aceitando e entendendo o porquê disto, mas ainda são muitos que não entendem e alguns não aceitam.

Não foi fácil, também, para a minha mãe ganhar as eleições, pois é mulher, negra e quilombola. Admiro muito pela sua garra e determinação, apesar de muitas vezes ter ciúmes de dividi-la com a comunidade, devido à sua participação em muitas reuniões e eventos naquela época. Muitas vezes, gostaria de ter a sua presença, para me ajudar nas tarefas da escola e, até mesmo, em questões afetivas, coisas que, para as crianças, requer bastante atenção e cobra-se muito da mãe. Com esse fato da minha mãe ser uma figura política da comunidade, me ajudou bastante a ter esse convívio comunitário harmônico com homens e mulheres. Participava de alguns espaços comunitários com meus primos no campo de futebol, por exemplo, e havia respeito entre todos, pois, para mim eram e continuam sendo todos iguais em questão de gênero. Cada pessoa decide a sua orientação sexual. No meu caso, as brincadeiras com futebol e outras que muitas vezes são consideradas brincadeira de meninos pela sociedade, não interferiram na minha orientação, continuo sendo mulher hétero. Gostava de participar da dança tradicional “Sussa”, festas tradicionais e demais festas.

O fato de a minha mãe ser uma pessoa respeitada, me ajudou bastante na convivência em comunidade, pois era e é uma mulher brava para defender os direitos dos Kalungas. Digo que é uma mulher “feminista quilombola da classe trabalhadora”. O meu pai não é Kalunga e nem da região, por isso não o cito aqui. Com ele, eu não teria tanto espaço assim.

Voltando aos jovens, costurei um pouco das minhas lembranças e histórias para dizer o quanto a comunidade e escola eram cheias de crianças no meu tempo de infância. As diversas brincadeiras que inventávamos na escola, que contava apenas com duas salas de aula, repletas de crianças. Mas, ao voltar à escola, para fazer os meus estágios exigidos pela Universidade na obtenção de créditos, percebi que houve esvaziamento na faixa etária infantil e juvenil do meu tempo aos tempos atuais. Enfim, juntando tudo isso que relatei, anteriormente, a respeito da convivência na comunidade, nas festas, nas missas e nos períodos dos estágios, lembrei dos meus colegas de sala da fase infantil e juvenil e me indaguei: Cadê essa galera? Cadê os meus colegas de sala de quando eu estudava na primeira fase na comunidade, segunda fase do ensino fundamental e do ensino médio Que realidade vivem hoje?

Com o passar do tempo foram saindo os meus primos, figuras muito especiais para mim, marcaram a minha infância e adolescência pela nossa boa convivência e irmandade. Foi passando o tempo e percebo que os meus tios, pais dos meus primos, estavam ficando sozinhos.

Logo após, ao conversar com o meu primo, que na época estava morando em Goiânia, sobre como era a vida na cidade, o seu depoimento me chocou o coração. Disse-me que estava na cidade só por que era o jeito mesmo, porque o município não tinha nada a oferecer aos jovens e que o jeito era sair para trabalhar.

Esse foi um dos motivos que me fez realizar a pesquisa, além dos textos lidos e a percepção da comunidade nos festejos, na escola e nos seus outros espaços coletivos. Com o intercâmbio que fiz através do Projeto Diálogos de Saberes Interculturais Brasil-Suriname, CAPES-SECADI, no ano de 2018, oportunidade que tive de vivenciar outra cultura, ambiente, e obter mais conhecimentos, notei que há mais valorização da cultura dos povos marrons, indígenas, javaneses, chineses, e outros por parte das instituições educativas e órgãos governamentais no Suriname, e as afirmações por parte das pessoas de que é de tal grupo é mais forte que no Brasil. Tem-se mais facilidade de acesso a pluralidade linguística e valorização dos seus idiomas materna. Com isso, as lutas das pessoas são mais expressivas, pelos seus direitos, e os jovens têm se mais perspectivas, muitos se afirmam com sua identidade. Enfim, devido a facilidade de acesso a coisas básicas. Foi uma experiência imprescindível para o aperfeiçoamento da minha graduação, servirá para minha atuação na docência e me fez analisar as várias ações que falta no Brasil que não se concretiza, pois não sai da constituição e vai para

a prática. Com todas essas observações, veio-me o questionamento: e agora? Eu também sou jovem, devo seguir a lógica do capital? Ou tentarei lutar contra a maré e ouvir o meu coração de sair. Devo sair, não para o trabalho assalariado a vida toda, mas, sim, para estudar e depois voltar para a comunidade, sendo este o lugar que amo. Percebo que é rico e precisa, apenas, de um pequeno impulso por parte dos órgãos governamentais e comunidade, para haver o desenvolvimento e vivermos com dignidade.

Acredito que não somente eu tive esse momento de reflexão e questionamento, mas muitos outros jovens de áreas rurais. No entanto, há tantos outros que não têm esse momento de refletir e questionar, pois, já são levados, desde muito cedo, pela maré do sistema em que vivemos, visto que não compreendem esse sistema, que corrompe com sua fase e faz com que apenas viva sem o desenvolvimento do pensamento crítico.

Vivemos em um país capitalista, que a todo tempo mexe com o modo de vida das pessoas, independentemente de onde vivem e a sua faixa etária. Portanto, para jovens que estão em fase de transição, passando da fase de adolescência para a fase adulta, onde o trabalho é o motor para a sua sobrevivência, não é uma situação fácil de lidar. Principalmente, para jovens de baixa renda e do campo permanecer no seu lugar de origem. Na comunidade Ema, os jovens saem cada vez mais, seja por trabalho, seja para estudo. Nas manifestações culturais da comunidade, não há tantos jovens como antes, sendo as pessoas idosas os maiores protagonistas dessas comemorações. Com a evasão dos jovens, a cultura e a identidade vão ficando cada vez mais distantes do seu modo de vida.

1.1 A pesquisa

O estudo foi baseado nos (as) jovens do Quilombo Kalunga da comunidade Ema, no nordeste do estado de Goiás. A evasão dos jovens deste local para as grandes cidades é um fenômeno que acontece, constantemente, em busca de melhores condições de vida. Minha opção foi conhecer melhor a situação dos jovens da comunidade – os que vivem ali e os que já foram embora, analisar o ser jovem do campo numa comunidade quilombola nas condições em que vivem e seu projeto de vida.

O objetivo é as motivações para sair e as perspectivas dos jovens sobre continuidade e as perspectivas de futuro. Além das oportunidades que são oferecidas a eles e as suas atuações nesse local, a fim de entender o que envolve ser um jovem do campo, bem como os elementos para a construção de seus projetos de vida nas suas comunidades.

O estudo é baseado nos (as) jovens do Quilombo Kalunga da comunidade Ema no nordeste do estado de Goiás. O objetivo da pesquisa foi entender o que é ser jovem de uma comunidade Kalunga; o que os jovens fazem na comunidade; quais as suas participações nos órgãos locais; o que há para esses jovens no âmbito econômico e lazer; para os que venham a sair, como é viver na cidade; caso pretendam voltar para a comunidade, em quais condições; quais os seus planos para o futuro e o que almejam.

Por meio de entrevistas envolvendo as pessoas mais antigas da comunidade, estudou-se como se deu o processo de povoamento do local, as suas lutas, o que vem a ser jovem de uma comunidade quilombola, e a participação e inserção dos mesmos. O estudo é relevante para entender o que é ser jovem, o que é ser jovem do campo, o que é ser jovem de uma comunidade Quilombola e os seus projetos de vida no local, onde estão inseridos. O trabalho efetivou-se por meio da pesquisa na comunidade, entrevistas para os jovens, anciões e pesquisas bibliográficas.

1.2 A metodologia

Utilizou-se a metodologia de pesquisa qualitativa com observação participante e pesquisa bibliográfica em livros e artigos com base em pesquisas sobre jovens quilombolas, que contribuíram para a compreensão mais ampla do problema. A pesquisa bibliográfica permite que saibamos de vários assuntos que desconhecemos, de lugares, povos, cultura, enfim, de acordo com que o indivíduo queira saber e pesquisar, fazendo assim estudos mais amplos do que é ser jovem e jovem do campo. As pesquisas bibliográficas realizaram-se na *internet*, em livros, artigos, teses, dissertações e monografias.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre população ou renda per capita; todavia, se tem a sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos (GIL, 1946, p. 45).

No presente trabalho, também, utilizou-se a pesquisa qualitativa, que permitiu ter uma proximidade maior com o público estudado, tendo, assim, uma escrita real sobre o assunto tratado e investigado.

Os pesquisadores qualitativos tendem a coletar dados no campo e no local em que os participantes vivenciam a questão ou problema que está sendo estudado. Eles não levam os indivíduos para um laboratório (uma situação artificial) nem enviam instrumentos para os indivíduos preencherem. Esse fechamento das informações coletadas por meio da conversa direta com as pessoas e da observação de como elas se comportam e agem dentro de seu contexto é uma característica importante da pesquisa qualitativa. No ambiente natural, os pesquisadores têm interações face a face no decorrer do tempo (CRESWELL, 2010, p. 208).

A pesquisa qualitativa, também, valoriza as entrevistas, para fazer os estudos sobre um determinado público. No presente trabalho, utilizaram-se entrevistas, descrição e observação sobre os jovens da comunidade Ema, organizando de várias formas, até chegar a uma conclusão, por meio de muitas leituras e certo conhecimento sobre a comunidade, de como seria estruturado o trabalho para que pudesse abordar o assunto sobre esses jovens.

Múltiplas fontes de dados - Os pesquisadores qualitativos geralmente coletam múltiplas formas de dados, tais como entrevistas, observações e documentos, em vez de confiarem em uma única fonte de dados. Depois os pesquisadores examinam todos os dados, extraem sentido deles e os organizam em categorias ou temas que cobrem todas as fontes de dados (CRESWELL, 2010, p. 208).

Realizaram-se as entrevistas com jovens de 19 a 29 anos, com o total de 10 (dez) jovens, sendo 4 (quatro) da cidade e 6 (seis) da comunidade, sendo que, de acordo com informações fornecidas pelo Uso de Geoprocessamento da Gestão do SHPCK projeto implantado pela Associação Quilombo Kalunga – AQK (2019), de que há 50 jovens na comunidade e que 134 pessoas que são da comunidade, incluindo jovens e adultos estão morando fora, as entrevistas foram realizadas de forma aleatória, alguns nas próprias residências e outros em pontos de ônibus escolar (mas não necessariamente eram estudantes, refere-se pelo local) e de carona. Com o objetivo de dialogar sobre os seus projetos de vida, como veem a comunidade e os conhecimentos sobre a associação local, caso exista. Dentre outros assuntos, para entender o ser jovem oriundo de uma comunidade quilombola. Com isso, efetuaram-se 3 (três) entrevistas com as pessoas mais velhas da comunidade, que relataram sobre a história local e o seu olhar sobre os jovens nos tempos passado e presente. Trabalhando assim, a memória oral, pois têm o registro histórico de como as perceberam no momento vivido, bem como a história da comunidade é de forma oral pelas vozes dos anciões. Utilizou-se também a metodologia de observação, devido a proximidade da autora com o público estudado e por viver na comunidade.

CAPÍTULO 1 – HISTÓRIAS SOBRE A JUVENTUDE DO PASSADO E DO PRESENTE DA COMUNIDADE PELA VOZ DE DONA EFIGÊNIA, SEU ROMÃO E DONA PRIMA, O/AS ANCIÃO/ÂS DA COMUNIDADE EMA

No dia 28 de fevereiro de 2019, iniciaram-se as entrevistas com as pessoas mais velhas da comunidade Ema, os verdadeiros detentores da história da comunidade.

Decidimos manter a cópia fiel das entrevistas com as três pessoas por duas razões: a primeira, porque o conteúdo das falas não está somente no que é dito, mas também na forma de dizer e até no silêncio. Ali tem um *discurso*¹; a segunda, porque dará ao/à leitora/a a possibilidade de utilizá-las em outros trabalhos, sob outros aspectos. Dessa forma, a presente pesquisa com dados primários poderá contribuir, no futuro, com outros trabalhos sobre as comunidades quilombolas, a partir de falas de pessoas que poderão não mais existir.

No dia da entrevista, com dona Efigênia Pereira das Virgens, saí às 8h da minha casa, que também fica na comunidade Ema, rumo à sua casa, pois ela é uma referência da comunidade e possui bastante conhecimento sobre a história do lugar. Chegando à sua casa, expliquei o motivo pelo qual estava pesquisando, apesar de já haver alguns escritos em livros sobre a comunidade, ela entendeu e aceitou ser entrevistada. Com isso, a entrevista iniciou-se com a pergunta sobre o seu nome, conduzida da forma transcrita a seguir:

Louriene : Qual o seu nome completo?

Efigênia: Meu nome?

Louriene: Hunrum.

Efigênia: Efigênia Pereira Alves.

Louriene: Idade?

Efigênia: é, é setenta três...vou completar setenta e dois agora em setembro. Põe setenta e dois.

Louriene: Tá.

Louriene: Há quanto tempo a senhora mora aqui na comunidade?

Efigênia: Uai, eu moro aqui... Eu fui nascida e criada aqui, né? Nascida e criada. Tem tempo demais (Risos).

Louriene: Então, tem setenta e dois, né?

¹ No sentido utilizado por Djamila Ribeiro. De acordo com a autora, refere-se à “noção foucaltiana de discurso[...] não pensar discurso como amontoado de palavras ou concatenação de frases que pretendem um significado em si, mas como um sistema que estrutura determinado imaginário social, pois estaremos falando de poder e controle.” (RIBEIRO,2017.p.57) 7

Efigênia: Aham, setenta e dois.

Louriene: Conhece a história da comunidade? Quem foram os primeiros habitantes? De onde vieram?

Efigênia: Foi Benicio Pereira, lá do Kalunga, lá do lado de Procópio do Riachão, meu pai. Padinho Pulú também a mesma coisa, tudo de lá. Vei tudo de lá!

Louriene: Eles foram os primeiros?

Efigênia: Os primeiros que vei pra qui foi ezi, porque aqui quando es vei pra qui num tinha, num tinha ninguém, morador nenhum. E nem essas fazendinhas vagabunda que tem arredor, num tinha, só tinha mesmo da Água Fria, cá pra Játaroba, mas, quando meu pai meu padinho Pulu vei pra qui, NÃO TINHA NINGUÉM AQUI! Aqui tinha muita era caça, onça tinha demais, peixe no rio mas tinha..Foi esses.

Louriene: Não veio ninguém do Vão de Almas?

Efigênia: Agora, vei depois que eles vieram, que tinha um senhor de Bazilino. O Bazilino foi meu padinho Pulu que trouxe, que ese era afiado dele também. Ai ele trouxe, que ese era afiado dele também. Ai ele trouxe ele, os outro foi vindo ai sem.. Foi mesmo por ele mesmo. Mas, quem vei pra qui primeiro foi meus pai, num tinha ninguém! Um bucado desses povo do Vão de Almas que tá ai, esses daí já vei depois, depois que o meu pai vei, esses vei depois. De muitos anos ó,ó,ó que meus pai morava aqui, nós já tudo nascido aqui, foi que eles vieram.

Louriene: Então, vocês foram os primeiros habitantes daqui dessa área?

Efigênia: Foi! Hunrum! Os primeiros habitantes daqui foi nós!

Louriene: Houve Conflitos? Teve brigas por terra?

Efigênia: Na época de meus pais antes deles vim não tinha briga nenhuma, não! Num tinha confusão aqui, Uncum. Depois ques foi vindo esses derradeiros que já foi criando confusão.

Louriene: Mas, e fazendeiros? Como é que foi? Teve conflitos com fazendeiro?

Efigênia: Uai, fazendeiros foi chegando ai, né? Depois que foi criando esses fazendeiros ai. Ai agora já fico sem saber!? Num sei como é que eles foi adquirindo terra, as pessoas foi adquirindo terra, foi vendendo né? Que nem esi Zé Mineiro aí, aqui nos garimpo dos cachorros (Moro), ele era de Brasília, vei pra aí, era um garimpo aí. Quando saiu já teve terra ai, já foi vendendo né? E mais tem muitos ai. Num sei como é que diquiriu terra ai, que foi vendendo, vendendo, que foi criando essas fazendinhas ai. Que nem Antônio Cachimbo memo, o dono daqui vendeu ai, ninguém sabe! Porque de mãe ela tinha um saquinho aqui assim de talão de terra, roubaram o talão de terra dela. Quando deu fé Antonio Cachimbo já tava comprando ai.

Louriene: A mãe da senhora?

Efigênia: Mãe, sua bisavó, veia França, roubaram o talão de terra ai. Quando, quando.. Antonio Cachimbo já tava vendendo, num sabe quem foi que vendeu, que diquiriu a terra e vendeu pa Antonio Cachimbo. Que essa confusão aqui né? Dessa terra aqui.

Louriene: Como é que foi essa confusão?

Efigênia: A confusão que foi pelo talão de terra que sumiu, e ai ninguém sabe quem foi que roubou né? Quando mãe foi caçar os talão de terra num tava, ai cumpoca já Antonio Cachimbo já tava comprando aqui. Vendeu pra esi Antonio Cachimbo.

Louriene: No caso, o talão de terra não sabe se foi roubado por alguém de fora ou alguém da comunidade?

Efigênia: Ai é que ninguém sabe! Que foi por alguém de fora ou se foi daqui memo do lugar.

Louriene: Ah, sim! Teve conflitos com Antonio Cachimbo?

Efigênia: Teve, teve, teve muita confusão. Primeiro, ele meteu o trator ai né? Arou tudo arredor de casa, ai de mãe França ai, ai meteu o trator. Arou tudo aonde Esterina tem casa ai, por aqui tudo.

Louriene: Como que resolveu esse conflito?

Efigênia: Uai, ele disse que midiu passou o arrame cá dizendo que tinha passado os cinco alqueires, quera de mãe e ai fechou, passou o arrame dizendo que dai pra lá que era de mãe mais de mãe né? Ai virou aquela confusão danada. Virou assim aquela bagunça, foi briga, ninguém num concordava porque sabendo sabendo que a terra era de mãe, né? E ai virou aquela confusão danada, ai foi briga.

Louriene: Ai para resolver isso, como é que foi?

Efigênia: Uá, resolveu aqui mesmo discutindo. Ai primeiro, ezi botou uma cancela lá na estrada, ai botaram, cortaram derrubaram a cancela, porque tinha que derrubar memso, a cerca né? Porque a terra aqui nois.. Mãe tinha como era dela né? Ai a cerca que ele fez tinha que derrubar.

Louriene: Ai derrubou a cerca que ele fez (Antonio Cachimbo)?

Efigênia: Hunrum, é!

Louriene: Mas procurou algum órgão? Foi lá na justiça? Como é que foi?

Efigênia: Não! Não mecheu com justiça não. Resolveu cá mesmo!

Louriene: Ah, sim! Mas ai ninguém feriu?

Efigênia: Não, Não.

Louriene: Ele ameaçou?

Efigênia: Ameaçou! Porque quando..Ai eu fui fazer, so porque.. Joaquim tinha foto. Primeiro fez a casa alí, já tinha rebuçado um pedaço, ele vei botou fogo, foi botou na justiça, ai deu queixa lá, num sei o que, que a terra era dele, virou aquela confusão, disse que eu era invasora de terra, virou ai, cabou! Não, tá resolvido! Pode tornar mexer. Quando cabou arou tudo de novo onde eu tinha arrumado ele vei e meteu o moto serra na furquia, derrubou tudo fez a corvarona, botou fogo. E ai esi é vinha, e ai Joaquim (sobrinho) vei (rumo a sua casa) e tinha um cara moitado e essi virou ne Joaquim com a espigada, foi!

Louriene: Mas era alguém contratado?

Efigênia: De Antonio Cachimbo? Era!

Louriene: E ai, por mãe (Esterina) ter levado ele pra justiça, ele ameaçou? Como é que foi?

Efigênia: O Antonio Cachimbo?

Louriene: É!

Efigênia: Não! Ficou por isso mesmo. Ai foi tempo que ele vendeu pra esi Luizão e o negócio do projeto infortaleceu né? Ezi baixou, do, do projeto kalunga né? Ai foi quesí baixou foi por isso.

Louriene: Como era a vida da senhora quando era jovem? Trabalhava na roça? O que tinha de lazer? Como era a situação de renda?

Efigênia: Uai, eu era na roça, inté hoje. Nova e ai veia, agora inda muntado na roça direto. Eu tinha só Eva(sua filha), mais criei ela eu tinha minha mandioca, milho, arroz tudo eu plantava. Criei ela mas foi as custas de meus braços, a renda era essa ai porque né? Naquele tempo num tinha..

Louriene: Mas tinha, tinha lazer? Festa? O que tinha aqui para os jovens? Pra se divertirem?

Efigênia: Tinha festa, forró, povo dançava ai (Risos) hora que queria divertir. Naquele tempo, no tempo de mãe aqui fazia, fazia Basilino ali, fazia forró, povo dançava inté o dia manhecia, num tinha briga de nada, de nada, nada..Huncum. Dançava menino, no tempo de Gregória que era mãe de Belina e Isabel de Zefirino, essas muié fazia farra ai, bebia e dançava ante madrugada. Cada um ia embora pra suas casas a gente sabia no outro dia, num tinha fuá nenhum. Hoje é que ocê não pode fazer nada.

Louriene: Além das festas, tinha outras coisas pra vocês? De lazer? Pra se divertir? Ou era trabalhar e festa?

Efigênia: É só mesmo trabalhar e festa, que outras coisas num tinha, proque naquele tempo ninguém num tinha outra..Energia não tinha pra nada né? A hora que tinha uma festinha

era na candeia pura (Risos). Era na candeia pura, pá mode fazer festa, ai a hora que passava o divertimento era só isso, era roça mesmo a festinha quando tinha, né? Fazia uma brincadeira.

Louriene: E os instrumentos era o quê? Como é que era tocado as músicas?

Efigênia: Era violão, sanfona e bater na caixa. Os instrumentos era esse aí (Risos).

Louriene: Havia muitos jovens na comunidade?

Efigênia: Se tinha?

Louriene: Hunrum!

Efigênia: Tinha, tinha muito.

Louriene: E hoje?

Efigênia: Hoje tem mais.

Louriene: Antes tinha mais ou hoje tem mais?

Efigênia: Parece que hoje, hoje tem mais jovem. Que naquele tempo era mais pouco aqui.

Louriene: Por que?

Efigênia: Uai num sei porque aqui tinha mais os jovens, quem tinha mais filho aqui é ali Isabe mais Zifirino, Gregora, tomem hora que cresceu..Aqui ou Romão ai mais Vangela com essa filharada. Parece que hoje tem mais do que naquele tempo.

Louriene: Os jovens ia para algum lugar naquele tempo?

Efigênia: Pra onde ia? Pra lugar nenhum.

Louriene: Ele saia para trabalhar fora?

Efigênia: Bom, calé saia hamo? Saia não, tem que saia no tempo de Romão que saia ai que ia ai pro Alto Paraíso, trabaiaava prá lá, vinha. Mas era aqui mesmo.

Louriene: Dava para se sustentar com a roça?

Efigênia: Hunrum! Pela roça, é!

Louriene: Mas so tinha a roça?

Efigênia: Era só a roça.

Louriene: Mexia com mineração manual?

Efigênia: Não! Naquele tempo num tinha isso né?

Louriene: Porque teve o Garimpo dos Cachorro né?

Efigênia: É, tinha o garimpo ai, teve uns que fuxicou lá um tiquinho, só mesmo, num dava pa mode. É mesmo na roça mesmo.

Louriene: Como o filho ou filha da senhora ajudava em casa? O que eles fazia em casa?

Efigênia: Era mesmo limpar a casa, varrer, fazer a cumidinha, lavar vaziinha (Risos) serviço era esse.

Louriene: E o filho da senhora?

Efigênia: Ajudava era capinar, né? Na roça, quintal esses trem.

Louriene: A senhora falou que tem mais jovem do que antigamente, né?

Efigênia: Tem.

Louriene: Mas a senhora vê que tá saindo?

Efigênia: Uai eu acho que é porque parece que as coisas foi remodelando, né? Porque naquele tempo as coisas era mais, o povo ficou tudo civilizado, né? Naquele tempo qualquer coisa dava pros filho, aqueles jovem viver, e hoje não. Quer viver é naquele civilizamento né? Ai fica, as coisas remodelou tudo, têm que ter dinheiro. Ezi quer é dinheiro, é pá beber (Risos). É festa, farra essas festas, quer viver nessas farras, e ai fica tudo doido por dinheiro, né? Ai têm que né? Ai vaza memo, ninguém da conta de sustentar. A gente num têm nada de sustentar.

Louriene: A senhora criava os netos né?

Efigênia: Hunrum!

Louriene: Quantos netos a senhora cuidava?

Efigênia: Três neto.

Louriene: E hoje em dia a senhora esta só?

Efigênia: Só é! Saiu pra fora (cidade) com a coisa eu num tem nada pra dá. Ai tem que sair, quer ficar tudo é naquele coisa, eu num dou conta de, conta de sustentar ninguém, calém que fiquei muito tempo sem, sem ter um salarinho, depois que eu tive o salarinho num dá pra nois viver nele tudo, né? Ai tem que vazar mesmo.

Louriene: O que a senhora acha que deveria ter aqui na comunidade pra esses jovens? O que acha que ajudaria pra ter renda aqui?

Efigênia: Uai, aqui so fosse memo pá. Hoje ninguém quer saber de trabaiaá ne roça, pá por exemplo liberar essas terra assim né? Pa mode ter lugar das pessoas trabaiaá dos jovens. Mas a metade esse num que, o que podia ser era isso, liberar né?

Louriene: A senhora fala regularizar as terras?

Efigênia: As terras, pra ter lugar de trabalhar.

Louriene: O que têm na comunidade hoje não dá para trabalhar na roça?

Efigênia: Num dá! Pois é! Hunrum.

Louriene: Então, a senhora acha que deveria ter isso, regularizar as terras e eles querer trabalhar na terra, né?

Efigênia: É uai, porque da roça mesmo ocê vê da roça mesmo, farinha né? Mandioca, plantou olha o tanto que tá dando dinheiro, né? Menino só da só vou falar pro cê como faz ser a farinha como a mandioca, vende! E outras coisas que planta cá pras roças num é invenenado,

né? Tudo é natural da terra né? Povo chega chove em riba memo comprando. O Joaquim mexendo ai né? Nessa hortinha ai num chegava minino, os trenzinho que eles levava. Pro quê? Não é invenenado.

Louriene: É orgânico, né?

Efigênia: Hunrum!

Louriene: Então, a senhora acha que daria para os jovens permanecer nessa situação?

Efigênia: É! Pois é.

Depois de algum tempo, voltamos à entrevista, porque eu não havia entendido o porquê deles terem sido os primeiros habitantes, sendo que segundo o seu relato, os seus pais, o genro do seu pai e a sua filha vieram do Riachão, mas me questionei como ele adquiriu o terreno.

Louriene: Ai no caso o Apolinario comprou o terreno?

Efigênia: Foi eles dois, foi mais meu pai que compro. Foi 100 alqueires de terra, 50 dum e cinquenta do outro. Benicio Pereira que era o meu pai.

Louriene: E o Apolinario?

Efigênia: O Apolinario era genro de Benicio Pereira que era o meu pai. E ai meu pai foi casado no Kalunga - Monte alegre, a mulher dele morreu, que é a mãe da veia França que é a minha irmã. Ai ele ficou rodando ai nessas beiras ranjou minha mãe, casou! Que é a Isabel. Quando minha mãe, casou que é a Isabel. Quando ele casou com ela minha mãe não era daquela mulher ativa, né? Ai, ele disse assim que ele comprou aqui pa Isabel mas os filhos dela, que Isabe era muito besta. Ele ainda falava assim: Isabe é muito besta. Comprei aqui mas Isabe mais os fii. No dizer dele, ele tava ficando velho ele morria, ela deixava os outro tomar a terra dela né? Então, ele comprou pa Isabé mais os fio.

Louriene: Ele e o Apolinario comprou aqui?

Efigênia: Hunrum! Ele o Apolinario.

Louriene: Que comprou de Sirvino Ferreira?

Efigênia: Hunrum! Que era o maior fazendeiro ai em Cavalcante.

Louriene: Então não havia nenhum fazendeiro?

Efigênia: Não!

Efigênia: A fazenda do Sirvino Ferreira era na Agua Fria e depois ele vei fazer uma aqui com o nome de Sobrado. Então, nesse mundo aqui ele tocava. Ai ele (Benicio) topou mas Sirvino Ferreira falou quele, ai..eu compro. Ai ele procurou: Aonde eu posso apossiar? Quando ele comprou, ai ele disse:

- Olha, cê pode aonde que ocê interessar cê pode fazer sua morada. Ai essi véi pra qui achou bunito, meu pai aqui, né? Ai fez a morada aqui.

Louriene: Ah sim! Então, já havia um fazendeiro dono dessas terras que era o Sirvino Ferreira.

Efigênia: Aham, mas a fazenda memo era na Agua Fria. Num tinha essas fazendinha aí, eu falo essas fazendinha besteira aqui que nem essa aqui de Luis, aqui de Marlo, aqui essas fazendinha arredor que num tinha, que foi apertando aqui, que num tinha.

Dona Efigênia falou sobre a história da comunidade; os conflitos que ocorreram com a invasão de alguns grileiros de terra; como era no tempo em que era jovem; a terra como lugar de vida, pois sobrevivia somente naquele espaço e tirava a sua subsistência com a plantação da roça e do lazer que havia, quando ainda era jovem.

Em relação aos jovens de hoje, se comparado com o seu tempo de juventude, pode-se concluir que, devido a serem os primeiros habitantes, não havia tantos jovens como hoje, e que não saía dali devido à necessidade de tirar o sustento da comunidade. Seus filhos e netos não estão mais na comunidade, porque fica explícito na sua fala que o mundo ficou “civilizado”, bem como é necessário dispor de dinheiro. Logo, os jovens tem que sair. Para que eles possam permanecer na comunidade, é necessária a regularização das terras e o querer trabalhar nela.

Após o término da entrevista, a dona Efigenia sugeriu-me a ir à casa dos seus dois irmãos, Romão e Prima, porque foram eles a segunda geração e um dos primeiros moradores do local. Ao chegar à casa do senhor Romão, que também é o meu padrinho, ele estava preparando o almoço juntamente com a sua esposa Evangelista. Começamos a conversar sobre as nossas vidas, devido a ele ser o meu tio e padrinho. Eu havia ficado seis meses fora da comunidade para fazer o intercâmbio no Suriname. Eles, curiosos para saber como tinha sido lá: o lugar; a comida; a plantação; os idiomas; dentre outras coisas. Conversamos muito sobre o intercâmbio. Depois de uma boa conversa e um delicioso almoço, expliquei o que estava fazendo e ele aceitou ser entrevistado. E, então, iniciamos a entrevista transcrita a seguir:

Louriene: Nome completo?

Romão: Romão Honorato Alves.

Louriene: Idade?

Romão: De 17 de março de 1942 (77) anos.

Louriene: Há quanto tempo o senhor mora na comunidade?

Romão: Nascido e criado, né?

Louriene: Quem foram os primeiros habitantes? De onde vieram?

Romão: Pelo meno meu pai vei desse lado do Kalunga. Do outro lado do Paranã pra cá, município de Monte Alegre né?

Louriene: Então, foram os primeiros a vir morar aqui?

Romão: No meu entendimento, foi ele.

Louriene: O nome dele?

Romão: Benicio Pereira das Virgens e ti Pulu Pereira das Virgens. Geraldo Pereira das Virgens que era irmão do meu pai

Louriene: Eles foram os primeiros?

Romão: Foi!

Louriene: Como era o terreno?

Romão: Na época, quando eles vieram pra qui nem fazendeiros tinha, né? Era só eles mesmo, primeiro. Tinha fazenda uma longe da outra que nem a Jataroba, Agua Fria, Sobrado acolá e a Raizama cá. Fazenda que existia na época depois que foi, foi gente comprando terra, fazenda, fazenda. Hoje tá cheio né? De fazendeiro.

Louriene: Mas, tiveram que comprar terreno? Como foi?

Romão: Eles compraram, comprou. Meu pai mais ti Pulu compraram um terreninho em sociedade, cem alqueires, cinquenta dum, cinquenta do outro.

Louriene: De quem que eles compraram?

Romão: Foi de um senhor Sirvino Ferreira lá de Carvarcante.

Louriene: Teve conflitos com os fazendeiros? Teve alguma briga do pessoal da comunidade com os fazendeiros?

Romão: Tomaram terras dos pobre que num tem condição, tocar justiça né? Mas não chegou ter morte assim por causa de terra não. Só os fazendeiro tomano, né?

Louriene: E colocando no nome deles?

Romão: Aham! Fazendo escritura falsa. E era deles, ninguém mixia né? Eles tinha poder, pobre num tinha né? Então eles tomava de conta.

Louriene: Eles ameaçaram algumas pessoas?

Romão: Alguma região pro fora, ameaçaram né? Agora nós aqui mesmo, num foi ameaçado não.

Louriene: Como era a vida do senhor quando era jovem? O que tinha de lazer? Como era a situação de renda?

Romão: Eu nasci os dentes na roça (Risos), trabalhando de roça. Era o ramo que a gente tinha né? Quando foi si pono mais, saia pra fora pá casar outro recurso... Trabalhava fora também.

Louriene: Trabalhava onde?

Romão: Pra esi lado de Alto Paraíso ai pra fora assim.

Louriene: Ficava muito tempo?

Romão: Era mês, dois mês. Trabalhava seca e água. Nas água tava aqui na seca expandadava (saia).

Louriene: O que tinha de lazer? Além de trabalhar vocês faziam o quê?

Romão: Umas festinhas, fólia que hoje num tá tendo mais, tá acabando tudo né?

Louriene: Além das festas havia outras coisas?

Romão: Não! Tinha não.

Louriene: Havia muitos jovens aqui? Na época em que era jovem?

Romão: Tinha! Mas não era muito jovem não, que o povo era pouco, era pouco, não era muito não.

Louriene: E hoje?

Romão: Hoje tá cheio! (Risos) tá cheio, a maioria sem trabalho porque num têm muito grande estudo. Ate quem têm estudo, tá difícil. E quem não têm, pior ainda. E as roças hoje em dia não tá quase compensando porque falta das chuva. Pouca né? Os vei vai cabando os novo num quer roça. Tá acabando é tudo.

Louriene: Então, hoje em dia tem mais jovens do que antes?

Romão: Vixe! Hoje é demais.

Louriene: Na comunidade?

Romão: É! Na comunidade! Cresceu de jovens, de gente muito. Naquela época era solteado de légua meia légua, três légua. Hoje cem metro, duzentos metro. Um longe do outro.

Louriene: Como os filhos do senhor ajudava e ajuda em casa? Tem filhos que mora na cidade?

Romão: Têm!

Louriene: Quantos o senhor têm? E quantos mora na comunidade e cidade?

Romão: Juntando tudo? Que mora fora e que ta aqui?

Louriene: Aham.

Romão: São quinze entre homens e mulher.

Louriene: Quantos moram aqui? E quantos moram fora?

Romão: Aqui ta morando seis.

Louriene: Então, nove mora fora?

Romão: É.

Louriene: Qual foi o motivo que eles saíram?

Romão: Caçar um jeito de trabalho, vê se ganha um dinheirinho. Que aqui num tem de onde tira dinheiro, tem que caçar maneira mesmo de ranchar uns trocadinho fora.

Louriene: Quando eles moravam aqui e os que moram aqui. Como que eles ajudavam e os que estão no que ajuda em casa? O que eles fazem?

Romão: Hoje a tarefinha é rocinha mesmo e plantiozinho de roça que outra coisa num tem mesmo. Homem tá ajudando muito é na cozinha também, que não tem... (Risos).

Louriene: Os que saíram no que eles ajudavam na roça? Na casa?

Romão: Era na roça. Todos eles foi na roça mesmo.

Louriene: O que o senhor acha que ajudaria para melhorar a comunidade? O que é preciso? Para os jovens ter renda?

Romão: No meu pensar, totalmente se fosse nas épocas boas que tivesse chovendo bom. No meu pensar era roça mesmo. Ajudava muito que ia ter muitas coisinhas, vendia, produzia pa vender também né?

Louriene: No caso, os jovens que trabalhar com a roça?

Romão: Ai é como se diz, ai é o entender é deles né? Arguns interessa também mas olha o tempo desmureçe por causa da sequidão, tá demais. Chuva pouca! Antigamente a gente trabalhava de roça, tinha as coisas mas era pra consumo mesmo. Vender pra quem? Tudo tinha, né? Pra fora num vindinha.

Louriene: Por que não vendia pra fora?

Romão: Porque não tinha exportação, né? Não tinha como vender. E mesmo que antigamente quase todos tinha as coisinhas, né? Não tinha necessidade de tá comprando de um a um.

Louriene: No caso, o que comprava de fora? Comprava alguma coisa fora?

Romão: Comprava! Esse negócio de café, gordura essas coisas assim, faltava em casa tinha que compra mesmo. Sabão, fazia mas todo jeito comprava. Alguma época comprava cereais, tomem. Que as vezes faltava, que não é toda vez que ganha né? Ai comprava também.

Louriene: Mas para comprar isso ai, vocês tinha que levar as coisas daqui e vender na cidade? Como adquiria o dinheiro? Para comprar os produtos faltantes?

Romão: Que naquela época quase todo mundo tinha uma vaquinha, bizero, vendia e segurava o dinheirinho só para fazer as compras, roupas essas coisas.

Louriene: Ah, tá! Entendi.

Romão: Jeito de ganha dinheiro têm. Tem muita coisa que faz dinheiro mas cadê o serviço.

Na sua fala, também, está explícito que há muitos jovens na comunidade, se comparada com a época em que era jovem. Mas, ao dizer que tem 15 filhos, e que somente 6 vivem na comunidade, observa-se a saída deles em busca de trabalho na cidade. A história local está marcada pelos conflitos, que ocorreram logo após a chegada deles, quando vieram grileiros de terras, ocupando os seus espaços, dizendo que a terra lhes pertencia. Evidencia-se que eles estavam se aproveitando da situação no que diz respeito à falta de conhecimento das pessoas Kalungas daquele lugar quanto ao mundo letrado. Como diz o senhor Romão, fazendo escrituras falsas. Segundo Baiocchi (2006), a invasão de terras ocasionou conflitos, com a chegada dos grilheiros no território, gerando, assim, conflitos que geraram mortes, com vários tipos de violência empregada, incluindo a psicológica. Assim, afirma:

No contexto de ocupação das terras, emerge a grilagem, que, segundo os Kalunga do Ribeirão dos Bois, extrapola os limites municipais; cometem-se atrocidades como invasões, queimas e derrubadas de casas com trator (caso Borrachudo, município de Teresina de Goiás), sevícias e mortes, inclusive psíquicas. Os anos de 1978 a 1990, principalmente, foram marcados pelas entradas de empresários rurais, fazendeiros e grileiros (BAIOCHI, 2006, p. 58).

Após a entrevista com o senhor Romão, fui à casa da dona Prima, a sua irmã.

Dona Prima tem 82 anos e, hoje, se encontra com problemas visuais. Não enxerga e, segundo ela, devido à sua idade tem problema de esquecimento. Mas, eu disse a ela que poderia responder o que ela conseguisse e, então, aceitou ser entrevistada, conforme a transcrição a seguir:

Louriene: Nome? Idade?

Prima: Meu nome é Prima Pereira das Virgens. E a idade eu tô com oitenta e dois anos.

Louriene: Há quanto tempo a senhora mora aqui na comunidade?

Prima: Não lembro não, não lembro de jeito nenhum.

Louriene: A senhora sempre morou aqui? A senhora nasceu aqui?

Prima: Eu nasci no Vão de Almas de lá que meu pai mudou pra cá, que fez o sitio lá na beira da Ema (córrego) diz que eu tava sentando. Quando es mudou prai eu tava sentando.

Louriene: Ah,tá!

Prima: É, eles morava no Vão de Almas né? Ai eles comprou a terra pra cá e vei mudou de lá pra cá. Eu tava na mão ainda, Eu num tem nem lembrança que eles memo que falava né?

Louriene: Quem foram as primeiras pessoas a morar na comunidade?

Prima: Aqui nesse lugar, primeiro foi eu.

Louriene: E antigamente?

Prima: Meu pai morava lá na beira da Ema lá ó, junto daqueles pezão de manga.

Louriene: Qual o nome do pai da senhora.

Prima: Binicio Pereira das Virgens.

Louriene: Ah, sim!

Prima: Pois, é!

Louriene: O pai da senhora veio lá do?

Prima: Lá do Vão de Alma, lá do Kalunga.

Louriene: Ele comprou aqui? Como foi?

Prima: Ai num lembro, eu sei que eles comprou a terra, num sei se foi 100 alqueire. Acho que foi 100 alqueire dele mais o vei Pulu, né? Era deles dois. Pulu era o marido de França que era o pai de Ozilia. O negócio foi o seguinte eles comprou disse que do outro lado do rio, ai eles achou do outro lado de cá do rio mais bonito disse que passou pra morar do lado de cá. Eles conversou com o véi Sirvino que mora em Cavalcante ai disse quele falou pra eles, não cês mora onde ocês quiser, que a terra não dividida, né? Não era dividido que eles podia fazer a morada onde eles quisesse, e assim eles passou pro lado de cá, né? Vei pulu ficou la em cima e ele cá embaixo cá na beira da Ema.

Louriene: Como era a vida da senhora quando era jovem?

Prima: Eu fazia era trabalhava na roça, fiava muito, ticia pano, tudo eu fazia. Serviço meu era esse mesmo. Num mais quando eu ia trabalhar pro outro, né? Fazia as coisas, cozinhar pro outros. Eu panhava tinha de tudo eu fazia, costurava e tudo. Hoje eu num faço nada mais.

Louriene: O que tinha pra vocês? Tinha festa?

Prima: Tinha, tinha muita festa, aqui nessas beira tinha festa do vei Geraldo que era irmão do meu pai, festejava lá nessas beira do Limoeiro, ele morava pra lá né? Festejava todo ano São Sebastião, todo ano. Essa que Romão faz direto.

Louriene: Tinha mais folia?

Prima: Tinha essa, ele soltava depois foi ruinando, não deu pra fazer mais os outro tomou de conta. Cumpadre Gegrório festejou não sei se foi uns dois ou três anos. Depois disse que num dava certo porque lá num tinha água, saiu mudando pro outro, né? Ai, zefirino pegou em vida dele mas a Isabé que tava festejando, todo ano, todo ano. Ai foi tempo que Zefirino morreu, zabe ficou fazendo depois ela tomem dueceu num deu conta de fazer mais, ai ficou ai assim e ai passou pra Romão.

Louriene: Como os filhos da senhora ajudava em casa?

Prima: Meus meninos ajudava só mesmo ajudava arrumar as coisas ai em casa mesmo, num tinha nada, trabalhar na roça mesmo.

Louriene: Total de filhos que a senhora têm?

Prima: Eu tinha seis.

Louriene: Ah sim!

Prima: Agora so tenho cinco.

Louriene: Tem alguém que mora fora?

Prima: Têm.

Louriene: Tem quantos que mora fora?

Prima: Domingo, Rosa tudo mora lá, Domingo mora em Goiânia, Reinaldo que é neto também mora lá em Goiânia.

Louriene: Dois filhos que moram fora?

Prima: E lindaura que tá agora também pra lá, saiu pra trabalhar disse que vai voltar denovo. Mas tá pra la. Trabalhando, né? Disse que vai voltar denovo pra cá.

De fato, Dona Prima não se lembrou de muita coisa. Logo, pesquisamos sobre a história local e sobre os aspectos culturais, que estão explícitos na sua fala.

Essas foram as três pessoas que pesquisamos, tendo como base a história local. Nas três falas, podemos perceber que essas pessoas têm filhos e que a maioria está morando na cidade. O exemplo dos seus filhos serve de apoio para discorrer a respeito da evasão rural, e como as pessoas mais velhas, no seu tempo juvenil, tinham uma ligação forte com a terra. Mas, com o passar dos anos, essa ligação foi mudando.

Após a terceira geração das famílias pioneiras da comunidade, a migração para a cidade foi maior. As pessoas mais velhas falam com muita felicidade do seu tempo juvenil: o trabalho na roça; as festas tradicionais; o forró; a sua relação com os aspectos ambientais; e a roça como elemento econômico do lugar. Por outro lado, podemos perceber que, ainda, há problemas relacionados com a terra, devido ao arrendamento que houve pelos fazendeiros e que, segundo eles, não tem espaço para esses mais jovens plantarem roças. Acrescentam-se a falta de incentivo; a seca que vem ocorrendo nos últimos anos; e, até mesmo, *o querer* por parte desses jovens.

Figura 4 - Documento do imóvel Ema/Soledade.

REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DE GOIÁS — TERMO DE CAVACANTE — COMARCA DE CAVALCANTE

Cartório do 1.º Ofício e Registro de Imóveis
Raimundo Ferreira Gomes
TABELIONATO TABELADO
Raimundo Ferreira Gomes — Esc. e Sub-Oficial

Descrição do Imóvel: SOLEDADE

Área: 100 alqueires

País: Brasil

Local: GOIÁS

Proprietário: SERGIUS FERREIRA DA SILVA

Forma: 1.ª Página: 1.ª Sub n.º de Ordem: 593

Registrado no Livro: 232 Registro Geral: Folha 118

N.º: 232 Matrícula n.º: 338

Valor: 4.500.000

Assinado em: 24 de Junho de 1979

Raimundo Ferreira Gomes

Fonte: Dados primários, 2015.

CAPÍTULO 2 – JUVENTUDE QUILOMBOLA: UM OLHAR UNIVERSAL AO PARTICULAR DE COMO FOI CLASSIFICADO O SER JOVEM EM GERAL E JOVENS QUILOMBOLAS, NOS ÂMBITOS SOCIAIS, ACADÊMICOS E INSTITUCIONAIS

Como aponta Castro (2012, p. 439), “jovem é um termo usado pelo senso comum, pelo campo acadêmico e mesmo em espaços políticos desde o século XIX, inicialmente em uma concepção geracional que opunha jovens e velhos, ou jovens e adultos.”

Ser jovem envolve múltiplas questões, que devemos analisar para entendermos essa categoria. Com isso, analisaremos, a seguir, como eram vistos os jovens em alguns séculos passados e como eram estudados. Com o decorrer dos anos, perceber, por meio de pesquisas, esse público.

No final do século XX e no início do século XXI, ocorreu um pouco mais de debate sobre o jovem nas universidades, nas políticas públicas. Porém, muitos analisavam os jovens por idade, comportamento, aparência física, utilizando alguns métodos superficiais.

Ainda, no século XX, em 1960, tem-se uma identificação mais clara do que é ser jovem, por meio do corte etário no qual foi reconhecida a idade de 15 a 24 anos. Isso com o objetivo de identificar o tempo mínimo para o ser humano começar a trabalhar e o tempo máximo para que terminasse o ensino básico e médio.

O corte etário de 15 a 24 anos, adotado por organismos internacionais como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), procura homogeneizar o conceito de juventude com base nos limites mínimos de entrada no mundo do trabalho, reconhecidos internacionalmente, e nos limites formal básica (ensino básico e médio). O recorte de juventude com base em uma faixa etária específica é pautado pela definição de juventude como período de transição entre a adolescência e o mundo adulto (CASTRO, 2012, p. 439).

Com isso, Castro (2012, p. 440) definiu que, quando há o término da fase juvenil, passa-se para a fase adulta, se conhecendo e se identificando como tal de acordo com as experiências vividas pelas pessoas nessa etapa de vida. “Juventude é uma categoria transitória e, como experiência individual, como identidade social ou, ainda, identidade política ela pode assumir contornos mais perenes.”

Esta definição de corte etário concretiza-se, ainda mais, em 1964, em Grenoble (França), a partir da Conferência Internacional sobre a Juventude. Isso se dá pelo fato de que o recorte etário facilita as pesquisas sobre o público e as políticas públicas que mais interessam aos

jovens. Porém, isso somente não seria necessário para entender o que é realmente ser jovem, porque isto serviria para todos os jovens do mundo, sem analisar as especificidades de cada país e regiões dos países.

Entre 1980 e 1990, por meio do debate sobre a juventude, surgiu a discussão da “diversidade” que vai além do corte etário, rompendo com alguns conceitos do que é ser jovem.

A juventude foi vista e é vista de várias formas. Para Castro (2012), é uma categoria que está em construção social, relacionada com: a transformação, os problemas sociais, os comportamentos, a idade etc. Há alguns conceitos e expectativas sobre a juventude, sem verificar a sua realidade.

Uma construção recorrente é a que associa juventude a uma concepção inerentemente transformadora (Margulis, 1996), ou associada a um problema social, como os textos que utilizam termos como delinquência juvenil para retratar determinados indivíduos que teriam em comum a idade e uma forma de se comportar (CASTRO, 2012, p. 440).

Esta categoria sempre foi vista como inferior. Normalmente, identificados como indivíduos que estão em processo de formação, sem experiência e que precisam de orientações para fazer algo. Subalternos, tanto no âmbito familiar, político e social. O termo jovem está relacionado, quando o mesmo se identifica como tal pelo corte etário, a classe a qual pertence e a sua identidade, ou seja, sua origem e o poder que obtém na sociedade.

O termo *diversidade*, ainda, que não muito explícito e com muito menos voz, como nos tempos atuais, já era citado no século XVIII como, por exemplo, em termos como: juventude rural, jovem rural, jovem camponês e jovem do campo. No século XX, utilizaram-se termos, como: família camponesa, jovem camponês e jovem, para explicar sobre os jovens que ainda moravam com os pais e sendo estes, geralmente, homens, muitas vezes, sendo uma estratégia para manter a propriedade e não deixar abandonado. Alguns saem para cidade para adquirir bens e corromper com essa responsabilidade e, também, esse tipo de ação pode estar associado à descaracterização para não ficar recebendo ordens da autoridade paterna.

Os jovens do campo, muitas vezes, estão associados à “saída do campo para cidade”, desinteressados por este espaço, sem muitas vezes entender o que envolve ser jovem do campo, colaborando assim com a invisibilidade desse público, como uma identidade e na (ausência das) políticas públicas.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010, havia 8 milhões de jovens morando em áreas rurais no Brasil. O estudo é abordado pelo contexto da política da Reforma Agrária que vem sendo executado no Brasil, desde 1985. Com a

invisibilidade e subalternidade dos jovens nos espaços de decisão, essa migração, muitas vezes, é realizada pelas mulheres do que pelos homens, causando, assim, o “celibato” na área rural. Ainda, de acordo com IBGE, do ano de 2010, no Brasil, o número de homens e mulheres tem uma certa constância nessas faixas etárias de 15 a 29 anos, mas, que na área rural há uma grande diferença entre gêneros.

De fato, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil, se existe certo equilíbrio entre a população jovem masculina e feminina na faixa etária de 15 a 29 anos (49,1% e 50,9%, respectivamente), o mesmo não se observa com a população jovem do campo (53,2% de homens para 46,8% de mulheres nessa faixa etária); o desequilíbrio é ainda maior na faixa etária de 15 a 17 anos (55% e 45%, respectivamente) (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010).”(p.442).

Nos anos 2000, os jovens que se identificavam com movimentos sociais se organizam para contradizer o que diziam sobre eles. É neste período, também, onde os movimentos se formalizam e são reconhecidos como uma instituição que luta pela e com a classe trabalhadora e ganha voz nos espaços públicos. Mesmo assim, os jovens ainda são invisibilizados, pois essa luta vem logo após a luta das mulheres que também são invisibilizadas. Ser jovem do campo implica em várias situações, como: falta de escola, trabalho, oportunidades, transporte escolar, dentre outros, que afetam a permanência do jovem no campo.

Nesse sentido, segue a ordem de como foi categorizado os jovens e como eles eram vistos em épocas diferentes²:

XVIII – Surgimento de termos, como: juventude rural, jovem rural, jovem camponês, jovem.

XIX – Senso comum, campo acadêmico, e espaços políticos.

XX – Jovem em oposição a Adulto ou Velho, final do século XX e início do século XXI.

XXI – Utilizam-se termos, como: família, camponesa, jovem camponês e jovem.

1960 – Identificação mais sucinta de jovens, sendo classificados como tal por meio do corte etário.

1964 – Concretização da classificação do corte etário em Grenoble na Conferência Internacional sobre Juventude.

1980-1990 – Surge o termo diversidade, indo além do corte etário.

Final do século XX e início do século XXI – ocorre-se mais o debate sobre juventude.

2000 – Participação dos jovens, que se identificam em movimento sociais.

² Organizado pela autora, com base nas seguintes fontes: CASTRO, E. G. **Dicionário da Educação do Campo**, 2012, p.439-444.

2000 – Formalização dos movimentos sociais.

Em relação às políticas públicas para os jovens, é, ainda, um tema com poucos avanços concretos em comunidades tradicionais, assentamentos e nas cidades, principalmente nas periferias. Os jovens foram reconhecidos, desde 2005, pelo governo federal, como um coletivo de direitos e, lógico, por meio de muitas lutas deles, que se organizavam em movimentos para que isso se realizasse. Porém, muitos jovens ainda não se percebe como um coletivo de direitos devido a ausência histórica de políticas de ação. Nessas condições, não chega as políticas para os jovens do campo e outros que são mais invisibilizados.

Para que se realizem as políticas públicas, é necessário que o governo analise as especificidades da diversidade juvenil, como por exemplo: as suas realidades, demandas, características sociais, demográficas, dentre outras questões. Dentre os 8 milhões de jovens que vivem no campo, há algumas regiões do Brasil com dificuldade maior de acessar ou chegar as políticas públicas, sendo elas as regiões do Norte e Nordeste, enraizadas com o processo de maior conflito por regularização fundiária, implantação da monocultura, e por haver uma concentração intensa de latifundiários. Neste sentido, os jovens destes lugares tendem a migrar e, muitas vezes, se veem obrigados a ir para a cidade com uma expectativa de coisas melhores para as suas vidas. Alguns assuntos transversais os impedem de serem atuantes e de se verem livres de algumas amarras, a fim de se tornarem atores de suas vidas, participativos. Um dos exemplos é o patriarcalismo, relação de gênero, que influencia ou impossibilita muitas coisas.

No último Censo (2010), havia um decréscimo da população rural, e esses processos migratórios dizem mais fortemente respeito aos jovens. Como compreender esses processos migratórios? Nós tentamos sintetizar cinco explicações: primeiro, são fatores estruturais ligados às condições de reprodução social na agricultura; segundo, ausência de possibilidades de renda; terceiro, a frágil infraestrutura de equipamentos sociais no meio rural como acesso à saúde, à escola etc.; quarto, diz respeito aos padrões culturais e às hierarquias na família (MENEZES; STROPASOLAS; BARCELLOS, 2014, p. 77).

O censo explica alguns dos problemas em ser jovem do campo no Brasil. Mas, em cada região, há as suas dificuldades, identidade e cultura. É essa diversidade de juventudes, que concede sentido às políticas públicas, ao se reconhecer, como uma entidade coletiva de direito.

Há necessidade de uma revitalização dos movimentos sociais e dos movimentos da juventude. Apesar de todo o esforço dos movimentos sociais, há uma grande quantidade de jovens rurais que não estão dentro dessas organizações. Ou seja, há muito ainda que ser feito para ampliar, integrar, agregar, dar voz e ouvidos à juventude

rural. Bom, então esses seriam os cinco pontos do primeiro bloco que nós chamamos de Contexto e Realidade Juvenis do Campo e da Floresta (MENEZES;STROPASOLAS;BARCELLOS,2014, p. 78).

Devido ao modelo capitalista excludente que se vive no país e o meio rural implantando cada vez mais os seus modos de produção, que são: a monocultura, a extração mineral, dentre outras ações que são priorizadas pelo governo e limitando as demandas dos jovens, a agenda pública conquistada por eles ainda é muito irrelevante no âmbito governamental. Além dos conflitos particulares, têm-se os universais que afetam ainda mais a sua permanência no campo. Promover políticas públicas demanda múltiplas questões, iniciando pelo seu autorreconhecimento como cidadãos de direito, que tem a sua cultura, costumes, identidade, dentre outras questões.

Na medida em que demanda direitos, programas e políticas, a juventude rural está tratando o tema da migração como sendo de natureza pública, ou seja, questiona os discursos que reconhecem a migração como resultado de uma escolha particular do jovem rural. Assim, promover sucessão rural e permanência no campo não é tema de caráter privado, restrito ao universo familiar, mas é, sobretudo, um componente da agenda pública, no tocante à garantia de direitos e cidadania, com reconhecimento dos povos do campo (MENEZES;STROPASOLAS;BARCELLOS,2014, p. 126).

Ao irem à cidade, faz com que tenham essa duas dicotomias de vida, havendo, assim, uma fragilização ou perda da sua identidade. Dentre alguns dos instrumentos, que envolvem nessa migração, destaca-se a mídia elitista que exalta a cidade como um lugar de vida, de que a monocultura e os meios de produção criados pelo capitalismo são a solução para toda humanidade. Para que os mesmos se sintam parte daquilo e serem prováveis consumidores e se vejam como indivíduos que devem acompanhar as tendências tecnológicas, itens da moda para não ficarem esquecidos ou atrasados nos avanços. “Os meios de comunicação são reconhecidamente a principal arma de manipulação ideológica da atualidade, cumprindo um papel importante na reprodução capitalista da vida” (BASTOS; GONÇALVES, 2015, p. 9).

Vivemos em uma época que se compra os alimentos, vestidura, e objetos de distração. Muitas vezes com a pressa e a falta de oportunidades, no sistema na qual se vive nos tempos atuais, o individuo não aprende a fazer o que se veste, não produz o que se come, acaba-se por não se fazer parte do processo onde está inserido, para entender no aspecto geral de que tudo está interligado. Ao sair do seu lugar de origem o jovem encontra realidade distorcidas dos que eles esperam encontrar exercendo, assim, jornadas de trabalho excessivo, violência, falta de oportunidades por não terem condições, desemprego, vivendo assim subordinados pela lógica do capital que explora e subordina a classe trabalhadora, os jovens são a parte da população mais usurpada deste sistema.

Para conseguir créditos nos bancos para desenvolver atividades no campo, os jovens passam por burocracias que os impossibilitam de ter acesso a financiamentos. É necessário, haver créditos sem ou com baixa taxa de juros, que eles não tenham que ir para escolas técnicas para obtenção de alguns programas. Neste sentido, há muitas burocracias que os impossibilita de gozar dos seus direitos, os programas acabam não chegando as classes mais carecente . Primeiro, é necessário a sua participação com o pai ou talvez os pais na terra, ter o conhecimento de que eles saem por vários motivos e não ser invisibilizados por serem relacionados com a imigração. Alguns dos programas oferecidos para o fortalecimento para a agricultura familiar e camponês é o Pronaf. Porém, para os jovens tem uma alta taxa de juros e ainda há alguns critérios exigidos para se obter alguns recursos oferecidos para a classe trabalhadora, como, por exemplo, de que os mesmos tenham vínculo com escolas agrícolas. Para as mulheres, isso é mais inacessível ainda porque há pouca participação delas nesses espaços e isso está ligado com a sua submissão à autoridade paterna, ainda há alta expressividade de mulheres nos trabalhos domésticos. Apesar de que houve uma pequena mudança estrutural em relação à valorização do seu trabalho onde a mesma exerce tripla ou mais jornada de trabalho envolvendo o trabalho doméstico, não é suficiente e não atinge um parâmetro adequado de direito no seu pleno reconhecimento pela sociedade e instituições.

A formação social do Brasil, com suas particularidades históricas, reflete uma forma bastante peculiar de desenvolvimento do capitalismo, sendo atrelado substancialmente ao seu caráter agrário, atravessado por relações conservadoras, escravocratas e de heteronomia, subsidiando o “desenvolvimento desigual e combinado”, conforme nos indica Florestan Fernandes (2007). A atividade agrícola e a questão fundiária foram, portanto, a base do avanço do capitalismo no país, desde o período de colonização, viabilizando historicamente a acumulação de capital (MENEZES; STROPASOLAS; BARCELLOS, 2014, p. 148).

Um dos problemas estruturais mais intenso e conflituoso, que envolve todas essas questões no Brasil, é o acesso à terra. A questão fundiária tanto para os movimentos indígenas e comunidades quilombolas é um dos tabus primários para a solução de todas as questões. Há um pequeno percentual de fazendeiros donos de muita terra e muitos trabalhadores que lutam para ter um pedaço para construir a sua vida com dignidade. Se tivessem, seria possível ter a melhoria individual e coletiva com acesso à educação de qualidade, saúde, lazer e outras que avancem cada vez mais os espaços comunitários.

A juventude Quilombola

No país, há 2.847 comunidades quilombolas, em 24 estados, de acordo com informações da CONAQ.

Figura 5 - Terras Quilombolas tituladas e em processo de titulação.



Fonte: MISKALO et al., 2018.

Pensar a juventude quilombola é analisar os processos históricos que permeiam o ser juventude quilombola do campo.

Pode-se analisar que há várias definições do que é ser quilombo nos livros e, isto, também reflete o processo da colonização. Como o mundo letrado veio a aparecer no país a partir desse processo, os portugueses que detinham o saber e poderiam definir como os mesmos entendessem e davam significado a essa gente. Havia o conceito de que Quilombo seria “habitação de negros fugidos”, isto é, definido por uma visão elitista. Com o passar dos anos, esta descrição, por meio da luta do movimento negro, foi ganhando novos sentidos e explicações.

A passagem do negro escravo para trabalhador alforriado é marcada pelo processo de produção de hierarquia racial sob a tônica da liberdade. Ao trabalhador negro não

foram garantidos direitos sociais, políticos e de cidadania, formalizando a distribuição desigual de poder (BASTOS, 2009, p. 21).

O conceito de “negros fugidos” não tem nenhuma relevância, porque eram povos que eram escravizados e se eles fugiram foi devido a não aguentarem o tipo de trabalho que os ofereciam sem nenhum amparo trabalhista, em condições precárias de trabalho. Sendo assim, eram subalternos por essa gente que detinha o poder econômico e territorial, pois os mesmos, não eram vistos como cidadãos de direitos e igualdade pela classe burguesa, que os explorava oprimindo-os, tirando o direito de serem livres e terem liberdade de expressão. Para os manterem presos ao processo de escravidão, usavam-se termos que desvalorizavam o trabalho dos negros no Brasil e da sua importância, por meio da sua inferiorização, por não aceitarem que houve uma rebelião de pessoas que não aceitaram viver nesse sistema de humilhação. Através das muitas lutas dos negros para haver a abolição da escravatura, em 1888, pela Lei Áurea, mesmo assim, havia estratégia para que os mesmos não tivessem plenos direitos.

Com uma economia predominantemente agrária e um sistema de relações sociais paternalista, o Brasil pós-abolição continuou a reproduzir hierarquias baseadas na posição social e na cor (Skidmore, 1976). A estratégia de manutenção dessas desigualdades estava, por exemplo, na preocupação em definir quem era cidadão, criando um tipo de classificação social em que a cor da pele era o fator determinante. Homens e mulheres livres de cor não poderiam ter os mesmos direitos que mulheres e homens brancos, estes últimos detentores do poder político e econômico (BASTOS, 2009, p. 22).

Os negros, carregam marcas do racismo impostas pelos portugueses, em 1822, criaram-se as leis de terras para tratar de assuntos relacionados à regularização fundiária, porém, criavam-se leis que impossibilitavam os negros de deterem o espaço. A lei favoreceu mais os latifundiários e a expansão da monocultura. Portanto, os quilombos foram uma forma de refúgio de todas essas repressões vividas no século passado.

O movimento negro que foi criado pelos próprios, no período escravagista, que na qual temos o Zumbi dos Palmares, Dandara, como umas das referências para reivindicar e dar sentido a sua origem, mostrando a sua verdadeira história, não mais como “negros fugidos”, no sentido pejorativo para elite e impregnado na sociedade, mas sim, como pessoas que se refugiaram da escravidão em busca de liberdade em lugares distantes dessa desumanização vivenciada por eles e elas. Reconstruindo assim as suas histórias e dando um novo sentido a ela com suas culturas, costumes, crenças etc.

Ampliar o olhar sobre os quilombos no Brasil significa também perceber que essa construção social seguiu uma lógica de composição de diversos quilombos como estratégia de defesa e não apenas de alguns maiores. Implica ainda no reconhecimento

de uma rede de trocas reveladora da diversidade dos processos de resistência e ocupação de terras no Brasil (BASTOS, 2009, p. 25).

A luta dos povos Quilombolas são lutas, por igualdade e melhor condições de vida. Que as instituições governamentais reconheçam as suas culturas, identidade. Com isso, uma das lutas principais deles, além do que foi citado acima, é por regularização fundiária. . Com a Constituição de 1988, fica exemplificado que as comunidades quilombolas têm o pleno direito de serem reconhecidas.

Torna-se importante, assim, atualizar o conceito de quilombo, visto que o reconhecimento científico das comunidades quilombolas é fator primordial na luta pela terra, pois a identificação étnica do grupo – segundo a legislação sobre o tema, principalmente o artigo 68 da Constituição Brasileira de 1988 – é que vai justificar seu direito ao território reivindicado (O'DWYER, 1997 *apud* BASTOS, 2009, p. 26).

Os jovens quilombolas vivenciam essa problemática estrutural que os impossibilitam de conciliar a sua fase de vida a uma vida plena. Impossibilitando-os de terem uma vida digna, pois para isso é preciso lutar contra as barreiras constitucionais que prefere priorizar o PIB (Produto Interno Bruto), que por sua vez está ligado à expansão do agronegócio. Pois bem, como vem sendo trabalhado a juventude Quilombola no Brasil e a sua realidade?

Pereira (2014) nos explica como vem sendo trabalhada essa diversidade em textos acadêmicos.

O levantamento das dissertações foi definido a partir de critérios que associavam expressões – chave em uma série histórica de 11 anos, definida entre 2000 e 2011, na qual, destaca-se o termo “juventude quilombola” que apareceu a partir de 2006. Na definição dessas expressões, elegeram-se: “juventude”, a qual ocorreu o registro em 42 dissertações; “juventude do campo”, registrou-se 22 dissertações e “juventude quilombola”, identificada em 15 dissertações, totalizando 120 resumos analisados.” (PEREIRA, 2014, p. 54).

Os jovens quilombolas já vem sendo analisados nos textos acadêmicos, porém, ainda pouco estudados se comparados os apanhados históricos no país, como podemos perceber pela invisibilidade dos jovens. Os jovens do campo só vêm sendo estudado a partir da luta por uma Educação do Campo em oposição ao rural.

Somente de 2006 em diante é que aparece a expressão juventude do campo. Essa situação é compreensível, considerando que o movimento por uma educação do campo em oposição à educação rural tem seu início em 1998, começando aí sua trajetória, não só de movimento reivindicatório por uma educação de qualidade para as populações do campo, mas também sua inserção como campo investigativo em educação, como em outras áreas de conhecimento. Observa-se no mesmo quadro, que a palavra-chave “juventude quilombola” começou a ocorrer a partir de 2006, e em

2007 não se registrou resumos sobre essa palavra, sendo que as temáticas que associavam juventude a relações étnico-raciais não foram contabilizadas nessa contagem. (PEREIRA,2014, p.55).

CAPÍTULO 3 – A SITUAÇÃO DOS/AS JOVENS DA COMUNIDADE EMA E SEUS PROJETOS DE VIDA

A comunidade Ema está localizada a 22 km do município de Teresina de Goiás e a 300 quilômetros de Brasília. Como toda comunidade Kalunga, na comunidade, não havia energia elétrica até meados dos anos 2000 (ainda há existência de comunidades sem energia elétrica). A partir do governo Lula, com o programa Luz para todos, passou a ter acesso à energia elétrica. As casas eram todas de adobe e palha, mas com o programa “Morar Melhor”, juntamente com Secretaria da Igualdade Racial (SEPPIR), Ministério das Cidades, Caixa Econômica Federal e a Fundação Cultural Palmares e a associação local, Associação Quilombo Kalunga (AQK), foi possível levar esses programas à comunidade.

Recordo-me de, quando ainda criança, as casas eram todas de adobe e palha e a luz utilizada à noite era a lamparina ou o lampião. Para acender a lamparina, era necessário óleo diesel e algodão. Esses dois objetos eram cruciais para os afazeres à noite, cozinhar ou até mesmo estudar. Não havia água encanada, tendo que ir ao rio para lavar louça, roupas, e pegar água no balde para os afazeres em casa. A economia do local era a produção da mandioca para fazer a farinha para escoar no município próximo, para assim obter alguns alimentos que não eram produzidos no local pelas próprias famílias. A plantação era na roça, chamada “roça de toco”, era outro aspecto econômico das famílias. Plantava-se milho, jiló, mandioca, quiabo, maxixe, inhame, batata doce, feijão, dentre outros alimentos. Essa produção, geralmente, era para consumo próprio, não havendo transporte para escoar essas produções. Havia um ônibus da prefeitura uma vez por mês para levar as pessoas da comunidade ao município próximo, pois as pessoas não tinham transporte particular. Com o passar dos anos, foi mudando essa realidade. A comunidade passou a ter energia elétrica, as famílias obtiveram eletrodomésticos, dentre outras coisas. O transporte público passou a ir mais vezes à comunidade (houve a diminuição, devido à obtenção de carro das pessoas da comunidade), e as pessoas foram adquirindo o seu próprio transporte. As casas, com os programas citados anteriormente, mudaram de adobe e palha para alvenaria e telha, minimizando assim doenças como malária e Doença de Chagas,

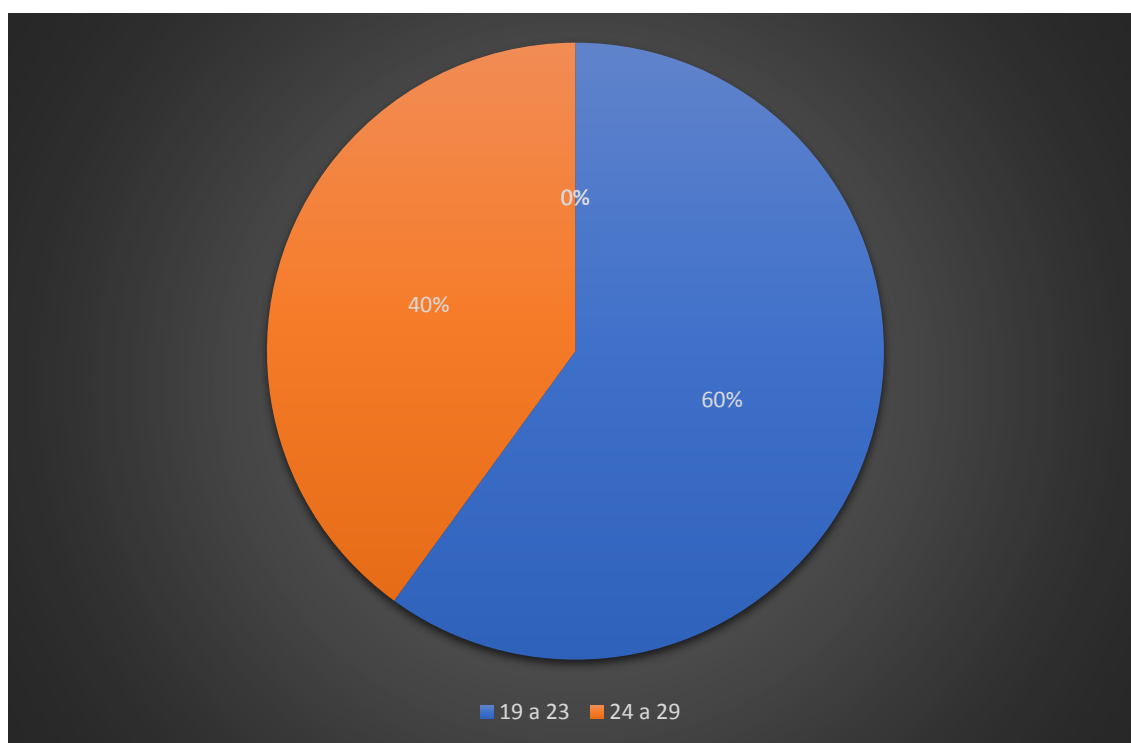
havendo água encanada em todas as casas da comunidade. Por meio das lutas das lideranças mais velhas, a comunidade passou a ter uma nova estrutura.

A comunidade é relativamente nova, se comparada com as outras do quilombo Kalunga. O acesso ao município próximo é de aproximadamente 30 minutos de carro. As casas não são muito distantes uma das outras e as pessoas que se encontram neste local geralmente são “parentes”, termo utilizado para designar família que tem laços de sangue distante ou próximo. Não se encontram muitas estruturas para trabalho e lazer no local. Há apenas uma usina de processamento de frutas do cerrado e um memorial, mas ambas não funcionam. Há também uma escola e um campo de futebol, que não tem suporte para as pessoas que costumam jogar no local, sendo de chão e as travessas de madeira. As pessoas que fazem algum tipo de artesanato ou produção, fazem na sua própria residência. Nesse sentido, torna-se oportuno discorrer um pouco sobre a história da comunidade, para assim chegar aos jovens dessa comunidade. Para isso, é preciso ter embasamento concreto do lugar, ouvindo as pessoas mais velhas e os próprios jovens.

3.1 Amostra quantitativa sobre o perfil dos/as entrevistados

Figura 6 - Faixa etária de 15 a 18 anos; de 19 a 23 anos; e de 24 a 29 anos.

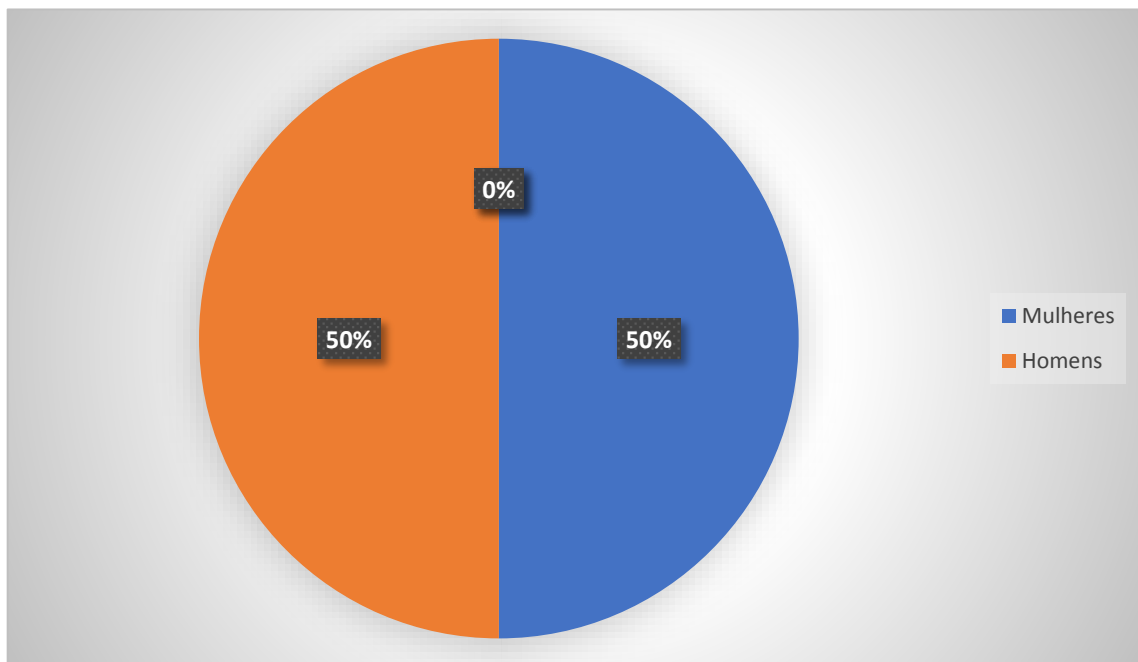
De 15 a 18	De 19 a 23	De 24 a 29
0	6	4



Fonte: Dados primários, 2019.

Figura 7 - Quantidade de mulheres e de homens.

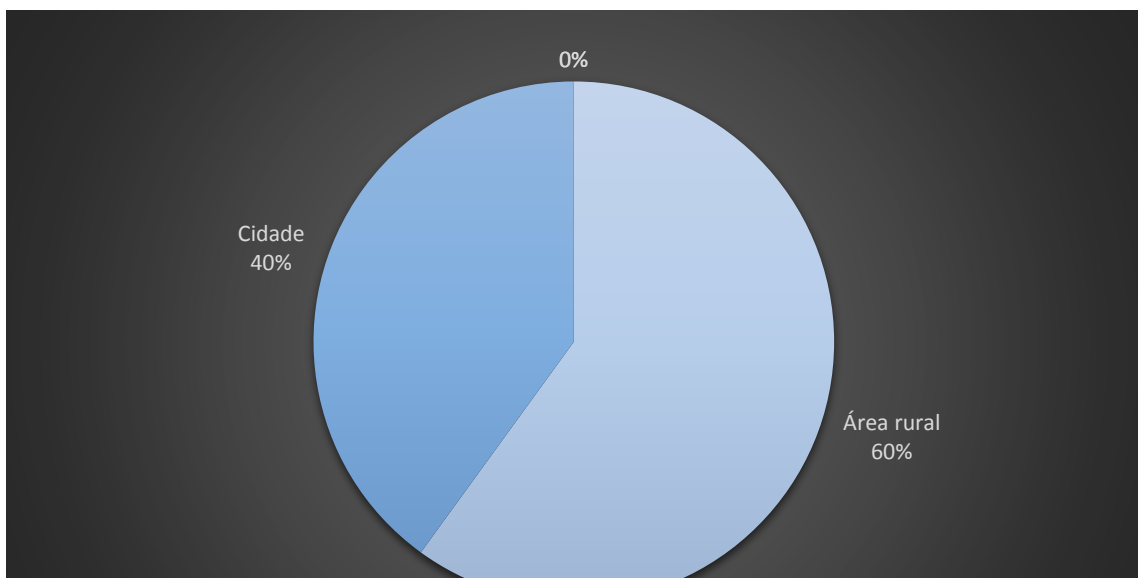
Mulheres	Homens
5	5



Fonte: Dados primários, 2019.

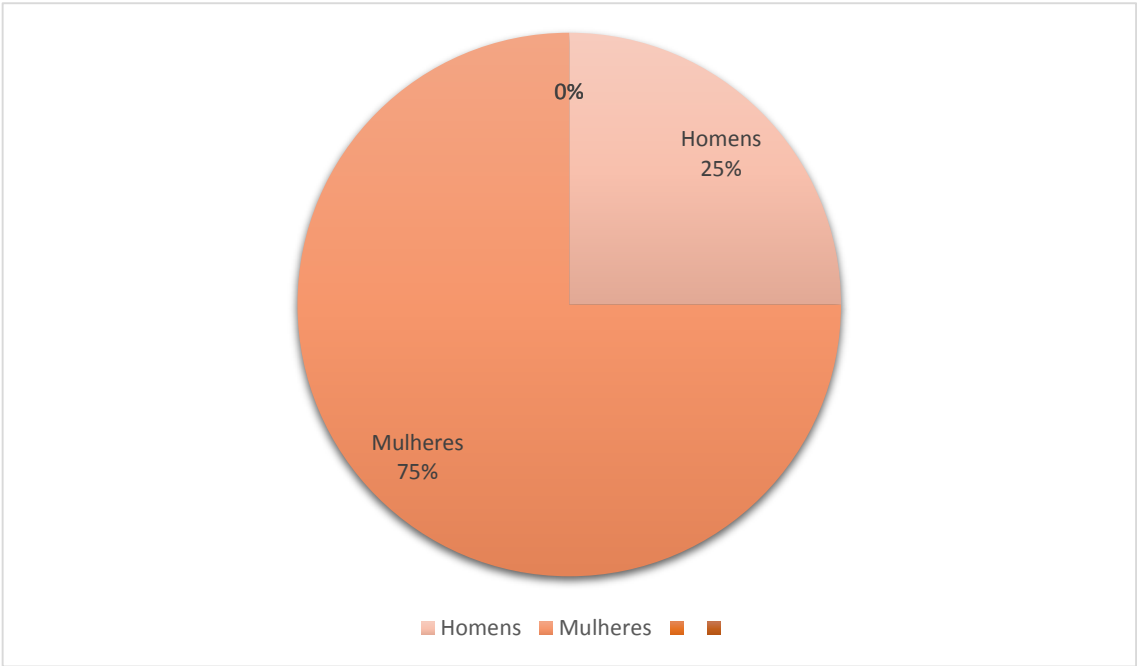
Figura 8 - Local de moradia.

Área Rural	Cidade
6	4



Fonte: Dados primários, 2019.
Figura 9 - Gênero X Urbano.

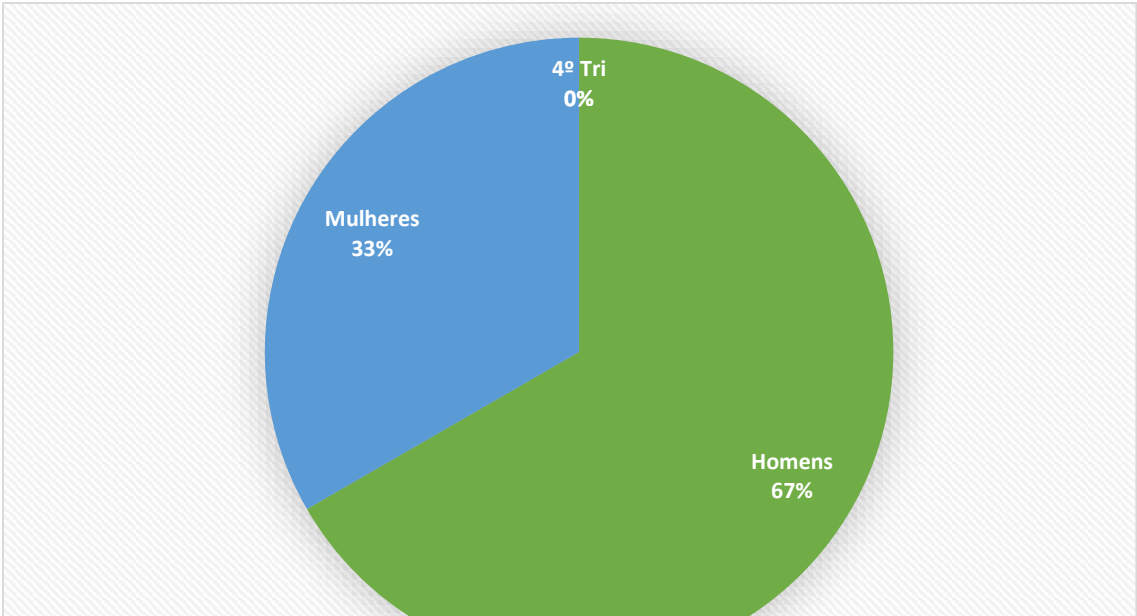
Homens	Mulheres
1	3



Fonte: Dados primários, 2019.

Figura 10 - Gênero X Rural.

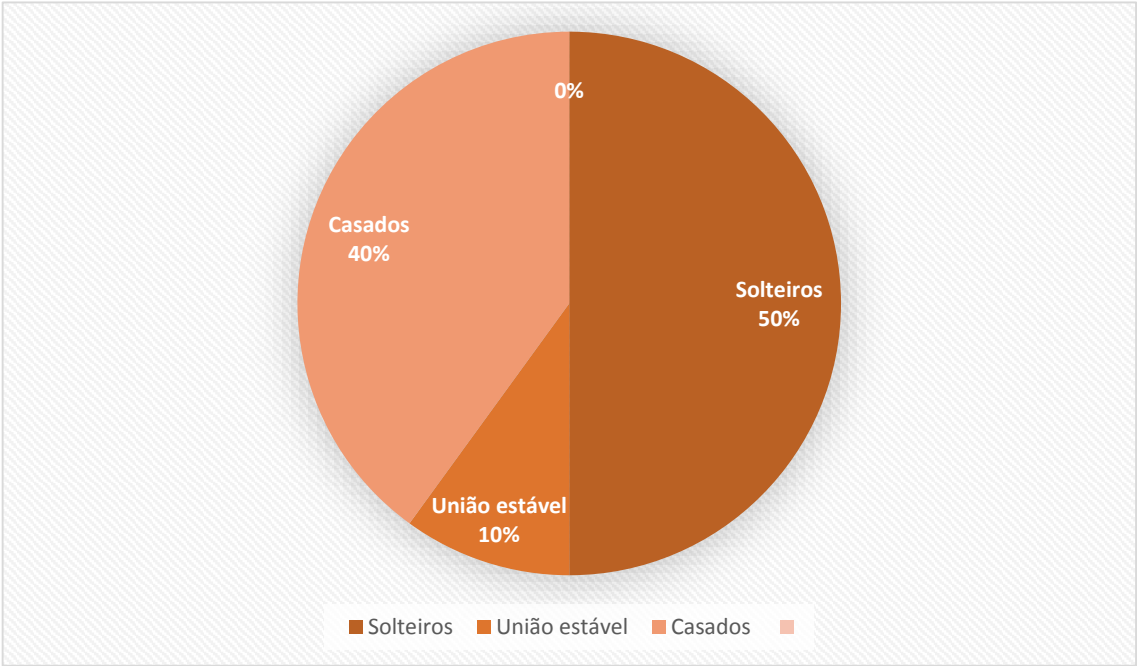
Homens	Mulheres
4	2



Fonte: Dados primários, 2019.

Figura 11 - Estado civil.

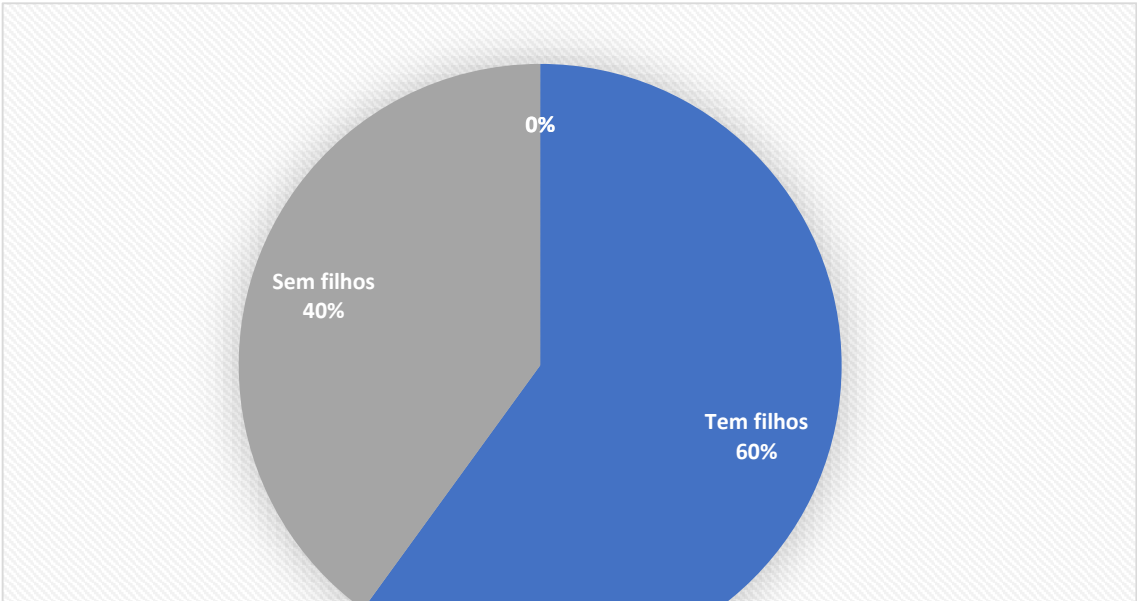
Casados	Solteiros	União estável
4	5	1



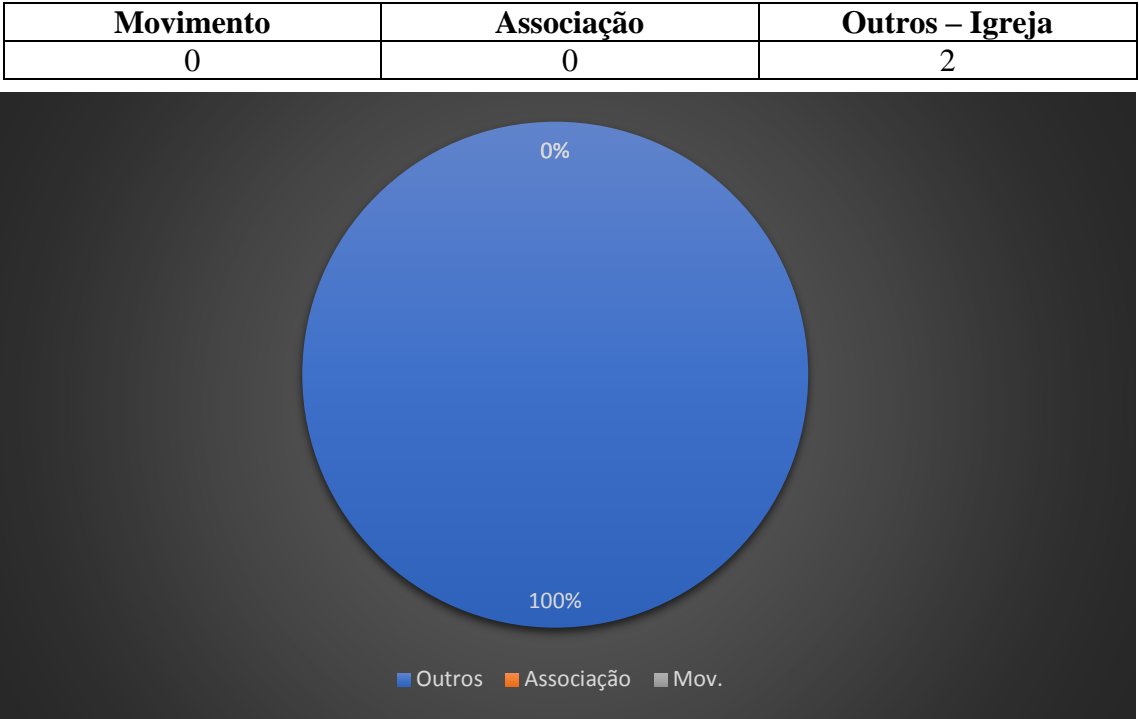
Fonte: Dados primários, 2019.

Figura 12 - Filhos.

Tem filhos	Não tem filhos
6	4

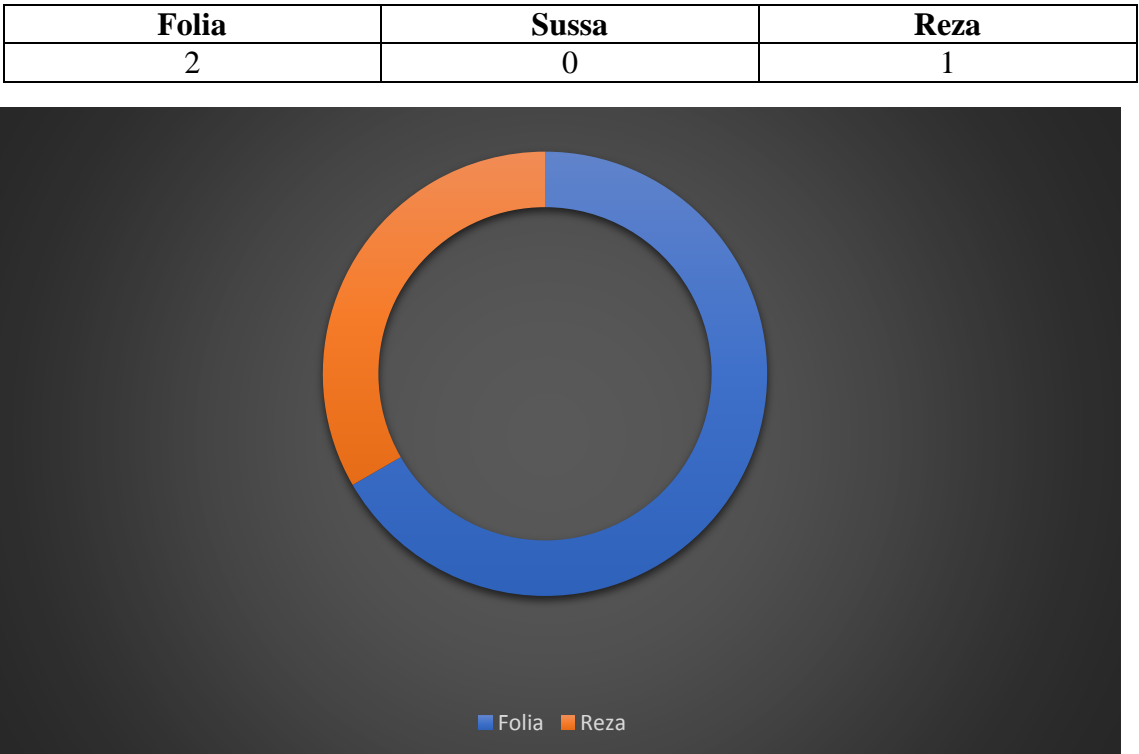


Fonte: Dados primários, 2019.
Figura 13 - Tipo de participação.



Fonte: Dados primários, 2019.

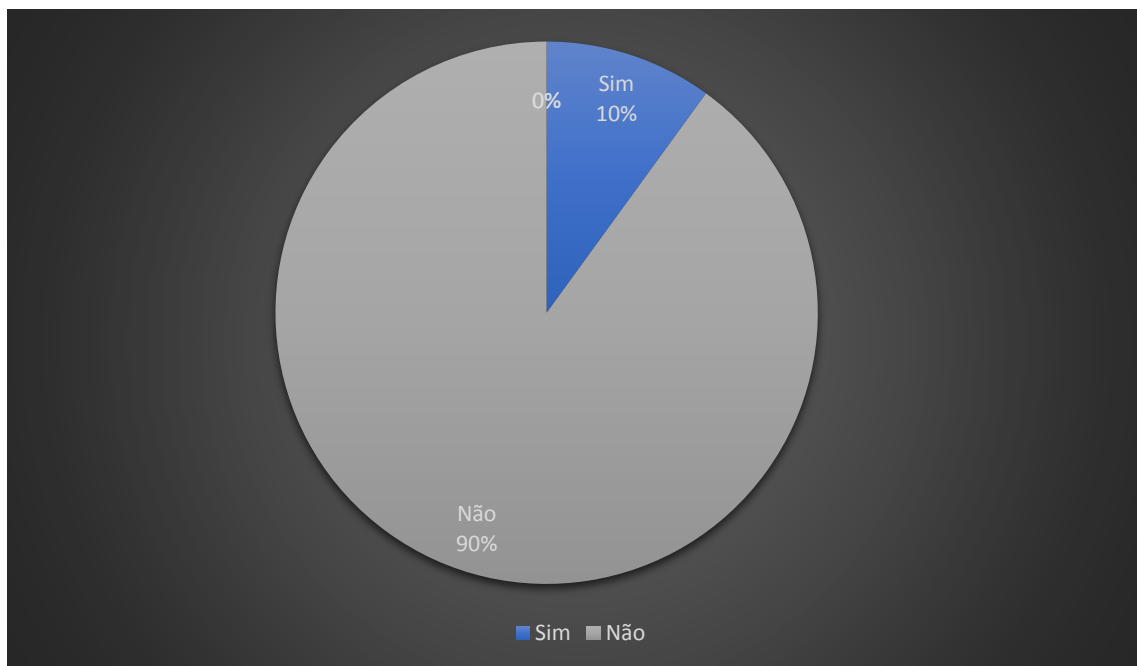
Figura 14 - Participação nos aspectos culturais.



Fonte: Dados primários, 2019.

Figura 15 - Informação sobre as organizações sociais e comunitárias da comunidade.

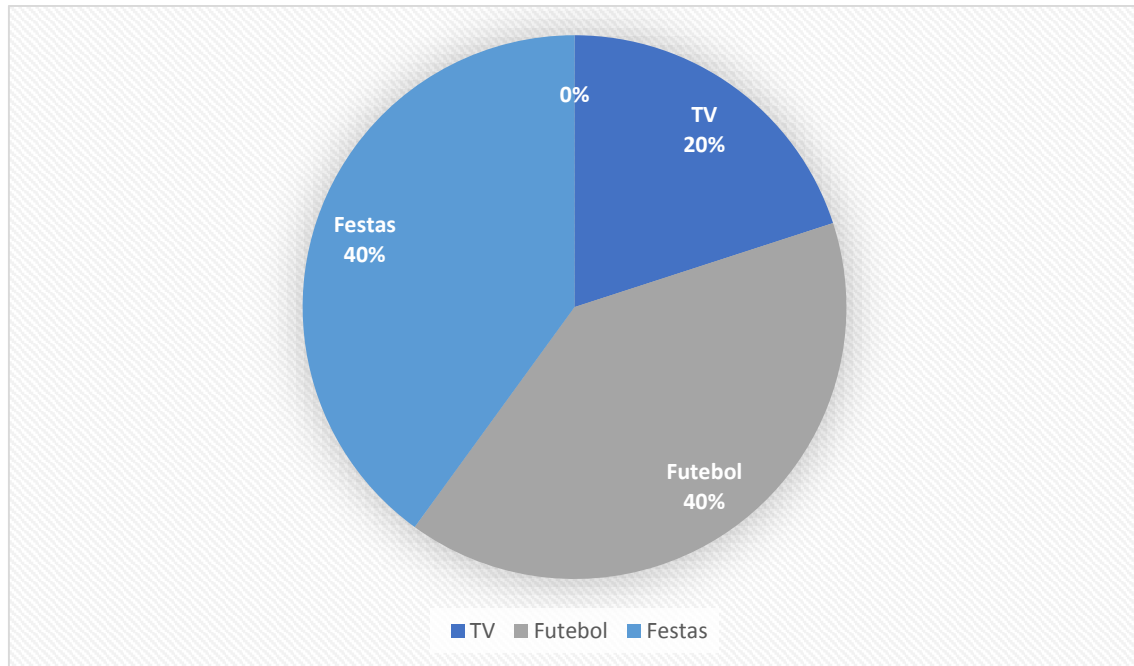
Sim	Não
1	9



Fonte: Dados primários, 2019.

Figura 16 - Lazer na comunidade.

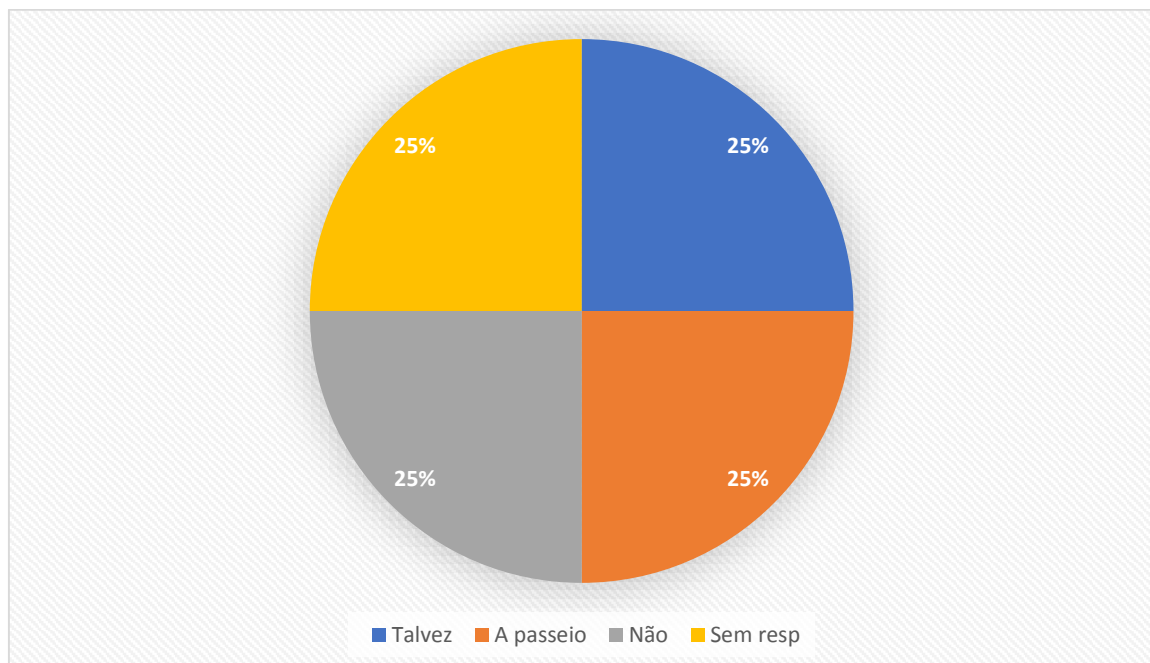
TV	Futebol	Festas
1	2	2



Fonte: Dados primários, 2019.

Figura 17 - Jovens que pretendem voltar para a comunidade.

Sim	Não	Talvez	A passeio	Sem resposta
0	1	1	1	1



Fonte: Dados primários, 2019.

3.2 Análise qualitativa

3.2.1 Jovens que vivem na comunidade Ema e na cidade

A análise da situação dos/as jovens da comunidade Ema em relação aos seus projetos de vida exige um processo de escuta dos jovens, que residem na comunidade e outros que foram morar na cidade, para ouví-los sobre como é ser jovem rural, como vivem, que dificuldades enfrentam, se há anseios para o futuro, o seu olhar sobre a comunidade, sua participação nela, e para os que vem a migrar como é o processo de adaptação, dificuldades, se gostam de viver ali, e o que almejam para o futuro.

Ouvindo esses jovens e vendo as suas realidades, podemos compreender melhor o ser jovem do campo. Iniciamos as entrevistas com os jovens que residem na comunidade Ema, jovens que em parte moram com avó, parte é casado/a, que constituiu família e outros que moram com os pais.

Após as entrevistas com as pessoas mais velhas da comunidade, mantive o contato com alguns jovens, que encontrei na primeira ida da minha entrevista com a dona Efigenia, Romão e Prima. Falei sobre o trabalho e o objetivo e logo após aceitaram e fizemos uma roda e iniciamos a conversa e entrevista.

As únicas fontes de trabalho é o manual e/ou instituições municipais e estaduais. A localidade é esquecida pelas instituições governamentais e os jovens são uns dos mais afetados nessa situação. Para os homens que vivem no local, ainda, há algum tipo de trabalho na roça, fazendas e alguns saem para algumas cidades próximas para fazer “bico”:

José Francisco: “O que eu faço qui na comunidade é mexer com roça, plantar mandioca, milho, essas coisas porque num gera outras coisas pra gente fazer, né? A não ser o plantio”.

Romario: “Uai, eu fico aqui uns dia outros dias vou no Alto Paraíso lá fazer uns bico e volto pra cá de novo”.

José Fernandes: “Aqui perto, aqui nas fazendas, aqui perto mesmo, perto de Teresina”.

As mulheres ficam à mercê, pois não há outras atividades que as envolva para que tenham renda. Vivem com a falta de trabalho, educação profissionalizante em diferentes áreas que desenvolva a comunidade, pois não há expectativa na agricultura e outras atividades já desenvolvidas na comunidade nem para a juventude:

Raquel: “Hmm, dona de casa, porque aqui falta trabalho ai é ruim. Não tem muitas condições”.

Antônia: “Dona de casa mesmo cuidar de casa e filho”.

-Quais sugestões de trabalho? Que daria pra gerar renda pra comunidade?

Antônia: “Colégio, merendeira, essas coisas. Babá”.

Raquel: “Aqui trabalho doméstico, babá esses trem”.

Os problemas climáticos que estão ocorrendo não somente nesta área, mas, também, nacional e internacionalmente, a falta de suporte técnico e outros apoios governamentais desmotivam a prática nessas atividades da agricultura. Em relação ao ensino, não são preparados no âmbito educacional, familiar e comunitário para serem agentes transformadores da sua realidade e que vejam o seu lugar como um espaço de mudanças, por meio de ações conjuntas. Isso também está ligado ao sistema capitalista que prepara o ser humano para uma vida competitiva e aos seus interesses e, não, seres humanos emancipados, que pensem a vida em coletividade e se sintam parte do processo de transformação de um grupo coletivo.

Natureza e comunidade são exaltados pelos mesmos como um lugar tranquilo e bom de se viver, mas com a falta de outros itens, é impossível permanecer no local:

Senhor Romão: “Hoje tá cheio! [Risos] tá cheio, a maioria sem trabalho porque num têm muito grande estudo. Até quem têm estudo, tá difícil. E quem não tem pior ainda. E as roças hoje em dia não tá quase compensando porque falta das chuva. Pouca né? Os vei vai acabando os novo num quer roça. Tá acabando é tudo”.

Raquel: “É bom né? Por causa que é o jeito. É divertido. - “ Da natureza, né? Que é calmo”.

Antônia: “Gosto que além assim, além das dificuldades tem é um lugar sossegado, né? Tem ninguém pra incomodar. A gente faz o que a gente quer. - O rio que é a melhor coisa que tem”.

- Qual é a sua expectativa de vida? O que quer para sua vida?

Raquel: “Um trabalho”.

Antônia: “Mudança de vida, o trabalho essas coisas”.

José Francisco: “Tantos planos que a gente nunca tem ideia, fica indeciso [Risos]”.

Romario: “Rapaz! Uma família. Uma mulher um fii [Risos]”.

Lucivam: “Uá, o que queria eu já tenho, meu filho né? Que é Lucas”.

José Fernandes: “Trabalhar memo, sair da Ema, começar a trabalhar”.

Pelas entrevistas, percebe-se que os jovens da comunidade não têm espaços em que se socialize, não participam e nem sabem o que uma associação faz, de acordo com as suas falas de que não há associação. Isso para a comunidade ocasiona o não saber de política de base feita

geralmente em reuniões associativas, sendo que a associação são todos de uma comunidade. Ao serem perguntados sobre participação em associações e outras organizações comunitárias, os/as entrevistados/as assim responderam:

Romario: “Existe nada!”.

José Fernandes: “ Não!”.

Antônia: “Uncum, não!”.

Raquel: “Aqui não!”.

Os jovens entrevistados da cidade gostam do seu lugar de origem, sempre exaltando o ambiente da comunidade como lugar calmo e maravilhoso. Mas, se veem obrigados a viverem essa dicotomia e, apesar da vida corrida da cidade, têm o acesso ao trabalho e outros meios que não têm no quilombo:

Jocenira: “Eu gosto do rio também porque eu nasci lá, né? Gosto de tudo”.

Jocimar: “Ua da simplicidade de lá tranquilidade que passa quando a gente vai pra lá, sussego”.

Ranyele: “Minha família”.

Silma: “Do rio de pescar. Quer dizer, primeiro minha mãe e o meu pai, né? [Risos]. Tomar banho no rio, pescar essas coisas. E o sussego, né?”.

Nas entrevistas, nota-se que, em alguns, há expectativas e, outros, desesperança de que pode haver mudanças. A pesquisa foi realizada em um momento de golpe nos direitos dos trabalhadores pelos governos, havendo assim uma alta taxa de desempregados. Havia alguns preocupados com o futuro e outros querendo ter apenas acesso a coisas básicas, como uma casa e trabalho. Ao serem perguntados sobre seus planos para o futuro, responderam:

Jocenira: “Eu sinceramente quero só uma vida sussegada. Uma casa, uma boa renda pra viver, isso! Já é o bastante pra mim”.

Jocimar: “Ua! É.. eu preciso formar né?”.

Silma: “Eu quero me formar passar num concurso público e viver bem minha vida de boa”.

Raquel: “Um trabalho”.

Antonia: “Mudança de vida o trabalho essas coisas”.

José Francisco: “Tantos planos que a gente nunca tem ideia fica indeciso. [Risos]”.

Romario: “Moço, rapaz pode ser medicina”.

Lucivam: “Não!”.

José Fernandes: “Ah! Eu tô pensando ainda [Risos]”.

Durante a realização das entrevistas, fizeram comparações, nas quais pudemos notar que há uma diversidade de pensamento sobre os assuntos abordados. Nota-se que há um grande número de jovens que tem filhos, alguns pensam em voltar para passeio a comunidade, não há um número expressivo na participação cultural, alguns pensam em permanecer na comunidade e outros não. Nessa lógica, há também uma diversidade de quilombolas que tem os seus anseios, desejos e modo de pensar. Há uma percepção de que falta instigação a mais desses para que tenha sua participação e o saber pelos movimentos que os representa. O ato de não participar ocasiona vários fatores que os invisibilizam cada vez mais, deixando de acreditar que é possível mudar, pois muitos estavam cabisbaixos de que pode haver mudanças. Isso sem contar que são de uma realidade sofrida e por viver aquela realidade por muitos anos, querem sair dessa visão de serem filhos de agricultores e que possivelmente vão os ver como tal, saem para terem outras profissões, acreditam que é possível ter o dinheiro mais rápido para suprirem as necessidades do cotidiano. Nesse prisma, destacam-se as falas dos jovens que têm filhos:

Raquel: “Tenho um”.

Antônia: “Tenho três filhos”.

José Francisco: “Tem três”.

Lucivam: “Tem um, graças a Deus!”.

Jocimar: “1 (um)”.

Falas dos jovens que pensam em voltar a passeio ou não:

Jocenira: “Talvez”.

Jocimar: “Pra passeio”.

Silma: “Não! Porque acho que não tem futuro pra gente não. Tipo assim passear, né? Mas pra morar não”.

Em relação à participação cultural:

Jocenira: “Não”.

Jocimar: “Participei”.

Ranyele: “Não”.

Silma: “Às vezes”.

Raquel: “Não!”.

Antonia: “Não!”.

Jose Francisco: “Não!”.

Romario Pereira: “Hunrum! Folia”.

Lucivam: “Ua, fulião né?”.

José Fernandes: “Não!”.

Os que pensam em permanecer na comunidade e os que pretendem sair:

- Pretende viver aqui?

Raquel: “Não!”.

Antonia: “Por enquanto sim né? Não tem outro lugar pra ir”.

Jose Francisco: “Pretendo”.

Romario: “Não!”.

Lucivam: “Pretendo”.

Jose Fernandes: “Não, eu quero sair”.

Jovens que participam de associação e que sabem como uma associação funciona e se tem associação na comunidade:

Jocenira: “Não”.

Jocimar: “Não”.

Ranyeale: “Não! Trabalha pra melhoria da comunidade so isso que eu sei”.

Silma: “Não [Risos]”.

Raquel: “Aqui não!”.

Antonia: “Uncum, não!”.

Jose Francisco: “Não!”.

Romario: “Existe nada!”.

Lucivam: “Não!”.

José Fernandes: “Não!”.

Os motivos que os fizeram sair:

Jocenira: “Porque eu gostei e quiria trabalhar també”.

Jocimar: “Uai em busca de uma vida melhor serviço, dinheiro né?”.

Ranyeale: “Ah! Trabalho”.

Silma: “Falta de serviço lá na Ema, né? E porque aqui é melhor pra gente trabalhar, estudar né? Fazer curso melhor mais por causa do trabalho, né?”.

Alguns não sabem o que querem para o futuro, a falta de preparação dos mesmos para o futuro em vários âmbitos que poderiam auxiliar a esse jovem ser cidadão como qualquer pessoa, não são os dados. É uma realidade complexa que envolve o eu, família, escola, comunidade e órgão governamental para haver mudanças:

- Há algum plano para o futuro?

Raquel: “Ainda não”.

Antônia: “Não! Ainda não”.

José Francisco: “Uai plano a gente tem demais, mas a gente nem da conta”.

Romario: “Plano eu tenho, altos planos pro futuro. Fazer curso aí”.

Lucivam: “Não”.

José Fernandes: “Ah! Eu tô pensando ainda [Risos]”.

Entre os jovens que vivem nas comunidades, diferentemente dos mais velhos, não percebe-se reivindicação por regularização fundiária, mas que a natureza local é tida como algo importante para eles e a tranquilidade que ali possuem. Na maioria das falas, é citado o emprego, quadra de esporte, igreja e outros não têm ideia do que deve haver para melhorar. Pelas falas, é o que deveria ter na comunidade, para obterem uma vida melhor, a comunidade melhorar e, até mesmo, constituírem família.

Senhora Efigênia: “As terras, pra ter lugar de trabalhar”.

Senhor Romão: “No meu pensar, totalmente se fosse nas épocas boas que tivesse chovendo bom. No meu pensar era roça mesmo. Ajudava muito que ia ter muitas coisinhas, vendia, produzia pa vender também né?”.

Falas dos jovens:

Raquel: “Aqui acho que não. Aqui acho que nem tem condições de dá trabalho aqui né? Acho que não”.

Antonia: “Colégio, merendeira, essas coisa, babá”.

José Francisco: “Plano que eu tem pra comunidade é gerasse emprego né? Pra nós. Nem que tivesse uma firma grande pa gerar emprego pra o pessoal daqui, né? Pra num ta indo embora daqui é esse que é o meu plano de um dia ter aqui”.

Romario: “Uma igreja, uma quadra de futebol, precisa ter altas coisas pra ajudar aqui. Mas é difícil né? O povo num ajuda”.

Lucivam: “Ingreja, uma quadra de esporte de cimento”.

José Fernandes: “Ah! Eu tô sem ideia do que poderia ter agora, nunca parei pra pensar assim, sobre isso”.

Nas entrevistas, há variadas formas de vida dos jovens. Há o jovem que mora com a avó, em família; jovens que já têm filhos e que moram em casa separadas dos pais; jovens que já têm esposa e moram todos em uma só casa com os irmãos; e jovens que moram somente com a mãe. Podemos perceber que há jovens que constituem família muito cedo e eles os consideram jovens e pela comunidade também. Mas, pelas suas atividades, sabem das responsabilidades que devem exercer trabalhando em roça ou saindo para trabalhar. Podemos perceber também que os jovens querem mudanças, mas não entendem que a mudança também está ligada a algo estrutural, explicitado pelos mais velhos como a desapropriação das terras das “fazendinhas ao redor” da comunidade. E as mudanças das falas do trabalho em roça como geração de renda, para o trabalho doméstico, trabalhar na escola ditas por alguns jovens, considerados para eles como algo mais fácil. Os aspectos culturais muito pouco falados, também é outro fator que com o “civilizamento”, termo dito por uma das entrevistadas, vão deixando de lado mesmo vivendo na comunidade. A televisão como uma forma de lazer é um exemplo disso. Por um lado, os mais velhos havia uma ligação muito forte com a natureza, até mesmo devido ao isolamento vivido na sua época. O aspecto econômico e cultural estava bem ligado como fonte de vida naquela época. O isolamento os privou de terem conhecimentos universais, mas também não os fez deixar a sua cultura, principalmente as festas de antigamente.

Raquel, 23 anos:

- Como que é em casa com a família?

Raquel: “É bom! Divertido”.

- Você dá opinião, no caso você mora com a sua avô né? Da opinião em casa?

Raquel: “Sim!”

Antônia, 19 anos:

- Como é em casa? Você mora com a sua família mesmo sem ser com os pais?

Antonia: “So com a família, hunrum!”.

- Como é que é em casa com a família?

Antonia: “É bom!”.

Jose Francisco, 25 anos:

- O que você faz em casa? Você faz alguma coisa em casa?

Jose Francisco: “Eu ajudo a mulher em casa, arrumar alguma coisa né? A gente fica mais é nas roças”.

- Como é que em casa com a família?

Jose Francisco: “É bom né? Divertido ficar com a família, em casa né?”.

Romario, 21 anos:

- Você mora com a família, como é?

Romario: “Com a família”.

- Quem?

Romario: “Eu, ele e meus irmãos”.

- O que você faz na comunidade?

Romario: “Ah! Eu num faço é quase nada só jogar futebol mesmo [Risos]. Aqui não tem serviço ua.”

- Ah ta. Então só você e seus irmãos? Não tem pai e mãe?

Romario: “Não! Mãe faleceu e Lucio não mora com nós”.

- O que você faz em casa?

Romario: “Comer e dormir o único que tá tendo é isso”.

Lucivam:

- Como é em casa com a família?

Lucivam: “Ua é bom”.

- Tem um bom relacionamento?

Lucivam: “Tem, irmão sempre é brigando mas é assim mesmo”.

- O que você faz na comunidade?

Lucivam: “Uai é igual Romario falou ai, é jogar bola trabalhar alguns bico”.

- O que você faz em casa?”.

Lucivam: “Comer, assistir televisão, deitar no sofá de boa [Risos]”.

José Fernandes, 23 anos:

- O que você faz em casa?

José Fernandes: “Pra ajudar mãe?”.

- É.

José Fernandes: “Panho lenha, lavo vazia”.

- Como é em casa com a família? Você dá opinião para os seus pais em alguma coisa?

José Fernandes: “Não, nunca cheguei nesse ponto, ainda não, nunca dei opinião pra meu pai e nem minha mãe ainda não”.

- O que você faz na comunidade?

José Fernandes: “Eu fico mais é aqui em casa mesmo parado fazendo nada [Risos]”.

Mesmo com todos os lados bons de viver na comunidade, os jovens dizem querer viver em outro lugar, segundo eles, por não terem emprego. Há um descontentamento, principalmente por esse motivo. Ao serem perguntados o que fazem para melhorar a vida na comunidade e se reivindicam para ir a alguma reunião, assim responderam:

Raquel: “Não”.

Antônia: “Eu nem sei”.

José Francisco: “Não pode fazer nada né?”.

Romario: “Pra melhorar a vida da juventude aqui dentro. Ah! Eu num faço é nada!”.

Lucivam: “Num faz é nada, só observo”.

José Fernandes: “Eh (Risos), tem que estudar né? Que essa juventude ai tem que ter estudo si não, não tem logica né? Não tem como melhorar não”.

Ao serem indagados sobre quais os conselhos que os pais lhes dão em relação às suas vidas, o que os instigam a fazer, responderam que:

Raquel: “Para trabalhar, crescer na vida”.

Antonia: “Ao diá, já deu tanto conselho que eu nem lembro mais (Risos)”.

José Francisco: “Ah! Os conselhos que os meus pais sempre me deu é estudar, terminasse os estudos pra mais na frente ter um emprego melhor, né? E, essas coisas que esse ia me dando essa idéia pra mim”.

Romario: “Pra ser um rapaz direito, né? Num virar bandido, esses é o conselho que os pais dá né? Ser amigos de todos”.

Lucivam: “Andar correto, num correr pro rumo da bandidagem”.

José Fernandes: “Esi já falaram que tem que ser mais educação, respeitar os mais velho, sempre andar no certo”.

Diante da conjuntura política em que vivem, de acordo com as análise feita percebe-se diferentes opiniões sobre o que daria para haver melhores condições de vida pessoal e comunitária. Umas delas é a regularização fundiária, igreja, quadra de esporte, emprego, estudo ou até mesmo que a comunidade se une em luta em prol de todos, com um só objetivo.

Efigênia: Uai, aqui so fosse memo pá. Hoje ninguém quer saber de trabaiá ne roça, pá por exemplo liberar essas terra assim né? Pa mode ter lugar das pessoas trabaiá dos jovens. Mas a metade esse num que, o que podia ser era isso, liberar né?

Lucivam: Ingreja, uma quadra de esporte de cimento.

José Francisco: Ua aqui é um bom emprego, né? Pa ajudar a gente.

Jocenira: Hum... eu acho que a união mais do povo pra que os projetos pudesse ir pra frente, né? Pudesse unir mais em um só propósito, não ficar um querendo uma coisa e o outro outra coisa. Poque a comunidade não vai pra frente.

Silma: Eu quero me formar, passar num concurso público e viver bem minha vida de boa.

Jocimar: Ua! É... Eu preciso formar né?

Com todas as análises feita, podemos questionar se é normal a não ambição, o não ter sonhos e o não projeto de futuro. Isso, não é culpa dos jovens, e sim de toda uma ausência histórica da estrutura política que os deixa nessa condição. Através de algumas falas, nota-se a fragilidade de sonhos e perspectivas para o futuro devido a essa estrutura excludente que deixa os jovens nessa condição. Com a pergunta se há algum plano para o futuro, alguns assim responderam:

Lucivam: Não!

José Fernandes: Tem planos né? Que a gente vê se consegue os plano ai, ve se melhora, dá uma melhorada na vida.

Raquel: Ainda não!

Antônia: Não! Ainda não.

Muitos são os motivos da saída dos jovens, principalmente, a falta de direitos básicos para uma vida digna, pois, os jovens buscam por uma vida plena. Há também as questões estruturais, como, por exemplo, a regularização fundiária, que impossibilita muitas famílias a terem uma estabilidade melhor de vida, para que possam ter total autonomia nos seus espaços para morar, criar, plantar e desenvolver algo que lhes interesse, pois são pessoas que sabem lidar com a terra de forma sustentável e que gere renda a população. É necessário que os jovens se reconhecessem como os seus bisavós ou avós o faz, de serem pessoas da classe trabalhadora e agricultores ou de atividades envolvidas do campo, seja ela (empreendedor rural, agricultor, raizeiro etc.), e se reconhecerem como pessoas do campo. Geralmente, as famílias das comunidades Kalungas são em números elevados chegando a seis ou mais integrantes na casa, e diante das condições estabelecidas no local é inapto conseguirem viver e se manterem na comunidade. Além da regularização fundiária, seriam necessários: assistência técnica, formação e uma atenção especial para que possam trabalhar na terra. Devido às mudanças climáticas ao longo dos anos, não só na comunidade, mas em várias partes do Brasil, percebe-se que muitos lavradores que plantam, mas não colhem, devido a plantarem nas épocas em que

ocorre a chuva e a seca que vem ocorrendo ao longo dos anos de forma exorbitante, impossibilitando a colheita.

O desenvolvimento local depende muito da participação dos jovens em instituições, não só em busca de visibilidade, como também no desenvolvimento da comunidade. Vivemos em um sistema que faz com que acreditemos nele, muitas vezes sem entender e não é explicado para nós, jovens, o porquê tem que sair, por que o campo é desvalorizado em relação à cidade, tornando, assim, inferior a cidade, devido ao descaso com o meio rural, para estabelecer a lógica do capital. Os jovens têm o peso, desde muito cedo, de ser alguém responsável, que traga algo esperado pela sociedade, de estudar, se formar e que gere renda na família e também para sua vida pessoal, mas muitas vezes não tem o suporte para realizar o desejado, principalmente para o jovem do campo. Muitos são os motivos que impossibilitam a realização do que desejam, como a falta de acesso à comunicação, trabalho, educação precária, escola sem estruturas, e a própria valorização das pessoas da comunidade e dos saberes que possuem. Valorizam-se, sempre, os atrativos da cidade. Na região, não se encontra uma casa digital, diversidades de esportes, atividades educativas, ou outras atividades que valorize o saber dos anciões e que gere renda para os habitantes.

Entre todas as questões da juventude em geral, as jovens mulheres tem uma realidade ainda pior.

As mulheres, nestes espaços, contrapõe o olhar que se têm sobre elas de que são para realizar atividades de casa, cuidar da família, mais de espaços domésticos do que serem capazes de terem capacidade de liderar e participar do âmbito político. A inferioridade está impregnada tanto na *não voz* das mulheres como dos jovens nesses espaços. Sem falar da submissão feminina, que é determinada para realizar tarefas de casa e os homens para lidar com os pais, no terreno. Há algumas exceções de mulheres que também trabalham no plantio e os deveres que envolvem atividades com a terra. Neste caso, geralmente, acontece quando a mesma é a mais velha e tem que ajudar na economia da casa.

Dois elementos são fundamentais para o processo de herança: primeiro a divisão sexual do trabalho, delimitando o espaço e as atividades das mulheres (mãe e filhas) à unidade de consumo, ou seja, às atividades domésticas. As mulheres raramente trabalham na terra. Já aos homens cabem todas as atividades relacionadas à unidade de produção, isto é, atividades agrícolas, comercialização e gerenciamento (CASTRO, 2010, p. 210).

Os jovens, também, têm que se adaptar e conviver com a *vigia* na família, comunidade ou assentamento. Novamente, principalmente, as meninas sentem mais o peso em relação a

isso. Elas correm o risco de gravidez precoce ou se envolver em algo mais sério que possa impossibilitá-las a terminar os estudos nestas regiões, para, assim, haver continuidade na cidade, pois as áreas rurais geralmente não oferecem o ensino profissionalizante e superior para que possam ter mais oportunidades.

A formação escolar também segue estes diferentes direcionamentos, onde os filhos homens tendem a optar por cursos na área de ciências agrárias e as mulheres buscam cursos bem diversificados e que não tenham ligação imediata com a área agrária (CASTRO, 2005, p. 250).

Os homens, neste sentido de vórgia por parte da sociedade, têm mais liberdade. Os espaços onde as mulheres se sentem mais “livres”, havendo, assim, certa participação e voz, é nas escolas e igrejas.

O espaço escolar aparece como um espaço intermediário, a confiança na instituição é evidenciada pela forma como os pais se referem à seriedade das escolas freqüentadas pelos filhos, mas é grande a preocupação com o trajeto percorrido entre a casa e a escola, e ainda dos mecanismos reais de controle da escola sobre os filhos (CASTRO, 2005, p. 283).

No país, há 2.847 comunidades quilombolas em 24 estados em que as comunidades quilombolas, com a desvalorização dos agricultores do campo sejam eles quilombolas, povos da floresta, em que se é intitulado pelo capital como algo inferior e pela falta de políticas públicas para essa classe acaba sendo invisibilizado pela sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo nos faz refletir e analisar as problemáticas enfrentadas pelos jovens nos espaços onde estão inseridos. São várias questões que enfrentam na comunidade, desde a invisibilidade, o não saber de seus direitos, sem perspectivas de vida na comunidade, não há suporte para que os mesmos para que os vejam como cidadãos. Vale ressaltar, que isso tem a ver com a estrutura política dos países, os jovens não aproveitam dos direitos que têm, até mesmo por falta de trabalho de base por parte das instituições educativas e organização governamentais. Isso faz com que muitos desistam de lutar pelos seus direitos, por terem que enfrentar diversos tabus para se conquistar o mínimo ou um pouco de direitos que são negados. Em relação às mulheres, percebemos que, ainda, precisa haver mais lutas para desconstruir as muitas idéias que se tem sobre elas, para que, cada vez mais, tenham mulheres em espaços de decisões, direitos e autonomia para a sua emancipação e liberdade devido ao machismo impregnado nos vários âmbitos sociais.

Contudo, por meio de leituras e pesquisas, podemos perceber que os jovens da comunidade Ema e jovens em geral têm muito que lutar pelos seus direitos e os deveres já são passados automaticamente, com essa prática. Pois, quem quer direitos, há também deveres. É necessário que nós, jovens, estudemos os assuntos transversais, que vivenciado pela maior parte da sociedade do país. Alguns desses assuntos são: machismo, regularização fundiária, patriarcalismo, racismo, juventude do campo, da cidade, da periferia etc. Sendo assim, aprenderemos a enfrentar as barreiras na sua concretude e que na qual nos impossibilita de termos autonomia no país.

A pesquisa me fez compreender melhor várias questões do que é ser jovem no Brasil, tais como: o que é ser jovem no Brasil (na periferia, no campo, na floresta, nos Quilombos); agendas governamentais, luta dos jovens e mulheres; o poder econômico; o motivo pelo qual os jovens saem; a fragilidade nos aspectos culturais; como os jovens da comunidade Ema veem a comunidade, a participação deles em instituições e aspectos culturais, o que pensam para o futuro, qual a sua verdadeira realidade; como está a situação dos jovens em órgãos governamentais, dentre outras questões.

A pesquisa, na comunidade, me surpreendeu, porque eu não sabia o que os jovens pensavam de fato, como eram as suas vidas, participação nas instituições, se conheciam e como estavam organizadas as suas ideias em relação à vida. Como se reconheciam, qual ligação havia

com o aspecto cultural, o território e suas histórias. Por morar no lugar, acreditava que conhecia a história do lugar e dos jovens. Com esta pesquisa, fui descobrindo histórias sobre a comunidade e ouvindo mais as pessoas e sintetizando os assuntos transversais com a pesquisa. Foi uma redescoberta sobre a comunidade!

Ao entrevistar os jovens, foram se surpreendendo com as perguntas, pois havia aquelas perguntas em que sabiam responder e outras que não sabiam e me perguntavam e diziam para explicar melhor. Houve uma percepção de que estavam aprendendo coisas novas e que por meio das perguntas eles poderiam pesquisar e estudar sobre a realidade deles. Alguns diziam: “Vixe”, “Nossa”, “ O quê”, “ O quê é isso?”, por meio disso houve uma percepção de que poderiam pesquisar depois. Talvez nunca tivessem feito essas perguntas.

Como professora e por meio das pesquisas, poderia trabalhar com os jovens e estudantes, a história do lugar e através disso aproximá-los de sua realidade. Desenvolverem projetos e ver o lugar como um espaço de vida digna, porque só através de lutas dos jovens e moradores, é possível haver ascensão comunitária. Poderíamos trabalhar algumas questões que pude notar através do trabalho, de que não sabem, muitas questões que os aproximam da sua realidade, como por exemplo: história da comunidade (uma árvore genealógica sobre a família e comunidade). Poderíamos trabalhar a partir de perguntas, como: o que é uma associação? O que é luta de classes; De que classe somos? De onde viemos? O que queremos? O que temos? De que forma podemos trabalhar? O que é cooperativa? Como podemos interligar a cultura do plantio dos anciões e demais conhecimentos que já possuem. A Associação Quilombo Kalunga - AQK, que é uma instituição que representa os territórios Kalunga dos três municípios (Cavalcante, Teresina e Monte Alegre). Além de representar, é uma parceira das universidades que recebe propostas e colaboração das instituições e estudantes. Juntamente com a Associação de Educação do Campo do Território Kalunga e Comunidades Rurais- Epotecampo, que é a associação dos estudantes universitários, trabalhar essas questões citadas acima com a juventude Kalunga. As associações, também fazem parte de formação dos universitários que são quilombolas e que participam do sistema de cotas e auxílios dos programas voltados para esse público, sendo elas um suporte para que os mesmos tenham autonomia no ambiente acadêmico, como por exemplo, as bolsas permanências, nas organizações de seminários no tempo comunidade e várias outras atividades existentes no período da nossa formação. Com isso, elas também nos forma e nos ajuda na inserção universitária. Um outro movimento que fez parte da minha formação, foi o Movimento Pela Soberania Popular na Mineração (MAM), nas quais são discutidas questões do impacto que causa as grandes empresas minerarias nacionalmente e mundialmente no âmbito sociais e ambientais. E as irresponsabilidades por

parte delas em relação a vida, com isso, somente explora a natureza de forma irregular e há várias questões que são trabalhadas pelo movimento nesse aspecto.

Por fim, temos uma série de questões necessárias para compreender o lugar da juventude da comunidade Ema e as perspectivas para viver ali, como jovens do campo. Sendo assim, é necessário desenvolver projetos juntamente com os jovens interessados em avanços comunitários para funcionar a usina já existente, por exemplo, e desenvolver outras ações.

REFERÊNCIAS

ALVES, Aline Neves Rodrigues. **Juventude quilombola**: projetos de vida, sonhos comunitários e luta por reconhecimento. Belo Horizonte, 2015. 206 f.

ASSOCIAÇÃO QUILOMBO KALUNGA (AQK). *Homepage*. Disponível em: <http://quilombokalunga.org.br/povo-kalunga/aqk/>. Acesso em: 2 mar. 2019.

BAIOCCHI, Mari de Nasaré. **Kalunga povo da Terra**. Goiânia: UFG, 2006.

BASTOS, Manoel Dourado; Gonçalves, Felipe Canova (Orgs.). **Comunicação e disputa da hegemonia**: a indústria cultural e a reconfiguração do bloco histórico. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

BASTOS, Priscila da Cunha. Entre o quilombo e a cidade: trajetórias de individualização de jovens mulheres negras. 2009. 102 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2009. Disponível em: www.observatoriojovem.uff.br/entre-o-quilombo-e-ci...

BENINCA, M. C et al. A relação campo/cidade associada à evasão de jovens rurais de assentamentos do sudoeste de goiás. In: XXI ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 2012, Uberlândia. **Anais...** do XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária, 2012. v. 1. p. 1-14.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 5 mar. 2019.

Castro, Elisa Guaraná de. Juventude do Campo. In: **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: p.437-444.

CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Entre ficar e sair**: uma etnografia da construção da categoria jovem rural Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, 2005.

CASTRO, Elisa Guaraná de; MARTINS, Maíra; ALMEIDA, Salomé Lima Ferreira de; RODRIGUES, Maria Emília Barros; CARVALHO, Joyce Gomes de (Orgs.). **Os jovens estão indo embora?**: juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ; EDUR, 2009.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Processos de construção da categoria juventude rural como ator político**: participação, organização e identidade social.

CHANGÁS, Charles. **Mapa de estados Quilombolas**. *Facebook*. Acesso em: 3 jun. 2019.

COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS (CONAQ). *Homepage*. Disponível em: <http://conaq.org.br/>. Acesso em: 10 mar. 2019.

COSTA, Vilmar Souza. A Luta pelo território: histórias e memórias do povo Kalunga. 2013. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Educação do Campo) – Universidade de Brasília, DF, 2013. Disponível em: [bdm.unb.br > bitstream > 2013 VilmarSouzaCosta](http://bdm.unb.br/bitstream/2013/VilmarSouzaCosta).

CUPERTINO, Maria Cristina. **Juventude rural quilombola**: identificação, reconhecimento e políticas públicas. Viçosa, MG, 2012.

DECRETO DE 20 DE NOVEMBRO DE 2009. Fornecido pela AQK (Durval Mota). Dispõe sobre a nova extensão territorial do Quilombo.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOOGLE EARTH. **Mapa da comunidade Ema**. Acesso em: 3 jun. 2019.

HARTWIG, Marisa. Migração campo cidade: trajetórias de vida, trabalho e escolarização de jovens trabalhadores. Eixo 1: Contradições e perspectivas da globalização na educação dos trabalhadores

MENEZES, Marilda Aparecida de; BARCELLOS, Valmir Sergio Botton (Orgs.). **Juventude rural e políticas públicas no Brasil**. Brasília: Presidência da República, 2014.

MISKALO, Pedro. **Quilombos e quilombolas**: grande legado cultural. mar.2018. Disponível em: [https:// www.editoramundoemissao.com.br/quilombos-um-grande-legado-cultural](https://www.editoramundoemissao.com.br/quilombos-um-grande-legado-cultural)> . Acesso em: 20 jul. 2019.

OLIVEIRA, Luciano Benini de; RABELLO, Diógenes; FELICIANO, Carlos Alberto. **Permanecer ou sair do campo?: um dilema da juventude camponesa**.

NETO, José Francisco (Diretor). **Não me sonharam**. Rio de Janeiro: Maria Farinha Filmes, 2016. Documentário(84 min.).

PEREIRA, Ricardo Augusto Gomes. **Juventude do campo e quilombola: educação e identidade cultural na comunidade Quilombola de Itaboca**. 2014. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Para, Belém, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017. (Feminismos Plurais).

SCHMITT, A.; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M. C. P. **A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas**. *Ambiente & Sociedade*. v. 5,

n.10, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdfasoc/n10/16889.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2019.

SILVA, Enid Rocha Andrade da; BOTELHO, Rosana Ulhôa (Orgs). **Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas**. Brasília: IPEA, 2016.

SILVA, Samia Paula dos Santos. **A juventude remanescente de quilombo da comunidade Bastiões(CE): tensões e identidades**. 2016. 120 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Para, Belém, 2014.

TROIAN, Alessandra; DALCIN, Dionéia; OLIVEIRA, Sibele Vasconcelos. **Estudo da participação e permanência dos jovens na agricultura familiar na localidade de Dr. Pedro e Mirim em Santa Rosa – RS**. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL (SOBER), 47, Porto Alegre, 26 a 30 de julho de 2019. Anais. Porto Alegre: SOBER, 2019. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/13/431.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

APÊNDICE A – ENTREVISTA APLICADA COM OS ANCIÕES

Efigenia

Louriene: Qual o seu nome completo?

Efigênia: Meu nome?

Louriene: Hunrum.

Efigênia: Efigênia Pereira Alves.

Louriene: Idade?

Efigênia: é, é setenta três...vou completar setenta e dois agora em setembro. Põe setenta e dois.

Louriene: Tá.

Louriene: Há quanto tempo a senhora mora aqui na comunidade?

Efigênia: Uai, eu moro aqui... Eu fui nascida e criada aqui, né? Nascida e criada. Tem tempo demais (Risos).

Louriene: Então, tem setenta e dois, né?

Efigênia: Aham, setenta e dois.

Louriene: Conhece a história da comunidade? Quem foram os primeiros habitantes? De onde vieram?

Efigênia: Foi Benicio Pereira, lá do Kalunga, lá do lado de Procópio do Riachão, meu pai. Padinho Pulú também a mesma coisa, tudo de lá. Vei tudo de lá!

Louriene: Eles foram os primeiros?

Efigênia: Os primeiros que vei pra qui foi ezi, porque aqui quando es vei pra qui num tinha, num tinha ninguém, morador nenhum. E nem essas fazendinhas vagabunda que tem arredor, num tinha, só tinha mesmo da Água Fria, cá pra Játaroba, mas, quando meu pai meu

padinho Pulu vei pra qui, NÃO TINHA NINGUÉM AQUI! Aqui tinha muita era caça, onça tinha demais, peixe no rio mas tinha..Foi esses.

Louriene: Não veio ninguém do Vão de Almas?

Efigênia: Agora, vei depois que eles vieram, que tinha um senhor de Bazilino. O Bazilino foi meu padinho Pulu que trouxe, que ese era afiado dele também. Ai ele trouxe, que ese era afiado dele também. Ai ele trouxe ele, os outro foi vindo ai sem.. Foi mesmo por ele mesmo. Mas, quem vei pra qui primeiro foi meus pai, num tinha ninguém! Um bucado desses povo do Vão de Almas que tá ai, esses daí já vei depois, depois que o meu pai vei, esses vei depois. De muitos anos ó,ó,ó que meus pai morava aqui, nós já tudo nascido aqui, foi que eles vieram.

Louriene: Então, vocês foram os primeiros habitantes daqui dessa área?

Efigênia: Foi! Hunrum! Os primeiros habitantes daqui foi nós!

Louriene: Houve Conflitos? Teve brigas por terra?

Efigênia: Na época de meus pais antes deles vim não tinha briga nenhuma, não! Num tinha confusão aqui, Uncum. Depois que foi vindo esses derradeiros que já foi criando confusão.

Louriene: Mas, e fazendeiros? Como é que foi? Teve conflitos com fazendeiro?

Efigênia: Uai, fazendeiros foi chegando ai, né? Depois que foi criando esses fazendeiros ai. Ai agora já fico sem saber!? Num sei como é que eles foi adquirindo terra, as pessoas foi adquirindo terra, foi vendendo né? Que nem esi Zé Mineiro aí, aqui nos garimpo dos cachorros (Moro), ele era de Brasília, vei pra aí, era um garimpo aí. Quando saiu já teve terra ai, já foi vendendo né? E mais tem muitos ai. Num sei como é que diquiriu terra ai, que foi vendendo, vendendo, que foi criando essas fazendinhas ai. Que nem Antônio Cachimbo memo, o dono daqui vendeu ai, ninguém sabe! Porque de mãe ela tinha um saquinho aqui assim de talão de terra, roubaram o talão de terra dela. Quando deu fé Antonio Cachimbo já tava comprando ai.

Louriene: A mãe da senhora?

Efigênia: Mãe, sua bisavó, veia França, roubaram o talão de terra ai. Quando, quando.. Antonio Cachimbo já tava vendendo, num sabe quem foi que vendeu, que diquiriu a terra e vendeu pa Antonio Cachimbo. Que essa confusão aqui né? Dessa terra aqui.

Louriene: Como é que foi essa confusão?

Efigênia: A confusão que foi pelo talão de terra que sumiu, e ai ninguém sabe quem foi que roubou né? Quando mãe foi caçar os talão de terra num tava, ai cumpoca já Antonio Cachimbo já tava comprando aqui. Vendeu pra esi Antonio Cachimbo.

Louriene: No caso, o talão de terra não sabe se foi roubado por alguém de fora ou alguém da comunidade?

Efigênia: Ai é que ninguém sabe! Que foi por alguém de fora ou se foi daqui mesmo do lugar.

Louriene: Ah, sim! Teve conflitos com Antonio Cachimbo?

Efigênia: Teve, teve, teve muita confusão. Primeiro, ele meteu o trator ai né? Arou tudo arredor de casa, ai de mãe França ai, ai meteu o trator. Arou tudo aonde Esterina tem casa ai, por aqui tudo.

Louriene: Como que resolveu esse conflito?

Efigênia: Uai, ele disse que midiu passou o arrame cá dizendo que tinha passado os cinco alqueires, quera de mãe e ai fechou, passou o arrame dizendo que dai pra lá que era de mãe mais de mãe né? Ai virou aquela confusão danada. Virou assim aquela bagunça, foi briga, ninguém num concordava porque sabendo sabendo que a terra era de mãe, né? E ai virou aquela confusão danada, ai foi briga.

Louriene: Ai para resolver isso, como é que foi?

Efigênia: Uá, resolveu aqui mesmo discutindo. Ai primeiro, ezi botou uma cancela lá na estrada, ai botaram, cortaram derrubaram a cancela, porque tinha que derrubar memso, a cerca né? Porque a terra aqui nois... Mãe tinha como era dela né? Ai a cerca que ele fez tinha que derrubar.

Louriene: Ai derrubou a cerca que ele fez (Antonio Cachimbo)?

Efigênia: Hunrum, é!

Louriene: Mas procurou algum órgão? Foi lá na justiça? Como é que foi?

Efigênia: Não! Não mecheu com justiça não. Resolveu cá mesmo!

Louriene: Ah, sim! Mas ai ninguém feriu?

Efigênia: Não, Não.

Louriene: Ele ameaçou?

Efigênia: Ameaçou! Porque quando... Ai eu fui fazer, so porque.. Joaquim tinha foto. Primeiro fez a casa alí, já tinha rebuçado um pedaço, ele vei botou fogo, foi botou na justiça, ai deu queixa lá, num sei o que, que a terra era dele, virou aquela confusão, disse que eu era invasora de terra, virou ai, cabou! Não, tá resolvido! Pode tornar mexer. Quando cabou arou tudo de novo onde eu tinha arrumado ele vei e meteu o moto serra na furquia, derrubou tudo fez a corvarona, botou fogo. E ai esi é vinha, e ai Joaquim (sobrinho) vei (rumo a sua casa) e tinha um cara moitado e essi virou ne Joaquim com a espigada, foi!

Louriene: Mas era alguém contratado?

Efigênia: De Antonio Cachimbo? Era!

Louriene: E ai, por mãe (Esterina) ter levado ele pra justiça, ele ameaçou? Como é que foi?

Efigênia: O Antonio Cachimbo?

Louriene: É!

Efigênia: Não! Ficou por isso mesmo. Ai foi tempo que ele vendeu pra esi Luizão e o negócio do projeto infortaleceu né? Ezi baixou, do, do projeto kalunga né? Ai foi quesí baixou foi por isso.

Louriene: Como era a vida da senhora quando era jovem? Trabalhava na roça? O que tinha de lazer? Como era a situação de renda?

Efigênia: Uai, eu era na roça, inté hoje. Nova e ai veia, agora inda muntado na roça direto. Eu tinha só Eva(sua filha), mais criei ela eu tinha minha mandioca, milho, arroz tudo eu plantava. Criei ela mas foi as custas de meus braços, a renda era essa ai porque né? Naquele tempo num tinha...

Louriene: Mas tinha, tinha lazer? Festa? O que tinha aqui para os jovens? Pra se divertirem?

Efigênia: Tinha festa, forró, povo dançava ai (Risos) hora que queria divertir. Naquele tempo, no tempo de mãe aqui fazia, fazia Basilino ali, fazia forró, povo dançava inté o dia manhecia, num tinha briga de nada, de nada, nada..Huncum. Dançava menino, no tempo de Gregória que era mãe de Belina e Isabel de Zefirino, essas muié fazia farra ai, bebia e dançava ante madrugada. Cada um ia embora pra suas casas a gente sabia no outro dia, num tinha fuá nenhum. Hoje é que ocê não pode fazer nada.

Louriene: Além das festas, tinha outras coisas pra vocês? De lazer? Pra se divertir? Ou era trabalhar e festa?

Efigênia: É só mesmo trabalhar e festa, que outras coisas num tinha, proque naquele tempo ninguém num tinha outra..Energia não tinha pra nada né? A hora que tinha uma festinha era na candeia pura (Risos). Era na candeia pura, pá mode fazer festa, ai a hora que passava o divertimento era só isso, era roça mesmo a festinha quando tinha, né? Fazia uma brincadeira.

Louriene: E os instrumentos era o quê? Como é que era tocado as músicas?

Efigênia: Era violão, sanfona e bater na caixa.Os instrumentos era esse aí (Risos)

Louriene: Havia muitos jovens na comunidade?

Efigênia: Se tinha?

Louriene: Hunrum!

Efigênia: Tinha, tinha muito

Louriene: E hoje?

Efigênia: Hoje tem mais

Louriene: Antes tinha mais ou hoje tem mais?

Efigênia: Parece que hoje, hoje tem mais jovem. Que naquele tempo era mais pouco aqui

Louriene: Por que?

Efigênia: Uai num sei porque aqui tinha mais os jovens, quem tinha mais filho aqui é ali Isabe mais Zifirino, Gregora, tomem hora que cresceu..Aqui ou Romão ai mais Vangela com essa filharada. Parece que hoje tem mais do que naquele tempo.

Louriene: Os jovens ia para algum lugar naquele tempo?

Efigênia: Pra onde ia? Pra lugar nenhum.

Louriene: Ele saia para trabalhar fora?

Efigênia: Bom, calé saia hamo? Saia não, tem que saia no tempo de Romão que saia ai que ia ai pro Alto Paraíso, trabaiava prá lá, vinha. Mas era aqui mesmo.

Louriene: Dava para se sustentar com a roça?

Efigênia: Hunrum! Pela roça, é !

Louriene: Mas so tinha a roça?

Efigênia: Era só a roça

Louriene: Mexia com mineração manual?

Efigênia: Não! Naquele tempo num tinha isso né?

Louriene: Porque teve o Garimpo dos Cachorro né?

Efigênia: É, tinha o garimpo ai, teve uns que fuxicou lá um tiquinho, só mesmo, num dava pa mode. É mesmo na roça mesmo.

Louriene: Como o filho ou filha da senhora ajudava em casa? O que eles fazia em casa?

Efigênia: Era mesmo limpar a casa, varrer, fazer a cumidinha, lavar vaziinha (Risos) serviço era esse.

Louriene: E o filho da senhora?

Efigênia: Ajudava era capinar, né? Na roça, quintal esses trem.

Louriene: A senhora falou que tem mais jovem do que antigamente, né?

Efigênia: Têm.

Louriene: Mas a senhora vê que tá saindo?

Efigênia: Uai eu acho que é porque parece que as coisas foi remodelando, né? Porque naquele tempo as coisas era mais, o povo ficou tudo civilizado, né? Naquele tempo qualquer coisa dava pros filho, aqueles jovem viver, e hoje não. Quer viver é naquele civilizamento né?

Ai fica, as coisas remodelou tudo, têm que ter dinheiro. Ezi quer é dinheiro, é pá beber (Risos). É festa, farra essas festas, quer viver nessas farras, e ai fica tudo doido por dinheiro, né? Ai têm que né? Ai vaza memo, ninguém da conta de sustentar. A gente num têm nada de sustentar.

Louriene: A senhora criava os netos né?

Efigênia: Hunrum!

Louriene: Quantos netos a senhora cuidava?

Efigênia: Três neto

Louriene: E hoje em dia a senhora esta só?

Efigênia: Só é! Saiu pra fora (cidade) com a coisa eu num tem nada pra dá. Ai tem que sair, quer ficar tudo é naquele coisa, eu num dou conta de, conta de sustentar ninguém, calém que fiquei muito tempo sem, sem ter um salarinho, depois que eu tive o salarinho num dá pra nois viver nele tudo, né? Ai tem que vazar mesmo.

Louriene: O que a senhora acha que deveria ter aqui na comunidade pra esses jovens? O que acha que ajudaria pra ter renda aqui?

Efigênia: Uai, aqui so fosse memo pá. Hoje ninguém quer saber de trabaiá ne roça, pá por exemplo liberar essas terra assim né? Pa mode ter lugar das pessoas trabaiá dos jovens. Mas a metade esse num que, o que podia ser era isso, liberar né?

Louriene: A senhora fala regularizar as terras?

Efigênia: As terras, pra ter lugar de trabalhar.

Louriene: O que têm na comunidade hoje não dá para trabalhar na roça?

Efigênia: Num dá! Pois é! Hunrum.

Louriene: Então, a senhora acha que deveria ter isso, regularizar as terras e eles querer trabalhar na terra, né?

Efigênia: É uai, porque da roça mesmo ocê vê da roça mesmo, farinha né? Mandioca, plantou olha o tanto que tá dando dinheiro, né? Menino só da só vou falar pro cê como faz ser a farinha como a mandioca, vende! E outras coisas que planta cá pras roças num é invenenado, né? Tudo é natural da terra né? Povo chega chove em riba memo comprando. O Joaquim mexendo ai né? Nessa hortinha ai num chegava minino, os trezinho que eles levava. Pro quê? Não é invenenado.

Louriene: É orgânico, né?

Efigênia: Hunrum!

Louriene: Então, a senhora acha que daria para os jovens permanecer nessa situação?

Efigênia: É! Pois é.

Depois algum tempo voltamos à entrevista porque eu não havia entendido o porquê eles foram os primeiros habitantes, sendo que, segundo o seu relato, seus pais e o genro do seu pai e a sua filha vieram do Riachão, mas me questionei como ele adquiriu o terreno.

Louriene: Ai no caso o Apolinario comprou o terreno?

Efigênia: Foi eles dois, foi mais meu pai que compro. Foi 100 alqueires de terra, 50 dum e ciquenta do outro. Benicio Pereira que era o meu pai.

Louriene: E o Apolinario?

Efigênia: O Apolinario era genro de Benicio Pereira que era o meu pai. E ai meu pai foi casado no Kalunga- Monte alegre, a mulher dele morreu, que é a mãe da veia França que é a minha irmã. Ai ele ficou rodando ai nessas beiras ranjou minha mãe, casou! Que é a Isabel. Quando minha mãe, casou que é a Isabel. Quando ele casou com ela minha mãe não era daquela mulher ativa, né? Ai, ele disse assim que ele comprou aqui pa Isabel mas os filhos dela, que Isabe era muito besta. Ele ainda falava assim: Isabe é muito besta. Comprei aqui mas Isabe mais os fii. No dizer dele, ele tava ficando velho ele morria, ela deixava os outro tomar a terra dela né? Então, ele comprou pa Isabé mais os fio.

Louriene: Ele e o Apolinario comprou aqui?

Efigênia: Hunrum! Ele o Apolinario.

Louriene: Que comprou de Sirvino Ferreira?

Efigênia: Hunrum! Que era o maior fazendeiro ai em Cavalcante.

Louriene: Então não havia nenhum fazendeiro?

Efigênia: Não!

Efigênia: A fazenda do Sirvino Ferreira era na Agua Fria e depois ele vei fazer uma aqui com o nome de Sobrado. Então, nesse mundo aqui ele tocava. Ai ele (Benicio) topou mas Sirvino Ferreira falou quele, ai..eu compro. Ai ele procurou: Aonde eu posso apossiar? Quando ele comprou, ai ele disse:

- Olha, cê pode aonde que ocê interessar cê pode fazer sua morada. Ai essi véi pra qui achou bunito, meu pai aqui, né? Ai fez a morada aqui.

Louriene: Ah sim! Então, já havia um fazendeiro dono dessas terras que era o Sirvino Ferreira

Efigênia: Aham, mas a fazenda memo era na Agua Fria. Num tinha essas fazendinha aí, eu falo essas fazendinha besteira aqui que nem essa aqui de Luis, aqui de Marlo, aqui essas fazendinha arredor que num tinha, que foi apertando aqui, que num tinha.

Sr. Romão

Louriene: Nome completo?

Romão: Romão Honorato Alves.

Louriene: Idade?

Romão: De 17 de março de 1942 (77) anos.

Louriene: Há quanto tempo o senhor mora na comunidade?

Romão: Nascido e criado, né?

Louriene: Quem foram os primeiros habitantes? De onde vieram?

Romão: Pelo meno meu pai vei desse lado do Kalunga. Do outro lado do Paranã pra cá, município de Monte Alegre né?

Louriene: Então, foram os primeiros a vir morar aqui?

Romão: No meu entendimento, foi ele.

Louriene: O nome dele?

Romão: Benicio Pereira das Virgens e ti Pulu Pereira das Virgens. Geraldo Pereira das Virgens que era irmão do meu pai.

Louriene: Eles foram os primeiros?

Romão: Foi!

Louriene: Como era o terreno?

Romão: Na época, quando eles vieram pra qui nem fazendeiros tinha, né? Era só eles mesmo, primeiro. Tinha fazenda uma longe da outra que nem a Jataroba, Agua Fria, Sobrado acolá e a Raizama cá. Fazenda que existia na época depois que foi, foi gente comprando terra, fazenda, fazenda. Hoje tá cheio né? De fazendeiro.

Louriene: Mas tiveram que comprar terreno? Como foi?

Romão: Eles compraram, comprou. Meu pai mais ti Pulu compraram um terreninho em sociedade, cem alqueires, cinquenta dum, cinquenta do outro.

Louriene: De quem que eles compraram?

Romão: Foi de um senhor Sirvino Ferreira lá de Carvarcante.

Louriene: Teve conflitos com os fazendeiros? Teve alguma briga do pessoal da comunidade com os fazendeiros?

Romão: Tomaram terras dos pobre que num tem condição, tocar justiça né? Mas não chegou ter morte assim por causa de terra não. Só os fazendeiro tomano, né?

Louriene: E colocando no nome deles?

Romão: Aham! Fazendo escritura falsa. E era deles, ninguém mixia né? Eles tinha poder, pobre num tinha né? Então eles tomava de conta.

Louriene: Eles ameaçaram algumas pessoas?

Romão: Alguma região pro fora, ameaçaram né? Agora nós aqui mesmo, num foi ameaçado não.

Louriene: Como era a vida do senhor quando era jovem? O que tinha de lazer? Como era a situação de renda?

Romão: Eu nasci os dentes na roça (Risos), trabalhando de roça. Era o ramo que a gente tinha né? Quando foi si pono mais, saia pra fora pá casar outro recurso... Trabalhava fora também.

Louriene: Trabalhava onde?

Romão: Pra esi lado de Alto Paraíso ai pra fora assim.

Louriene: Ficava muito tempo?

Romão: Era mês, dois mês. Trabalhava seca e água. Nas água tava aqui na seca expandadava (saia).

Louriene: O que tinha de lazer? Além de trabalhar vocês faziam o quê?

Romão: Umas festinhas, fólia que hoje num tá tendo mais, tá acabando tudo né?

Louriene: Além das festas havia outras coisas?

Romão: Não! Tinha não.

Louriene: Havia muitos jovens aqui? Na época em que era jovem?

Romão: Tinha! Mas não era muito jovem não, que o povo era pouco, era pouco, não era muito não.

Louriene: E hoje?

Romão: Hoje tá cheio! (Risos) tá cheio, a maioria sem trabalho porque num têm muito grande estudo. Ate quem têm estudo, tá difícil. E quem não têm, pior ainda. E as roças hoje em dia não tá quase compensando porque falta das chuva. Pouca né? Os vei vai cabando os novo num quer roça. Tá acabando é tudo.

Louriene: Então, hoje em dia tem mais jovens do que antes?

Romão: Vixe! Hoje é demais.

Louriene: Na comunidade?

Romão: É! Na comunidade! Cresceu de jovens, de gente muito. Naquela época era solteado de légua meia légua, três légua. Hoje cem metro, duzentos metro. Um longe do outro.

Louriene: Como os filhos do senhor ajudava e ajuda em casa? Tem filhos que mora na cidade?

Romão: Têm!

Louriene: Quantos o senhor têm? E quantos mora na comunidade e cidade?

Romão: Juntando tudo? Que mora fora e que tá aqui?

Louriene: Aham.

Romão: São quinze entre homens e mulher.

Louriene: Quantos moram aqui? E quantos moram fora?

Romão: Aqui tá morando seis.

Louriene: Então, nove mora fora?

Romão: É.

Louriene: Qual foi o motivo que eles saíram?

Romão: Caçar um jeito de trabalho, vê se ganha um dinheirinho. Que aqui num tem de onde tira dinheiro, tem que caçar maneira mesmo de ranchar uns trocadinho fora.

Louriene: Quando eles moravam aqui e os que moram aqui. Como que eles ajudavam e os que estão no que ajuda em casa? O que eles fazem?

Romão: Hoje a tarefinha é rocinha mesmo e plantiozinho de roça que outra coisa num tem mesmo. Homem tá ajudando muito é na cozinha também, que não tem... (Risos).

Louriene: Os que saíram no que eles ajudavam na roça? Na casa?

Romão: Era na roça. Todos eles foi na roça mesmo.

Louriene: O que o senhor acha que ajudaria para melhorar a comunidade? O que é preciso? Para os jovens ter renda?

Romão: No meu pensar, totalmente se fosse nas épocas boas que tivesse chovendo bom. No meu pensar era roça mesmo. Ajudava muito que ia ter muitas coisinhas, vendia, produzia pra vender também né?

Louriene: No caso, os jovens que trabalhar com a roça?

Romão: Ai é como se diz, ai é o entender é deles né? Arguns interessa também mas olha o tempo desmureçe por causa da sequeidão, tá demais. Chuva pouca! Antigamente a gente trabalhava de roça, tinha as coisas mas era pra consumo mesmo. Vender pra quem? Tudo tinha, né? Pra fora num vindinha.

Louriene: Por que não vendia pra fora?

Romão: Porque não tinha exportação, né? Não tinha como vender. E mesmo que antigamente quase todos tinham as coisinhas, né? Não tinha necessidade de tá comprando de um a um.

Louriene: No caso, o que comprava de fora? Comprava alguma coisa fora?

Romão: Comprava! Esse negócio de café, gordura essas coisas assim, faltava em casa tinha que comprar mesmo. Sabão, fazia mas todo jeito comprava. Alguma época comprava cereais, tomem. Que as vezes faltava, que não é toda vez que ganha né? Ai comprava também.

Louriene: Mas para comprar isso aí, vocês tinham que levar as coisas daqui e vender na cidade? Como adquiria o dinheiro? Para comprar os produtos faltantes?

Romão: Que naquela época quase todo mundo tinha uma vaquinha, bizero, vendia e segurava o dinheirinho só para fazer as compras, roupas essas coisas.

Louriene: Ah, tá! Entendi.

Romão: Jeito de ganhar dinheiro têm. Tem muita coisa que faz dinheiro mas cadê o serviço.

Dona Prima

Louriene: Nome? Idade?

Prima: Meu nome é Prima Pereira das Virgens. E a idade eu tô com oitenta e dois anos.

Louriene: Há quanto tempo a senhora mora aqui na comunidade?

Prima: Não lembro não, não lembro de jeito nenhum.

Louriene: A senhora sempre morou aqui? A senhora nasceu aqui?

Prima: Eu nasci no Vão de Almas de lá que meu pai mudou pra cá, que fez o sitio lá na beira da Ema (córrego) diz que eu tava sentando. Quando es mudou prai eu tava sentando.

Louriene: Ah,tá!

Prima: É, eles morava no Vão de Almas né? Ai eles comprou a terra pra cá e vei mudou de lá pra cá. Eu tava na mão ainda, Eu num tem nem lembrança que eles memo que falava né?

Louriene: Quem foram as primeiras pessoas a morar na comunidade?

Prima: Aqui nesse lugar, primeiro foi eu.

Louriene: E antigamente?

Prima: Meu pai morava lá na beira da Ema lá ó, junto daqueles pezão de manga.

Louriene: Qual o nome do pai da senhora.

Prima: Binicio Pereira das Virgens.

Louriene: Ah, sim!

Prima: Pois, é!

Louriene: O pai da senhora veio lá do?

Prima: Lá do Vão de Alma, lá do Kalunga.

Louriene: Ele comprou aqui? Como foi?

Prima: Ai num lembro, eu sei que eles comprou a terra, num sei se foi 100 alqueire. Acho que foi 100 alqueire dele mais o vei Pulu , né? Era deles dois. Pulu era o marido de França que era o pai de Ozilia. O negócio foi o seguinte eles comprou disse que do outro lado do rio, ai eles achou do outro lado de cá do rio mais bonito disse que passou pa morar do lado de cá. Eles conversou com o véi Sirvino que mora em Cavalcante ai disse quele falou pra eles, não cês mora onde ocês quiser, que a terra não dividida, né? Não era dividido que eles podia fazer

a morada onde eles quisesse, e assim eles passou pro lado de cá, né? Vei pulu ficou lá em cima e ele cá embaixo cá na beira da Ema.

Louriene: Como era a vida da senhora quando era jovem?

Prima: Eu fazia era trabalhava na roça, fiava muito, ticia pano, tudo eu fazia. Serviço meu era esse mesmo. Num mais quando eu ia trabalhar pro outro, né? Fazia as coisas, cozinhar pro outros. Eu panhava tinha de tudo eu fazia, costurava e tudo. Hoje eu num faço nada mais.

Louriene: O que tinha pra vocês? Tinha festa?

Prima: Tinha, tinha muita festa, aqui nessas beira tinha festa do vei Geraldo que era irmão do meu pai, festejava lá nessas beira do Limoeiro, ele morava pra lá né? Festejava todo ano São Sebastião, todo ano. Essa que Romão faz direto.

Louriene: Tinha mais folia?

Prima: Tinha essa, ele soltava depois foi ruinando, não deu pra fazer mais os outro tomou de conta. Cumpadre Gegrorio festejou não sei se foi uns dois ou três anos. Depois disse que num dava certo porque lá num tinha água, saiu mudando pro outro, né? Ai, zefirino pegou em vida dele mas a Isabé que tava festejando, todo ano, todo ano. Ai foi tempo que Zefirino morreu, zabe ficou fazendo depois ela tomou dueceu num deu conta de fazer mais, ai ficou ai assim e ai passou pra Romão.

Louriene: Como os filhos da senhora ajudava em casa?

Prima: Meus meninos ajudava só mesmo ajudava arrumar as coisas ai em casa mesmo, num tinha nada, trabalhar na roça mesmo.

Louriene: Total de filhos que a senhora têm?

Prima: Eu tinha seis.

Louriene: Ah sim!

Prima: Agora só tenho cinco.

Louriene: Tem alguém que mora fora?

Prima: Têm.

Louriene: Tem quantos que mora fora?

Prima: Domingo, Rosa tudo mora lá, Domingo mora em Goiânia, Reinaldo que é neto também mora lá em Goiânia.

Louriene: Dois filhos que moram fora?

Prima: E lindaura que tá agora também pra lá, saiu pra trabalhar disse que vai voltar denovo. Mas tá pra lá. Trabalhando, né? Disse que vai voltar denovo pra cá.

APÊNDICE B – ENTREVISTA APLICADA COM OS JOVENS

Jocenira

Louriene: Nome completo?

Jocenira: Jocenira Fernandes dos Santos.

Louriene: Idade?

Jocenira: 27.

Louriene: Na?

Jocenira: 27.

Louriene: Casada/ solteira?

Jocenira: Casada.

Louriene: Têm filhos?

Jocenira: Sim!

Louriene: O que fez você a ir morar em Goiânia?

Jocenira: Porque eu gostei e quiria trabalhar também.

Louriene: O que você fazia na comunidade?

Jocenira: Só estudava.

Louriene: Você ainda vai à comunidade?

Jocenira: Vou.

Louriene: Quando? Em que ocasiões?

Jocenira: Férias.

Louriene: Férias. Dezembro? Julho?

Jocenira: Depende. Num têm data certa, depende de quando eu tiro férias, quando tô trabalhando.

Louriene: An! Do que você mais gosta de lá?

Jocenira: Eu gosto do rio também porque eu de lá né?

Louriene: Oi?

Jocenira: Gosto do rio e também porque eu nasci lá, né? Gosto de tudo.

Louriene: Hunrum! Você trabalhava com os seus pais na comunidade?

Jocenira: Sim!

Louriene: Em que?

Jocenira: Na roça.

Louriene: Havia um bom relacionamento entre vocês?

Jocenira: Sim!

Louriene: Lá na comunidade, como era?

Jocenira: Como assim?

Louriene: Como era viver lá?

Jocenira: Era bom, tirando o trabalho da roça, né?

Louriene: Havia eventos, festas, cursos, missa na comunidade?

Jocenira: Tinha festas, as festas de folia ou rezas.

Louriene: Você participava?

Jocenira: Sim!

Louriene: Participa ainda?

Jocenira: Não.

Louriene: Quais as dificuldades encontradas para viver lá?

Jocenira: Falta de emprego e também a terra não tava tão boa assim pra plantar e não ganha dinheiro, fica difícil, né? Comprar coisas pra comer pra vestir.

Louriene: Você conhece a associação do território Kalunga?

Jocenira: Hum?

Louriene: Você conhece a associação do território Kalunga?

Jocenira: Sim! Associação Kalunga?

Louriene: Hanram!

Jocenira: Sim!

Louriene: Já participou de alguma reunião?

Jocenira: Sim!

Louriene: Sabe o que ela faz? A associação?

Jocenira: Não entendi!

Louriene: Sabe o que a associação faz?

Jocenira: O que a associação faz?

Louriene: É! Como funciona uma associação?

Jocenira: Não!

Louriene: Qual associação você conhece?

Jocenira: Só a Kalunga. A associação Kalunga.

Louriene: Associação Quilombo Kalunga?

Jocenira: Isso.

Louriene: Beleza! Você participa de algum grupo cultural?

Jocenira: Grupo o quê?

Louriene: Cultural. Tipo, sussa, folia, essas coisas culturais do território. Teatro.

Jocenira: Não!

Louriene: Nem ai cê não participa?

Jocenira: Não!

Louriene: Possui algum saber popular do Kalunga? Raizes, benzimentos.

Jocenira: Não entendi.

Louriene: Possui algum saber popular do kalunga?

Jocenira: Nossa!

Louriene: Cê tá escutando? É tipo cê sabe mexer com raízes, se é conselheira, benzimentos.

Jocenira: Não! Não sei.

Louriene: Cê escutou?

Jocenira: Não, não sei mexer com raiz, benzimento essas coisas, não cheguei a aprender não.

Louriene: Você gostava de morar lá?

Jocenira: Sim!

Louriene: Pensa em voltar?

Jocenira: Talvez.

Louriene: Você estuda? Trabalha? O que você faz?

Jocenira: No momento tô desempregada.

Louriene: Hum! Como é morar ai em Goiânia?

Jocenira: Ah! Eu acho bom, assim... pela oportunidade de trabalhar.

Louriene: Possui uma boa renda? Da para viver bem?

Jocenira: Tando trabalhando, sim!

Louriene: O que você acharia que melhoraria a comunidade para viver com dignidade?

Jocenira: Hum... eu acho que a união mais do povo pra que os projetos pudesse ir pra frente, né? Pudesse unir mais em um só propósito, não ficar um querendo uma coisa e o outro outra coisa. Poque a comunidade não vai pra frente.

Louriene: Qual é a sua expectativa de vida? O que quer para sua vida?

Jocenira: Eu sinceramente quero só uma vida sussegada. Uma casa, uma boa renda pra viver, isso! Já é o bastante pra mim.

Louriene: Para que isso se realize, as condições da cidade são melhores ou piores?

Jocenira: Minha vida?

Louriene: Pra que isso se realize, você falou que simplesmente quer uma vida sossegada, quer uma casa, uma boa renda.

Jocenira: Por enquanto, acho que da cidade ainda pela oportunidade de emprego.

Louriene: Então, a pergunta é assim: Para que isso se realize né? As condições da cidade são melhores ou piores?

Jocenira: São melhores, eu acho.

Louriene: Por que?

Jocenira: Porque eu tenho a oportunidade de trabalhar e crescer. E na comunidade talvez eu não tenha oportunidade, talvez de trabalhar.

Louriene: Hunrum! São essas as perguntas. Têm algo a mais a dizer?

Jocenira: Não, não! Eu gostaria muito de voltar pra comunidade e sim ter um emprego lá porque lá é assim é bem melhor pra viver porque é mais sossegado, né? Mais sem emprego lá não dá pra viver né? Se eu tivesse empregada lá com certeza voltaria a morar lá.

Louriene: Ok!

Louriene: Seu nome completo.

Jocimar: Começou?

Louriene: Hanram!

Jocimar: Artur (Filho) vai atrapalhar um pouco, ele vai ficar gritando.

Louriene: Tem nada não!

Jocimar: Ein.

Louriene: Tem nada não!

Jocimar: Não?

Louriene: Ancam!

Jocimar: Já começou?

Louriene: Já!

Jocimar: Tá! É Jocimar Fernandes dos Santos.

Louriene: Idade?

Jocimar: 24 anos.

Louriene: Casado? Solteiro?

Jocimar: Casado.

Louriene: Têm filhos?

Jocimar: 1 (um).

Louriene: O que fez você a ir morar aí em Goiânia?

Jocimar: Uai em busca de uma vida melhor, serviço, dinheiro né?

Louriene: O que você fazia na comunidade?

Jocimar: Uai, trabalhava na roça na plantação.

Louriene: Você ainda vai a comunidade?

Jocimar: Vou, sim!

Louriene: Quando? Em que ocasião?

Jocimar: Em feriados! Têm como ir só no feriado, né?

Louriene: Do que você mais gosta de lá?

Jocimar: Ua da simplicidade de lá tranquilidade que passa quando a gente vai pra lá, sussego.

Louriene: Você trabalhava com os seus pais na comunidade?

Jocimar: Sim!

Louriene: Em quê?

Jocimar: Na roça.

Louriene: Havia um bom relacionamento entre vocês? Seus pais?

Jocimar: Tenho!

Louriene: Na comunidade, como que era na comunidade?

Jocimar: Meu convívio ou como é que é o pessoal de lá?

Louriene: É! Como que era lá?

Jocimar: Uai, lá é um lugar, um lugar bem pacato, né? Demais.

Louriene: Hunrum!

Jocimar: Pessoal muito hospitaleiro né?

Louriene: Hunrum.

Jocimar: É isso!

Louriene: Havia eventos, festas, cursos, missa na comunidade?

Jocimar: Havia o quê?

Louriene: Eventos, festas, curso, missa na comunidade? Você participava?

Jocimar: Sim!

Louriene: O quê que havia?

Jocimar: Missas, festas é! Cursos, tudo tinha.

Louriene: Festa de quê, cursos de quê assim? Geralmente?

Jocimar: Curso?

Louriene: É?

Jocimar: Uai, curso que tinha que vai pra lá é na área de agricultura mesmo pá aperfeiçoar mais a... Perai (pausa porque o Artur estava inquieto)

Louriene: E as festas?

Jocimar: As festas?

Louriene: É! Festas de quê assim?

Jocimar: As festas de fólia, de folia pra manter a tradição da comunidade lá.

Louriene: Que você participava?

Jocimar: Participava!

Louriene: Quais as dificuldades encontradas para viver lá?

Jocimar: Ua a falta de emprego né? A primeira delas né? Ih, ih e faculdade não têm. Têm escola mais não têm faculdade e é isso.

Louriene: Você conhece a associação do território Kalunga?

Jocimar: Uai, que associação é essa? Nem conheço não.

Louriene: Risos, já participava de alguma reunião?

Jocimar: Já!

Louriene: Sabe o que ela faz? Uma associação?

Jocimar: Uai, na última que eu participei foi pa discutir a separação das terras.

Louriene: An? E você sabe como funciona uma associação?

Jocimar: Não!

Louriene: Participava de algum grupo cultural? Ou participava? É tipo fólia, sussa, império.

Jocimar: Se eu já participei?

Louriene: É! Se você participou ou participa?

Jocimar: Participei!

Louriene: Dê que você participou?

Jocimar: Uai eu era, como fala assim? Romeiro é?

Louriene: Romeiro?

Jocimar: É!

Louriene: Quando foi isso?

Jocimar: A última vez foi em 2018.

Louriene: Possui algum saber popular do povo Kalunga?Tipo, você sabe mexer com raiz, benzimento, parteiro, conselheiro? Alguma coisa assim?

Jocimar: Não! Sei não.

Louriene: Você gostava de morar lá?

Jocimar: Sim!

Louriene: Pensa em voltar?

Jocimar: Pra passeio.

Louriene: Você estuda? Trabalha?

Jocimar: Só trabalho.

Louriene: Em quê?

Jocimar: Ah...Têm que falar em que ainda?

Louriene: Hanram

Jocimar: Eu trabalhava na área de simplesmente pra panificação

Louriene: Panificação?

Jocimar: Sim!

Louriene: Como é morar ai?

Jocimar: Oi?

Louriene: Como que é morar ai em Goiânia?

Jocimar: Uai, vida corrida, rotineira as vezes muito cansativo. Estressante!

Louriene: Possui uma boa renda? Da para viver bem?

Jocimar: Dá.

Louriene: Possui uma boa renda?

Jocimar: Sim!

Louriene: O que você acharia que melhoraria a comunidade para viver com dignidade?

Jocimar: Uai, pra melhorar lá? Ah! Num sei. Fugiu o que pode po lá pra melhorar.

Louriene: Hum?

Jocimar: Fugiu... Pula aí depois cê me pergunta isso ai.

Louriene: Tá! Qual é a sua expectativa de vida? O que quer para sua vida?

Jocimar: Ua! É... Eu preciso formar né?

Louriene: Oi?

Jocimar: Se formar né?

Louriene: Para que isso se realize, as condições dai da cidade, são melhores ou piores?

Jocimar: Melhores.

Louriene: Por quê?

Jocimar: É porque aqui é mais... Tudo um pouco mais fácil, né? E aqui têm a maioria das coisas que não têm aí, têm aqui, né?

Ranyele

Louriene: Nome completo?

Ranyele: Ranyelle Fernandes de Castro.

Louriene: Idade?

Ranyele: 29.

Louriene: Casada? Solteira?

Ranyele: Solteira.

Louriene: Têm filhos?

Ranyele: Não!

Louriene: O que fez você a vir morar aqui?

Ranyele: Ah! Trabalho.

Louriene: O que você fazia na comunidade?

Ranyele: Só estudava.

Louriene: Você ainda vai à comunidade?

Ranyele: Às vezes.

Louriene: Quando?

Ranyele: Só pela eleição.

Louriene: Do que você mais gosta de lá?

Ranyele: Minha família.

Louriene: Você trabalhava com os seus pais na comunidade?

Ranyele: Não!

Louriene: Havia um bom relacionamento entre vocês.

Ranyele: Não.

Louriene: Por quê?

Ranyele: Porque minha mãe nunca foi presente mais trabalhava em prol da comunidade.

Louriene: Na comunidade, como era?

Ranyele: Ué, sei lá! Bom eu.

Louriene: Havia eventos, festas, cursos, missas na comunidade?

Ranyele: Sim!

Louriene: Você participava?

Ranyele: Algumas vezes.

Louriene: De que você participava?

Ranyele: Missa, eventos. Eu cozinhava né?

Louriene: Que tipos de eventos?

Ranyele: Curso de... Pras mulheres de bijuteria.

Louriene: Isso foi em que ano, mais ou menos?

Ranyele: 2000. Que eu vim pra cá em 2001 foi em 2000.

Louriene: Através de que projeto teve esse curso?

Ranyele: Através da fundação, da associação.

Louriene: Quais as dificuldades encontradas para viver lá?

Ranyele: Trabalho.

Louriene: Você conhece a associação do território Kalunga?

Ranyele: Não!

Louriene: Já participou de alguma reunião?

Ranyele: Já!

Louriene: Sabe o que ela faz?

Ranyele: Trabalha pra melhoria da comunidade, só isso que eu sei.

Louriene: Sabe como funciona uma associação?

Ranyele: Não!

Louriene: Participava de algum grupo cultural? Sussa, fólia, império.

Ranyele: Não!

Louriene: Possui algum saber popular do Kalunga? Benzimento, raízes?

Ranyele: Sim!

Louriene: O quê?

Ranyele: Benzimento.

Louriene: Você benze?

Ranyele: Às vezes, só uma vez. Benzimento não, é remédio eu acostumo usar remédio, sim!

Louriene: Você prepara?

Ranyele: Mãe traz a raiz e eu preparo.

Louriene: Que tipo de remédios?

Ranyele: É, terra santa, barbatimão e arrueira.

Louriene: Você gostava de morar lá?

Ranyele: Não!

Louriene: Por quê?

Ranyele: Porque eu acho que continua a mesma coisa lá, num tem porque voltar vou viver na mesma.

Louriene: Você estuda? Trabalha?

Ranyele: Não! Estudo não, trabalho só.

Louriene: Em que?

Ranyele: Lojas.

Louriene: Lojas? Lojas de quê?

Ranyele: Uai na feira e também em uma loja de açaí da minha amiga.

Louriene: Como é morar aqui (Brasília)?

Ranyele: Aqui é uma vida muito corrida, você só trabalha e.. Mais eu gosto de morar na cidade. Apesar que você só vive pra trabalhar.

Louriene: Possui uma boa renda? Da pra viver bem?

Ranyele: Dá! Mas quiria mais, nem dá pra viver BEM mas dá pra viver da pra se manter. Pra cumer, fazer outras coisinhas.

Louriene: Que tipo de coisinhas?

Ranyele: Dá pra fazer... Tipo assim dá pra alimentação e dá pra comprar algumas coisinhas. Pagar o aluguel essas coisas.

Louriene: O que você acharia que melhoraria a comunidade para viver com dignidade?

Ranyele: Mais emprego, cooperativas, essas coisas pra unir mais as pessoas. Mostrar pra elas é.. pras crianças que tão vindo agora que elas tão indo pro mundos das drogas apesar da cidade ser piquena do povoado ser piqueno elas estão conhecendo muito rápido a droga. Então, tivesse mais palestra na comunidade pra mostrar pra elas o que é a droga. Porque eu acho que elas estão achando que droga é um picolé, entendeu? Acho que é picolé, uma balinha, entendeu? E não é, e mostrar pra elas a realidade do que é a droga causa mesmo. Porque acho que elas não estão sabendo o quê que é uma droga, tão colocando na boca e pronto. E tão ali fazendo festa, achando que é bonito que vai trazer alguma coisa de beneficio pra elas e tão botando elas no buraco.

Louriene: Mas, a caso disso de crianças?

Ranyele: Não, já ouvi. Esses dias que eu fui lá mesmo, fiquei sabendo que uma menina, tipo, tá usando! Devido o marido dela morreu, o marido dela morreu com isso, né? Com droga e ela, uma menina.. nunca mexeu com isso mas como teve convivência com o marido ela tá, tá caindo também. Têm duas crianças pequenas. Então se a criança tá vendo a mãe ali fazendo isso, ela vai pegar pra si. Entendeu? E ela vai fumar também. Vai usar , tá vendo a mãe ali todos os dias e acho também que ela nem sabe o perigo que ela tá tendo, entendeu? E isso é porque ela não sabe. Ninguém aconselha, ninguém fala nada, o perigo que ela tá tendo vai passar pras crianças porque a criança não vai ter noção do que é aquilo ali. Ela não vai ter noção na realidade, ela vai pegar, botar na boca uma vez e vai querer. Vai ficar botando, ela não vai ter como tirar porque é difícil.

Louriene: Qual é a sua expectativa de vida? O que quer para sua vida?

Ranyele: O que eu quero? Ah..eu num sonho muito alto não. Eu quero simplesmente ajudar o próximo também. Sempre tive vontade de trabalhar em alguma causa social é...tenho vontade de abrir um comércio pra mim que sempre trabalhei nessa área e também.. estudar eu num tenho muita paciência e tal. Talvez eu entro em alguma faculdade mais na minha cabeça, nunca estudos assim.. Não tenho muita paciência de fazer faculdade...talvez eu possa mudar, mais num tá na minha cabeça ainda, mexer com faculdade me formar em alguma coisa. Pretendo abrir um comércio pra mim porque eu acho que o mundo da escola é muito ... se pilha muito.

Louriene: Pilha?

Ranyele: Fica focado muito nisso e esquece de outras coisas. E as vezes cê nem consegue realizar todo seu sonho através do estudo.

Louriene: Para que isso se realize, as condições da cidade são melhores ou piores?

Ranyele: Melhores.

Louriene: Por quê?

Ranyele: Na cidade você têm todas as chances de apesar de você trabalhar muito mas se você tiver força de vontade, você consegue é é. Porque aqui cê têm uma das melhores faculdades e têm muito é é bolsa né? Pras pessoas! Num têm? É fácil hoje hoje em dia pra você estudar é fácil mas..

Louriene: Eu tô perguntando nessa linha, você falou que quer abrir um comércio. A vida aqui na cidade são boas ou piores pra que isso se realize, pra que você realize isso, de abrir um comércio aqui?

Ranyele: Sim! Têm os riscos né? Por causa dos assaltos, a segurança tá precária. Onde a gente trabalha que vejo aqui os comércios de portas fechadas. Não! Trabalha com as grades fechadas, atende os clientes pro lado de fora. Medo né? Da dos bandidos, entendeu? A gente é obrigada a..Como se diz? É.. trabalhar de portas fechada porque os bandidos manda, entendeu? A gente fica ai a mercê.

Louriene: Têm essas condições mas eu falo, as condições pelo que você trabalha. Você consegue abrir uma loja aqui de comércio?

Ranyele: Sim! Consigo, aos poucos!

Louriene: Pelo que você recebe?

Ranyele: Não! Daí teria que ter um capital pra me ajudar, entendeu? Não assim imediato. Tipo uma lojinha de meu sonho sempre foi abrir uma conveniência, entendeu? Um barzinho. Eu quis sempre trabalhar em comércio, montar uma loja de roupa de bijuteria, essas coisas.

Silma

Louriene: Nome completo.

Silma: Silma Pereira dos Santos.

Louriene: Idade?

Silma: Idade?

Louriene: Sim!

Silma: 22 anos.

Louriene: Casada/solteira?

Silma: Solteira.

Louriene: Têm filhos?

Silma: Não! Graças a Deus não (Risos).

Louriene: (Risos) eh Silma. O que fez você ir a morar ai em Goiânia?

Silma: Falta de serviço lá na Ema, né? E porque aqui é melhor pra gente trabalhar, estudar né? Fazer curso melhor, mais por causa do trabalho, né?

Louriene: O que você fazia na comunidade?

Silma: (Risos) Nada! Só estudava né? Quando eu tava lá. Depois que terminei e vim embora.

Louriene: Você ainda vai à comunidade?

Silma: Sim!

Louriene: Quando? Em que ocasiões?

Silma: Nas férias, final de ano. Feriado né? As vezes, quando dá.

Louriene: Do que você mais gosta de lá?

Silma: Do rio de pescar. Quer dizer.. primeiro minha mãe e o meu pai, né? (Risos). Tomar banho no rio, pescar, essas coisas. E o sussego, né?

Louriene: Você trabalha com seus pais na comunidade?

Silma: Não! Tipo assim eu só fazia as coisas de casa mesmo né? Mas na roça eu num ia não.

Louriene: Havia um bom relacionamento entre vocês?

Silma: Sim!

Louriene: Na comunidade, como era?

Silma: Ixe (Risos).

Louriene: Como era assim viver lá na comunidade?

Silma: Uá! Era um pouquinho sofrido, né? Tipo assim passava por algumas necessidades, né? Assim. Não passando fome mas as vezes, tipo assim, a gente não tinha dinheiro pra comprar as coisas pra gente né? Que a gente quiria, isso é ruim né?

Louriene: Entendo! Coisas pessoais?

Silma: Isso!

Louriene: Havia eventos, festas, cursos, missa na comunidade?

Silma: Sim, né? (Risos).

Louriene: O que?

Silma: An! O quê que havia lá?

Louriene: É!

Silma: Uá, tinha missa de vez em quando tinha festa, né?

Louriene: Que tipo de festa?

Silma: Ah, meus Deus (Risos). Ah! Essas festas católicas, uai. Santo Reis, tinha reza né? Nas casas das pessoas. Têm de São Sebastião, têm outros que não lembro.

Louriene: Você participava?

Silma: Às vezes.

Louriene: Ou participa?

Silma: Às vezes.

Louriene: Do que assim?

Silma: Ua o que eu mais participo é da reza lá em casa, né? Só. Muito difícil eu lá né? Quando eu vou é só lá em casa mesmo da reza de Santo Reis.

Louriene: Quais as dificuldades encontradas para viver lá? Por mais que você já falou, né?

Silma: É, as dificuldades é a falta de emprego né? Deixa eu ver o que mais. É, era isso né? A maior dificuldade.

Louriene: Falta de emprego. Você conhece a associação do território Kalunga?

Silma: Eu não (Risos).

Louriene: Já participava de alguma reunião?

Silma: Não! Acho que não.

Louriene: Sabe o que ela faz? Uma associação? Como funciona uma associação?

Silma: Não (Risos).

Louriene: Você participava de algum grupo cultural? Tipo folia, sussa?

Silma: Não!

Louriene: Têm também conselheiro, essas coisas assim.

Silma: Não! Huncum.

Louriene: Possui algum saber popular do Kalunga?

Silma: Saber popular?

Louriene: Sim!

Silma: Não! Essas perguntas sua tá meia difícil, ein?

Louriene: Saber popular é isso, pessoas que sabe mexer com raízes, benzimentos, reza.

Silma: Não! Sei não.

Louriene: Você gostava de morar lá?

Silma: Sim! Com certeza. Muito! Demais!

Louriene: Pensa em voltar?

Silma: Não! Porque acho que não têm futuro pra gente não. Tipo assim passear, né?
Mas pra morar não.

Louriene: Você estuda, trabalha?

Silma: Ah! Sou saladeira num restaurante.

Louriene: Saladeira?

Silma: Isto.

Louriene: Como é morar aí?

Silma: Ixe (Risos). É bom ué, a gente têm mais sei lá, é..vive um pouco prezo né? Mais é bom. Acho que têm mais oportunidade. Sei lá! Eu num sei muito bem explicar não. É bom!

Louriene: Possui uma boa renda? Dá para viver bem?

Silma: Sim!

Louriene: O que você acharia que melhoraria a comunidade para viver com dignidade?

Silma: Lá na comunidade?

Louriene: Sim!

Silma: Uai eu acho que se lá tivesse emprego, né? Mais tipo assim as pessoas tivesse uma renda melhor né? Com certeza.

Louriene: Qual é a sua expectativa de vida?

Silma: Eh... Louriene, expectativa não entendi não. Me explica.

Louriene: O que quer para sua vida?

Silma: Eu quero me formar, passar num concurso público e viver bem minha vida de boa.

Louriene: Para que isso se realize, as condições da cidade são melhores ou piores?

Silma: Da cidade que eu moro?

Louriene: É! Pra que isso se realize, né?...

Silma: São melhores, aqui com certeza é melhor né?

Louriene: Por quê?

Silma: Ah.. meus Deus. Porque aqui têm o curso que eu quero fazer, lá num têm. Aqui eu ganho melhor, dá pra mi pagar meu curso, lá a gente num trabalha, não têm como ganhar dinheiro.

Louriene: Tendi!

Raquel

Louriene: Qual o seu nome? Idade?

Raquel: Raquel Rodrigues dos Santos. Tenho 23 anos.

Louriene: Casada? Solteira?

Raquel: Solteira.

Louriene: Tem filhos?

Raquel: Tenho um.

Louriene: O que você faz na comunidade?

Raquel: Hmm, dona de casa.

Louriene: Então, você é dona de casa né?

Raquel: Hunrum.

Louriene: Gosta de morar aqui?

Raquel: Não.

Louriene: Por quê?

Raquel: Porque aqui falta trabalho ai é ruim. Não tem muitas condições.

Louriene: Participa de algum grupo cultural?

Raquel: Não!

Louriene: Quando tem festas, você participa?

Raquel: De vez em quando.

Louriene: Do que você participa de festas tradicionais do lugar?

Raquel: Geralmente nada!

Louriene: Possui algum saber popular 'raízes' conhece algum saber popular do povo kalunga?

Raquel: Não.

Louriene: Como que é em casa com a família?

Raquel: É bom! Divertido.

Louriene: Você da opinião, no caso você mora com a sua avó né? Da opinião em casa?

Raquel: Sim.

Louriene: Ela escuta você?

Raquel: Escuta.

Louriene: Há um bom relacionamento?

Raquel: Têm.

Louriene: Como é viver na comunidade?

Raquel: É bom né? Por causa que é o jeito. É divertido.

Louriene: Aqui não tem igreja né? Mas você participa de alguma coisa que envolve igreja?

Raquel: Sim! Geralmente vou nos cultos na cidade.

Louriene: Do que você mais gosta na comunidade?

Raquel: Hmm, tem isso? De gostar? (Risos dos outros jovens ao redor).

Louriene: Do que mais gosta?

José Francisco: Do que mais gosta.

Raquel: Da natureza, né? Que é calmo.

Louriene: Pretende viver aqui?

Raquel: Não.

Louriene: Há algum plano para o futuro?

Raquel: Ainda não!

Louriene: O que as pessoas mais velhas dizem sobre vocês?

Raquel: Nunca ouvi.

Louriene: Costuma participar de reuniões na comunidade? Quando tem?

Raquel: Sim!

Louriene: Existe alguma associação local?

Raquel: Escola.

Louriene: Na comunidade tem alguma associação?

Raquel: Aqui não!

Louriene: O que você acha que deveria ter na comunidade? Para ajudar na sua permanência?

Raquel: Emprego né?

Louriene: Emprego?

Raquel: Hunrum.

Louriene: O que você sugere para trabalhar aqui? Para gerar renda?

Raquel: Aqui, trabalho domestico, babá esses trem.

Louriene: O que você faz para melhorar a vida da juventude na comunidade? Participa de reuniões, reivindica?

Raquel: Não.

Louriene: Quais são os conselhos que os seus pais dão para você?

Raquel: Conselhos?

Louriene: É.

Raquel: Para trabalhar, crescer na vida.

Louriene: Qual é a sua expectativa de vida? O que você quer para sua vida? Alguma coisa que você quer para sua vida e tal.

Raquel: Um trabalho.

Louriene: Para que isso se realize a vida na comunidade são melhores ou piores?

Raquel: Piores.

Louriene: Por quê?

Raquel: E, esse trem é muito difícil para responder.

Louriene: Porque você falou que trabalho né? No caso, babá e tal. Mas e hoje você acha que isso traria mesmo desenvolvimento pro lugar? Geraria renda mesmo?

Raquel: Aqui, acho que não. Aqui acho que nem tem condições de dá trabalho aqui, né? Acho que não. Tanta coisa, eu num sei nem responder direito esses trêm.

Antônia

Antônia: Pode começar?

Louriene: Hunrum, nome, idade?

Antônia: Antonia Pereira da Silva tenho 19 anos moro na zona rural, na Ema.

Louriene: Casada? Solteira?

Antônia: Amigada, casada né? (Risos).

Louriene: Tem filhos?

Antônia: Tenho três filhos.

Louriene: O que você faz na comunidade?

Antônia: Dona de casa mesmo, cuidar de casa e filho.

Louriene: Gosta de morar aqui?

Antônia: Gosto que além assim, além das dificuldades tem é um lugar sossegado, né? Tem ninguém pra incomodar. A gente faz o que a gente quer.

Louriene: Participa de algum grupo cultural? Folia? Sussa? Alguma coisa tradicional do lugar?

Antônia: Não!

Louriene: Possui algum saber popular? De raízes, benzimentos.

Antônia: Conheço algumas raízes.

Louriene: Como é em casa? Você mora com a sua família mesmo sem ser com os pais?

Antônia: So com a família, hunrum!

Louriene: Como é que é em casa com a família?

Antônia: É bom!

Louriene: Como é viver na comunidade? Participa de festejos? Cursos? Vai à igreja?

Antônia: Algumas festas.

Louriene: Mas como é viver aqui?

Antônia: É mais ou menos porque tem também dificuldade e algumas coisas é ruim para viver.

Louriene: Do que você mais gosta na comunidade? Você falou de festejos, né? Que tipo de festejo.

Antônia: Folia.

Louriene: Mas tem outros tipos de festas?

Antônia: Têm, às vezes tem aniversário. Esses tempo agora que parou.

Louriene: Do que você mais gosta na comunidade?

Antônia: O rio que é a melhor coisa que têm (risos).

Louriene: O rio?

Antônia: É.

Louriene: Pretende viver aqui?

Antônia: Por enquanto sim né? Não tem outro lugar pra ir.

Louriene: Há algum plano para o futuro?

Antônia: Não! Ainda não.

Louriene: Bom, isso é ser já estiver escutado. O que as pessoas mais velhas dizem sobre vocês?

Antônia: Sei lá.

Louriene: Costuma participar de reuniões na comunidade?

Antônia: Não! Bem difícil.

Louriene: Existe alguma associação local? Que representa a comunidade?

Antônia: Uncum, não.

Louriene: O que você acha que deveria ter na comunidade para ajudar na sua permanência?

Antônia: O trabalho.

Louriene: Quais sugestões de trabalho? Que daria pra gerar renda pra comunidade?

Antônia: Colégio, merendeira, essas coisa, babá.

Louriene: O que você faz para melhorar a vida da juventude na comunidade?

Antônia: O que faria?

Louriene: Ou o que talvez você já faz né?

Antônia: Eu nem sei.

Louriene: Quais os conselhos que os seus pais dão para você?

Antônia: Ao diá, já deu tanto conselho que eu nem lembro mais (Risos).

Louriene: Quais tipos de conselho?

Antônia: Tipo, sai vai trabalhar (Risos).

Louriene: Esse é o tipo de conselho? (Risos)

Antônia: É porque é o mais que eu ouvi da minha mãe foi isso (Risos). Que aqui não têm trabalho, ai o que fala é isso.

Louriene: Qual é a sua expectativa de vida? O que você quer para sua vida?

Antônia: Mudança de vida, o trabalho essas coisas.

Louriene: Para que isso se realize, as condições da vida na comunidade, são melhores ou piores?

Antônia: Como assim?

Louriene: Pra que isso realize, né? As condições da vida na comunidade são melhores ou piores? Nessa linha que você tá falando de babá e tal.

Antônia: É melhores.

Louriene: Por que?

Antônia: acho que mais fácil pra zona rural esse ai é mais fácil.

José Francisco

Louriene: Nome completo? Idade?

José Francisco: Jose Francisco Rodrigues dos Santos, tenho 25 anos.

Louriene: Casado? Solteiro?

José Francisco: Casado.

Louriene: Têm filhos?

José Francisco: Têm, três.

Louriene: O que você faz na comunidade?

José Francisco: O que eu faço aqui na comunidade e mecher com roça, plantar mandioca, milho, essas coisas porque num gera outras coisas pra gente fazer, né? A não ser o plantio.

Louriene: O que você faz em casa? Você faz alguma coisa em casa?

José Francisco: Eu ajudo a mulher em casa, arrumar alguma coisa né? A gente fica mais é nas roças.

Louriene: Gosta de morar aqui?

José Francisco: Gosto.

Louriene: Por quê?

José Francisco: Aqui é porque é bom né? A gente foi nascido aqui. A gente tem que dá valor na comunidade da gente e ter uma boa esperança de continuar aqui.

Louriene: Participa de algum grupo cultural? Folia?

José Francisco: Não!

Louriene: Possui algum saber popular? Raízes e benzimentos.

José Francisco: Não esse ai num sei não.

Louriene: Como é que em casa com a família?

José Francisco: É bom né? Divertido ficar com a família, em casa né?

Louriene: Como é viver na comunidade?

José Francisco: Como é viver aqui?

Louriene: É!

José Francisco: Ah, viver é porque a gente foi nascido aqui, então, tem que continuar vivendo aqui. Dá valor aqui e continuar, né?

Louriene: Participa de festejos, cursos, vai a igreja?

José Francisco: Não! Às vezes eu vou na igreja, só! Às vezes, algumas vezes vou na igreja.

Louriene: Onde é a igreja?

José Francisco: Teresina.

Louriene: Do que você mais gosta na comunidade?

José Francisco: Do que mais gosta aqui? Uai do que mais gosto aqui é da mata né? Fresquinho né?

Louriene: Hanram.

José Francisco: E não deixar desmatar né? Que a melhor coisa aqui é a mata.

Louriene: Pretende viver por aqui?

José Francisco: Pretendo.

Louriene: Há algum plano para o futuro?

José Francisco: Uai, plano a gente tem demais mas a gente nem da conta.

Louriene: Quais os tipos de plano?

José Francisco: De plano?

Louriene: Hanram.

José Francisco: Se fala assim pra comunidade?

Louriene: Comunidade, vida pessoal.

José Francisco: Plano que eu tem pra comunidade é gerasse emprego né? Pra nós. Nem que tivesse uma firma grande pa gerar emprego pra o pessoal daqui, né? Pra num ta indo embora daqui é esse que é o meu plano de um dia ter aqui.

Louriene: Tem algum plano pessoal ou so comunidade?

José Francisco: Pra comunidade e mais que quiser envolver mais na comunidade, né?

Louriene: Tem alguma coisa que as pessoas mais velhas dizem sobre vocês? já ouviu?

José Francisco: Nunca ouvi assim não.

Louriene: Você costuma participar de alguma reunião na comunidade?

José Francisco: Não! Muito difícil eu ir em reunião.

Louriene: Quando você participa?

José Francisco: Às vezes quando tem da uma idinha lá.

Louriene: Existe alguma associação local?

José Francisco: Associação, assim pra.

Louriene: Associação local, existe alguma?

José Francisco: Exite, né?

Louriene: Quais são essa associação?

José Francisco: Mas aqui é muito pouca gente também é muito difícil assim ter sobre essas coisas né?

Louriene: Sabe o que ela faz? A associação?

José Francisco: Não!

Louriene: Você participa de alguma?

José Francisco: Não.

Louriene: O que você acha que deveria ter na comunidade para ajudar na sua permanência?

José Francisco: Ua aqui é um bom emprego, né? Pa ajudar a gente.

Louriene: O que você faz para ajudar a juventude na comunidade?

José Francisco: Não pode fazer nada né?

Louriene: No caso, participar de reuniões já seria algo né?

José Francisco: É

Louriene: Que você já taria fazendo né?

José Francisco: É.

Louriene: Quais os conselhos que os seus pais dão para você?

José Francisco: Ah! Os conselhos que os meus pais sempre me deu é estudar, terminasse os estudos pra mais na frente ter um emprego melhor, né? E, essas coisas que esse ia me dando essa idéia pra mim.

Louriene: Qual é a sua expectativa de vida?

José Francisco: Tantos planos que a gente nunca tem ideia, fica indeciso (Risos).

Louriene: Fala de alguns desses planos.

José Francisco: Qual é a pergunta mesmo?

Louriene: Qual é..

José Francisco: Ah, nem sei Louriene. Cada pergunta! que a gente da branco na cabeça.

Romario

Louriene: Seu nome completo? Idade?

Romario: Romario Pereira da Silva, 21 anos.

Louriene: Casado? Solteiro?

Romario: Solteiro.

Louriene: Têm filhos?

Romario: Não!

Louriene: O que você faz na comunidade?

Romario: Ah! Eu num faço é quase nada só jogar futebol mesmo (Risos). Aqui não tem serviço ua.

Louriene: O que você faz em casa?

Romario: Comer e dormir o único que ta tendo é isso.

Louriene: Gosta de morar aqui?

Romario: Um pouco.

Louriene: Por quê?

Romario: Porque aqui é muito ruim pra nois homem, né?

Louriene: Por que que é ruim pra vocês homens?

Romario: Aqui é devagar demais.

Louriene: Devagar. Por quê?

Romario: (Risos) Aqui é foda moço os povim é muito poquinho nem tem pra onde a gente andar direito. Tenso demais!

Louriene: Participa de algum grupo cultural?

Romario: Hunrum! Folia.

Louriene: O que cê faz?

Romario: Canto a curraleira.

Louriene: Então se canta curraleira, gira folia. Tem alguma coisa que cê faz? Tipo, além da fôlia de império, sussa?

Romario: Não! Sussa nois toca também.

Lucivam: (Lucivam irmão do Romario pergunta a ele bem baixinho: Cê disse que nois ia para Goiania esses dias, não saiu!).

Romario: Sair agora não!

Louriene: Você conhece algum saber popular?

Romario: Não mecho com esses trem não.

Louriene: Você mora com a família, como é?

Romario: Com a família.

Louriene: Quem?

Romario: Eu, ele e meus irmãos.

Louriene: Ah, ta. Entao, so você e seus irmãos não tem pai e mãe?

Romario: Não! Mae faleceu e Lucio não mora com nois.

Louriene: Como é viver na comunidade? Participa de festejo?

Romario: Nenhum deles, só na festa mesmo! igreja, aqui nem têm né? Se tivesse era bom pra gente ir, mas não tem.

Louriene: Do que você mais gosta na comunidade?

Romario: Do que mais gosto aqui dentro?

Louriene: É.

Romario: Aqui é so jogar bola que tem para nois que mais gosto de fazer jogar bola e assistir televisão.

Louriene: Pretende viver aqui?

Romario: Não!

Louriene: Onde se pretende viver?

Romario: Qualquer outro lugar num sendo aqui. Aqui pra mim não dá certo não.

Louriene: Há algum plano para o futuro?

Romario: (Risos) Plano eu tenho, altos planos pro futuro. Fazer curso aí.

Louriene: Curso de que?

Romario: Rapaz tem altas coisas boas aí que... Nem sei no momento.

Louriene: Mas o que assim você tem em mente?

Romario: Diplomata!

Louriene: Quais os planos assim você tem? Curso de quê?

Romario: Moço, rapaz, pode ser medicina.

Louriene: Medicina?

Romario: Aham!

Louriene: O que as pessoas mais velhas dizem sobre vocês jovens?

Romario: Dizem é muitas coisa aí

Louriene: O que eles falam assim?

Romario: Que é atoa, que num sei o que, que num sei o que.

Louriene: (Risos) Que vocês é atoa.

Romario: É o povo lá gosta de falar muito da gente aqui.

Louriene: Lá onde?

Romario: Lá no Limoeiro lá.

Lucivam: (Lucivam) interfere dizendo: tá trabalhando, falta morrer de trabalhar num pode andar um dia que já fala, - Cê é atoa demais.

Romario: Fulano tá atoa, vai trabalhar fulano.

Louriene: (Risos).

Lucivam: Até cachorro manda trabalhar, não vê cachorro trabalhando.

Romario: Os povo lá é tenso moço.

Louriene: Costuma participar de reuniões na comunidade?

Romario: Não!

Lucivam: Muito difícil nós ir ne reunião aqui.

Romario: É!

Louriene: Existe alguma associação local?

Romario: Existe nada!

Louriene: O que você acha que deveria ter na comunidade para ajudar na sua permanência?

Lucivam: Quadra de futebol.

Romario: Uma igreja, uma quadra de futebol, precisa ter altas coisas pra ajudar aqui. Mas é difícil né? O povo num ajuda.

Louriene: O que você faz para melhorar a vida da juventude aqui na comunidade?

Romario: O que eu faço?

Louriene: É!

Romario: Pra melhorar a vida da juventude aqui dentro. Ah! Eu num faço é nada!

Louriene: Quais os conselhos que os seus pais dão, deram para você?

Romario: Pra ser um rapaz direito, né? Num virar bandido, esses é o conselho que os pais dá né? Ser amigos de todos.

Louriene: Qual sua expectativa de vida?

Romario: Rapaz! Uma família. Uma mulher um fii (Risos).

Louriene: Para isso as condições...

Romario: Aqui dentro não é boa não! Pra isso não.

Louriene: Por quê?

Romario: Aqui pra gente ter uma família tem que tá trabalhando né? Pra manter. Aqui num tem serviço, aqui é difícil.

Louriene: Você já terminou o ensino médio?

Romario: Já!

Louriene: E ai você fica aqui o tempo todo ou sai? Como é a sua vida?

Romario: Uai, eu fico aqui uns dia outros dias vou no Alto Paraíso lá fazer uns bico e volto pra cá de novo.

Louriene: No que você trabalha?

Romario: Lá tem, depende do serviço que rolar lá. Se for foice, capina, mexer com laje, servente altos serviços lá. A gente tem que trabalhar né? É o que tá rolando.

Louriene: Você fica quanto tempo lá?

Romario: Fico lá uns dez dia, fico mais aqui do que lá.

Louriene: No caso, você sai mais quando ta precisando mesmo?

Romario: Hunrum!

Louriene: Vai pra lá e encontra serviço?

Romario: Tem vez que num encontra não, tem vez que cê fica lá dez dias, cê trabalha dois. E ai tem que voltar denovo. E difícil lá moço, tomem, vixe!

Louriene: Vocês tem alguma ajuda? De bolsa família? Alguma coisa assim?

Romario: Têm! Nós pega o Bolsa Família.

Louriene: De quanto mais ou menos.

Romario: Ua, é 238 mas com o limite 438.

Louriene: No caso, são quantos que tá envolvido no Bolsa Família?

Romario: Praticamente tava, tinha três pessoas. Eu, Rainara e Romilton. Mas aí eu terminei não sei se ainda tá.

Lucivam

Louriene: Seu nome? Idade?

Lucivam: Lucivam Pereira da Silva, 21 anos.

Louriene: Casado? Solteiro?

Lucivam: Não sou casado não mas tô namorando sério. Amigável!

Louriene: Tem filhos?

Lucivam: Tem um, graças a Deus!

Louriene: 1 (um)?

Lucivam: Tem um.

Louriene: Menino, menina?

Lucivam: Menino.

Louriene: O que você faz na comunidade?

Lucivam: Uai é igual Romario falou ai, é jogar bola, trabalhar alguns bico.

Louriene: Onde é que você trabalha?

Lucivam: Lá em casa mesmo, no quintal no que tiver lá, no que for fazendo lá nós vai fazendo devagazinho lá.

Louriene: No caso, você trabalha so aqui? Ou sai?

Lucivam: Sai também na hora que precisa.

Louriene: Pra onde você vai?

Lucivam: Mas é pro Alto.

Louriene: Alto Paraiso?

Lucivam: É!

Louriene: O que você faz em casa?

Lucivam: Comer, assistir televisão, deitar no sofá, de boa (risos).

Louriene: Gosta de morar aqui?

Lucivam: Gosto, não tem outro ponto né?

Louriene: Participa de algum grupo cultural?

Lucivam: Ua, fulião né?

Louriene: Você conhece algum saber popular?

Lucivam: Não! Conheço Eugenio ai (benzedor e raizeiro), ele nunca ensinou nada pra nós.

Louriene: Vocês pergunta?

Lucivam: Não! Nós sabe que ele meche mas nós num meche. Nunca perguntou não.

Louriene: Mas, assim, as vezes vocês precisa saber algum remédio, vocês pergunta?

Lucivam: Pergunta.

Louriene: Como é em casa com a família?

Lucivam: Ua é bom.

Louriene: Tem um bom relacionamento?

Lucivam: Tem! Irmão sempre é brigando mas é assim mesmo.

Louriene: Como é viver na comunidade?

Lucivam: É bom!

Louriene: Participa de festejo, cursos.

Lucivam: Não! Na igreja nós vamo não. É festa mesmo.

Romario: Aqui num tem né Lú? Se não era bom a gente ir.

Lucivam: Então!

Lucivam: Tem só em Teresina sair daqui todo dia pra ir na igreja é muito dinheiro que gasta.

Louriene: Do que você mais gosta na comunidade?

Lucivam: Ua, jogar uma bolinha de tarde, na hora dessa nós tivesse lá tava jogando (Risos).

Louriene: Pretende viver aqui?

Lucivam: Pretendo.

Louriene: Há algum plano para o futuro?

Lucivam: Não!

Louriene: O que as pessoas mais velhas dizem sobre vocês?

Lucivam: Ua, andar na linha reta, né?

Louriene: Costuma participar de reuniões na comunidade?

Lucivam: Não!

Louriene: O que você acha que deveria ter na comunidade para ajudar na sua permanência?

Lucivam: Ingreja, né?

Louriene: Igreja?

Lucivam: Ingreja, uma quadra de esporte de cimento.

Louriene: O que você faz para melhorar a vida de você aqui na comunidade? A vida da juventude na comunidade?

Lucivam: Num faz é nada, só observo.

Louriene: Quais os conselhos que os seus pais dão para você?

Lucivam: Uai conselho, sempre conselho bom né? Todo conselho de pai e mãe é bom, é bom demais.

Louriene: Que tipo de conselho bom?

Lucivam: Andar correto, num correr pro rumo da bandidagem.

Romario: Ser amigo de todos.

Louriene: Qual sua expectativa de vida?

Lucivam: Ua o que eu queria eu já tenho, meu filho né? Que é Lucas.

Louriene: Lucas?

Lucivam: É!

Romario: E saúde né Lú?

Lucivam: Então, e dinheiro pra gastar.

Romario: Paz.

Romario: Dinheiro também é bom!

Lucivam: É uai.

José Fernando

Louriene: O seu nome completo.

José Fernando: José Fernando Pereira das Virgens.

Louriene: Idade?

José Fernando: 23 anos.

Louriene: Casado? Solteiro?

José Fernando: Solteiro.

Louriene: Têm filhos?

José Fernando: Não!

Louriene: O que você faz na comunidade?

José Fernando: Eu fico mais é aqui em casa mesmo parado, fazendo nada (Risos).

Louriene: Mas você trabalha fora?

José Fernando: Às vezes eu vou

Louriene: Onde você trabalha?

José Fernando: Aqui perto, aqui nas fazendas aqui perto mesmo, perto de Teresina.

Louriene: O que você faz nas fazendas?

José Fernando: É roçada é cerca de arrame.

Louriene: O que você faz em casa?

José Fernando : Pra ajudar mãe?

Louriene: É.

José Fernando: Panho lenha, lavo vazia.

Louriene: Tem algo mais que você ajuda ela? Além disso?

José Fernando: Questão financeira não, no ajudo não (Risos).

Louriene: Gosta de morar aqui?

José Fernando: Gosto, ante que é bom morar aqui na Ema.

Louriene: Por que assim?

José Fernando: Porque aqui é mais calmo né? No tem violência.

Louriene: Participa de algum grupo cultural?Folia, império? Alguma coisa tradicional?

José Fernando: Não!

Louriene: Você conhece algum saber popular? Povo kalunga? Tipo raízes, benzimento?

José Fernando: Não!

Louriene: Como é em casa com a família?Dá você dá opinião para os seus pais em alguma coisa?

José Fernando: Não, nunca cheguei nesse ´ponto ainda não, nunca dei opinião pra meu pai e nem minha mãe ainda não.

Louriene: Por que assim?

José Fernando: Também eles não pede, sabe? Num falo também.

Louriene: Há um bom relacionamento entre você?

José Fernando: É, é bão.

Louriene: Como é viver na comunidade? Participa de festejos, cursos, vai a igreja?

José Fernando: Não, participo não, nem de curso, igreja também num vou.

Louriene: Na comunidade há cursos?

José Fernando: Ua tem vezes ai que aparece falando ai mas eu nunca fiz curso não.

Louriene: Do que você você mais gosta na comunidade?

José Fernando: Daqui de dentro mesmo? Aqui?

Louriene: É, do que você mais gosta?

José Fernando: Do que mais gosto aqui é jogar bola mesmo (Risos).

Louriene: A outra coisa que você gosta? Alguma coisa da comunidade que você gosta?

José Fernando: Huncum (Risos).

Louriene: Pretende viver aqui?

José Fernando: Não, eu quero sair.

Louriene: Pra onde?

José Fernando: Goiânia, né? Tentar uma vida melhor. Vê se consegue alguma coisa melhor.

Louriene: Há algum plano pra o futuro?

José Fernando: Ah! Eu tô pensando ainda (Risos).

Louriene: No que assim?

José Fernando: Assim mais na frente a gente ainda tá meio confuso, né (Risos). Pensar mais, começar trabalhar aí a gente pensa mais no futuro.

Louriene: O que as pessoas mais velhas dizem sobre vocês jovens?

José Fernando: Eles falam que a gente tem que ser mais... Ter mais respeito um com os outro, tanta coisa (Risos). Até agora eu esqueci.

Louriene: Costuma participar de reuniões na comunidade?

José Fernando: Não, não vou assim quase.

Louriene: Por quê?

José Fernando: Uai aqui também quase não tem, e quando tem (risos) eu não vou.

Louriene: Existe alguma associação local?

José Fernando: Não!

Louriene: Sabe o que ela faz uma associação?

José Fernando: Não, não sei.

Louriene: O que você acha que deveria ter na comunidade para ajudar na sua permanência?

José Fernando: Ah! Eu to sem ideia do que poderia ter agora, nunca parei pra pensar assim, sobre isso.

Louriene: O que você faz para melhorar a vida da juventude na comunidade?

José Fernando: Eh (Risos), tem que estudar né? Que essa juventude aí tem que ter estudo si não, não tem logica né? Não tem como melhorar não.

Louriene: Quais os conselhos que os seus pais dão para você?

José Fernando: Esi já falaram que tem que ser mais educação, respeitar os mais velho, sempre andar no certo.

Louriene: Qual é a sua expectativa de vida? O que quer para sua vida?

José Fernando: (Risos) Expectativa de vida.

Louriene: O que você quer para sua vida?

José Fernando: (Risos).

Louriene: Algum plano que você tem para sua vida?

José Fernando: Tem planos né? Que a gente vê se consegue os plano ai, ve se melhora, dá uma melhorada na vida.

Louriene: Mas, tem alguns assim... Que você tá pensando no momento?

José Fernando: Trabalhar memo, sair da Ema, começar a trabalhar.

Louriene: Você já terminou o ensino médio?

José Fernando: Eu num terminei ensino médio não.

Louriene: Você parou em que série?

José Fernando: 9º ano.

Louriene: Pretende continuar?

José Fernando: Eu tava querendo voltar, estudar, terminar o ensino médio.

ANEXO A – FOTOS CONCERNENTES À DINÂMICA DA PESQUISA

Figura 18 - Senhora Prima e Louriene.



Fonte: Foto de Raquel.

Figura 19 - Análise das falas dos entrevistados.



Fonte: Foto de Jociele.

Figura 20 - Entrevista com os jovens da Comunidade Ema.



Fonte: Foto de Crislayne.

Figura 21- Autorização dos entrevistados

José Francisco Rodrigues dos Santos
 Prima Pereira das Virgens
 Antonia Pereira da Silva

Romão Honorato Alves
 José Fernando Pereira das Virgens
 Efigênia Pereira Alves
 Lucien Carlos da Silva

Romário Pereira da Silva
 Roguel Rodrigues dos Santos

Agemira Fernandes dos Santos

Silma Pereira dos Santos

Norman Fernandes dos Santos

Ranrille Fernandes de Castro